

**OSWALD
DE ANDRADE**

OBRAS COMPLETAS - 8

TEATRO

A MORTA

**O REI
DA UELA**

**O HOMEM
E O CAVALO**



OSWALD DE ANDRADE, TEATRÓLOGO

Oswald de Andrade interessou-se pelo gênero teatral em sua mocidade. Publicou em 1916, de parceria com Guilherme de Almeida, duas peças em francês: *Leur âme* e *Mon cœur balance*. Promoveu e badalou o mais que pôde esses dois textos, lendo-os nos salões literários de S. Paulo e, depois, no Rio, na Sociedade Brasileira de Homens de Letras. Fez mais: ofereceu o volume ao famoso ator Lucien Guitry, então em *tournée* pelo Brasil, dele recebendo carta em que afirmava ter tido o mais vivo prazer na leitura e elogiava o diálogo "*charmant, vif, léger*". Um ato de uma delas chegou a ser representado, sem nenhum êxito, por uma companhia francesa que, naquele tempo, se exibia no Teatro Municipal paulista.

Só muitos anos depois, Oswald voltou a praticar a literatura cênica, publicando em 1934 a peça *O homem e o cavalo*, que escreveu para o Teatro de Experiência de Flávio de Carvalho. Esse "espetáculo em 9 quadros", como o autor o denomina, inicia-se com grande verve e rica inventiva à Jarry. Nos primeiros momentos, tem o ar de uma transposição feérica, surrealista e de grande teatralidade do espírito de Serafim Ponte Grande. Mas, na continuação, Oswald deixa-se dominar pelo seu engajamento ideológico. Resultado: aos olhos de hoje *O homem e o cavalo* parece antes ingênuo prosa político, documento de uma época de efervescente busca de caminhos, quando a esquerda e a direita festivas às vezes se engalfinhavam em truculentas re-

TEATRO

1980

Coleção
VERA CRUZ
(Literatura Brasileira)
Volume 147-G



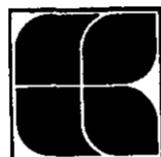
OSWALD DE ANDRADE
Obras Completas

VII
TEATRO

A morta
Ato lírico em três quadros

O rei da vela
Peça em três atos

O homem e o cavalo
Espetáculo em nove quadros



civilização
brasileira

Exemplar N° 1333

Desenho de capa:

DOUNÈ

Diagramação:

LÉA CAULLIRaux

Direitos desta edição reservados à
EDITORIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua da Lapa, 120 — 12º andar
RIO DE JANEIRO — GB.

1973

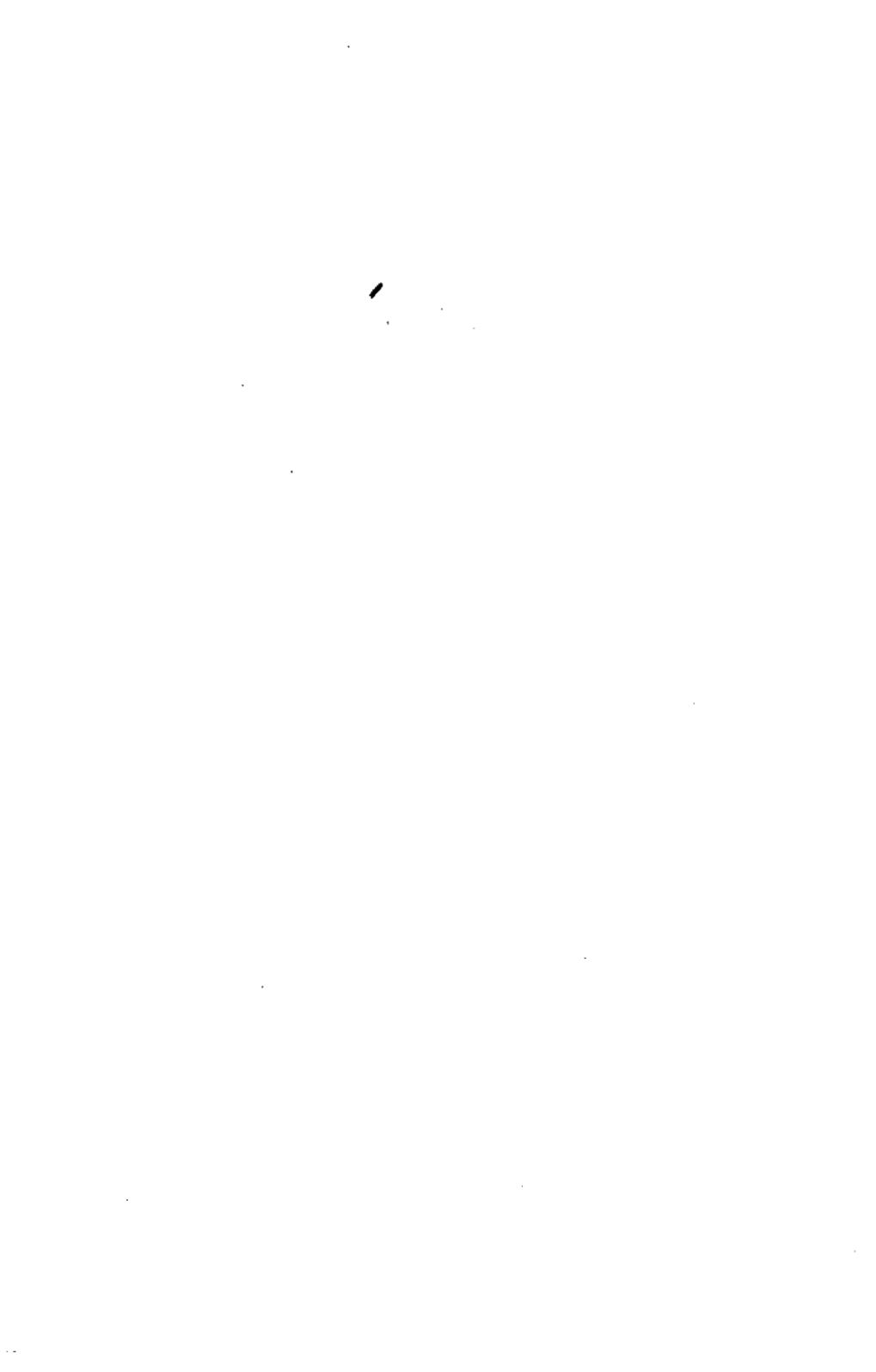
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Obras completas de Oswald de Andrade

1. Os CONDENADOS (*Alma / A Estrela de Absinto / A Escada*) – Romances.
2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR / SERAFIM PONTE GRANDE – Romances.
3. MARCO ZERO: I – *A Revolução Melancólica* – Romance.
4. MARCO ZERO: II – *Chão* – Romance.
5. PONTA DE LANÇA – Polêmica.
6. DO PAU-BRASIL À ANTROPOFAGIA E ÀS UTOPIAS (*Manifesto da Poesia Pau-Brasil / Manifesto Antropófago / Meu Testamento / A Arcádia e a Inconfidência / A Crise da Filosofia Messiânica / Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial / A Marcha das Utopias*) – Manifestos, teses de concursos e ensaios.
7. POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE (*Pau-Brasil / Caderno do Aluno de Poesia e outras*) – Poesias.
8. TEATRO (*A Morta / O Rei da Vela / O Homem e o Cavalo*)
9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: SOB AS ORDENS DE MAMÃE – Memórias e Confissões.
10. TELEFONEMAS – Crônicas e polêmica.
11. ESPARSOS.

Sumário

Carta-prefácio do autor	3
A morta	5
O rei da vela	57
O homem e o cavalo	123



A morta foi escrita em São Paulo, em 1937. *O rei da vela* em Paquetá, em 1933.

Carta-Prefácio do Autor

Julieta Bárbara

Dou a maior importância à MORTA em meio da minha obra literária. É o drama do poeta, do coordenador de toda ação humana, a quem a hostilidade de um século reacionário afastou pouco a pouco da linguagem útil e corrente. Do romantismo ao simbolismo, ao surrealismo, a justificativa da poesia perdeu-se em sons e protestos ininteligíveis e parou no balbucionamento e na telepatia. Bem longe dos chamados populares. Agora, os soterrados, através da análise, voltam à luz, e, através da ação, chegam às barricadas. São os que têm a coragem incendiária de destruir a própria alma desvairada, que neles nasceu dos céus subterrâneos a que se acoitaram. As catacumbas líricas ou se esgotam ou desembocam nas catacumbas políticas. A você, que é a minha companheira nessa difícil aterrissagem, dedico A MORTA.

Oswald de Andrade

São Paulo, 25.4.37.



A morta
Ato lírico em três quadros

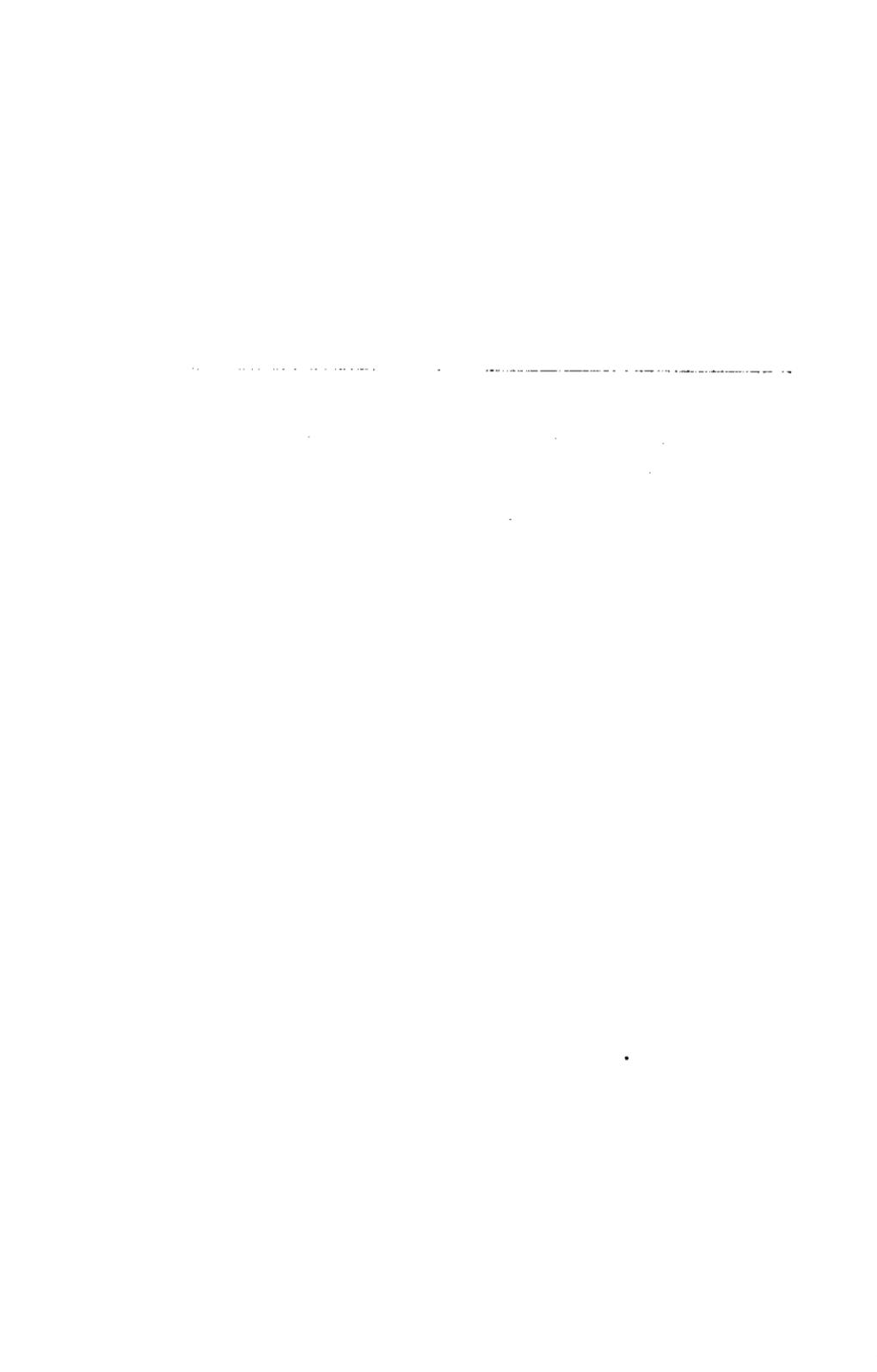
Compromisso do Hierofante

O HIEROFANTE (*Surgindo na avant-scène, senta-se sobre a caixa do ponto.*) — Senhoras, senhores, eu sou um pedaço de personagem, perdido no teatro. Sou a moral. Antigamente a moralidade aparecia no fim das fábulas. Hoje ela precisa se destacar no princípio, a fim de que a polícia garanta o espetáculo. E se estiole o rictus imperdoável das galerias. Permanecerei fiel aos meus propósitos até o fim da peça. E solidário com a vossa compreensão de classe. Coisas importantes nesta farsa ficam a cargo do cenário de que fazeis parte. Estamos nas ruínas misturadas de um mundo. Os personagens não são unidos quando isolados. Em ação são coletivos. Como nos terremotos de vosso próprio domicílio ou em mais vastas penitenciárias, assistireis o indivíduo em fatias e vê-lo-eis social ou telúrico. Vossa imaginação terá de quebrar tumultos para satisfazer as exigências da bilheteria. Nosso bando precatório é esfomeado e humano como uma trupe de Shakespeare. Precisa de vossa corte. Não vos retireis das cadeiras horrorizados com a vossa autópsia. Consolai-vos em ter dentro de vós um pequeno poeta e uma grande alma! Sede alinhados e cínicos quando atingirdes o fim de vosso próprio banquete desagradável. Como os loucos, nos comoveremos por vossas controvérsias. Vamos, começai!



1.º QUADRO

O país do indivíduo



Personagens dramáticos

BEATRIZ

A OUTRA DE BEATRIZ

O POETA

O HIEROFANTE

QUATRO MARIONETES

CORRESPONDENTES

A ENFERMEIRA SONÂMBULA

A cena se desenvolve também na platéia. O único ser em ação viva é A Enfermeira, sentada no centro do palco em um banco metálico, demonstrando a extrema fadiga de um fim de vigília noturna. Ao fundo, arde uma lareira solitária. Está-se num cenáculo de marfim, unido, sem janelas, recebendo a luz inquieta do fogo. Em torno da Enfermeira, acham-se colocadas sobre quatro tronos altos, sem tocar o solo, Quatro Marionetes, fantasmais e mudas, que gesticulam exorbitantemente as suas aflições, indicadas pelas falas. Estas partem de microfones, colocados em dois camarotes opostos no meio da platéia. No camarote da direita, estão Beatriz, despida, e A Outra, num manto de negra castidade que a recobre da cabeça aos pés. No da esquerda, O Poeta e O Hierofante, caracterizados com extrema vulgaridade. Expressam-se todos estáticos, sem um gesto e em câmara lenta, esperando que as Marionetes a eles correspondentes, executem a mímica de suas vozes. Sobre os quatro personagens da platéia, jorram refletores no teatro escuro. É um panorama de análise.

A OUTRA — Somos um colar truncado.

O POETA — Quatro lirismos...

BEATRIZ — E um só lírio doente...

O POETA — No país dissociado...

A OUTRA — Da existência estanque...

BEATRIZ — Não te assustes, Outra!

A OUTRA — Sou a imagem impassível onde ondulam tuas cargas...

BEATRIZ — Minha imagem frustrada.

A OUTRA — O silêncio é necessário à nossa amizade.

O POETA — Toda mudez termina no útero de amanhã.

A OUTRA — Estão batendo.

O POETA — Aqui não há portas.

BEATRIZ — Abre aquela porta.

O POETA — No meio da mágica.

BEATRIZ — Nunca se sabe quem é que está batendo.

A OUTRA — É perigoso abrir toda porta.

O POETA — A porta dá sempre na jaula.

BEATRIZ — Só o papa pode abrir.

O POETA — O que haverá atrás de uma porta?

A OUTRA — Abre a porta! *Chi lo sá!*

O POETA — Pode ser a girafa, o oficial de justiça, a metralhadora, a poesia!

BEATRIZ — Nunca abra.

A OUTRA — Eu me jogo seminua da minha posição social abaixo.

BEATRIZ — Entras pela janela equívoca de meu ser, poeta!

O POETA — És o belo horrível!

A OUTRA — Praticamente este edifício só tem forros fechados.
Habitamos uma cidade sem luz direta — o teatro.

O POETA — Se te atirasses do primeiro impulso não morrerias inteira.

BEATRIZ — Permaneceria aleijada e bela diante de ti vendendo pedaços de meu espetáculo.

A OUTRA — Ganharíamos dinheiro.

BEATRIZ — Me arrastarias torta e bela pelas ruas como a tua
musa quebrada!

A OUTRA — Seria a irradiação do meu climal

O POETA — Qual dos crimes?

BEATRIZ — Fui violada como uma virgem!

A OUTRA — Estão batendo outra vez, escutem...

O POETA — Vou abrir. Não vou.

BEATRIZ — Tens medo que seja um personagem novo!

O POETA — Ou de cair num país de fauna mirrada...

O HIEROFANTE — Não é preciso abrir, eu já estava aqui.

BEATRIZ — É o meu professor de jiu-jitsu.

A OUTRA — Deite-se porque a sua camisola é de vidro.

BEATRIZ — Me ame! Por favor!

O HIEROFANTE — Faze-te gostar por um velho com dinheiro...

O POETA — Este quarto está incrustado de febres.

BEATRIZ — Eu sou uma grande flor no leito de um açude...

O HIEROFANTE — *Bon giorno!*

BEATRIZ — Me ame por caridade!

O HIEROFANTE — Onde estamos, em que capítulo?

O POETA — Hospital? Óvulo? Teia de aranha?

BEATRIZ — Navegamos num rio preso!

A OUTRA — Tenho medo de ser um cadáver em vez de dois
seres vivos!

O HIEROFANTE — Forneço a consciência dos incuráveis.

O POETA — A volta ao trauma...

A ENFERMEIRA SONÂMBULA (*Levanta-se devagar ao fundo.*)
— Madre, na calada de uma noite de enfermagem, esgano
a doente que me confiaste. (*Senta-se.*)

BEATRIZ (*Soluçando.*) — Ai! concede-me o último beijo! Ai!
Não quero morrer sem o último beijo!

A OUTRA — Não admito que faça isto de barulho! Morra como
Napoleão.

BEATRIZ — Querem transformar o mundo!

A OUTRA — Através de absurdas catástrofes...

O POETA — As classes possuidoras expulsaram-me da ação.
Minha subversão habitou as Torres de Marfim que se transformaram em antenas...

O HIEROFANTE — É a reclassificação...

BEATRIZ — No último beijo direi que preciso de ti.

O POETA — O meu ânimo se torna o ânimo de um condenado à morte... a febre cai com a primeira meia tinta fria da noite. Dou por encerrada a nossa vida amarga e tumultuária. Mas sinto as reações térmicas da insônia. O delírio de novo crepita nos meus membros nervosos!

A OUTRA — Onde não há plano, não há sanção.

O POETA — Há sempre dois planos e um espetáculo.

BEATRIZ — Sinto a voragem... a voragem que vai esfriando a gente antes de cair.

O POETA — Oh! inflexível? oh! obsoluta Desmoronas na ação!

A OUTRA — Que vês, poeta?

O POETA — Há uma fresta na tua imagem. Uma fresta. Está aberta a porta do teu quarto tenebroso! Mas não há ninguém dentro dele.

BEATRIZ — Há o outro homem, o ciúme e a ameaça permanente da vida...

A OUTRA — Há, um grande sádico, um sacerdote no circo...
No plenário do circo...

Quero denunciar! quero! Que sexualidade crescente!
Aquele aparelho um prolongamento do corpo dele.
A sua cara de orgasmo! Fundemos um tribunal.

BEATRIZ — Foi na sala cirúrgica. A pureza me envovia como algodão. E o pai da minha primeira experiência digital!

O POETA — Sinto um suspiro imenso pelo teu corpo em posição...

O HIEROFANTE — Ginecológica... A fantasia é sempre um pára-quedas.

O POETA — Arte é outra realidade...

BEATRIZ — Mas eu serei um cadáver rebelde. Não me deixe enterrar!

A OUTRA — Vives enterrada em ti diante do espelho!

O POETA — És sempre uma Vitória de Samotrácia, com os olhos e os cabelos presos a um horizonte sem fundo.

A OUTRA — Eu sou a perspectiva.

BEATRIZ — Não ouço nada... senão os meus gritos, um atropelo e o silêncio...

O POETA — Paz a teu corpo!

A ENFERMEIRA — Quem a tratará?

O HIEROFANTE — Quando a morte resvala por nós, a vida torna-se grandiosa.

BEATRIZ — Somos almas!

O POETA — Ninguém, como eu, tem a compreensão absoluta da destruição. Cansada e vigilante ela espreita o homem.

BEATRIZ — Existo para o bem e para o mal.

O POETA — Respiraste o cheiro perigoso da liberdade.

BEATRIZ — Venho de terras simples.

A OUTRA — Essa incapacidade de se mortificar...

BEATRIZ — Por que nasci? Me digam? Me expliquem? Não queria nascer. Sou um pobre sexo amputado do seu tronco econômico... (*Chora*.) Nunca pensei que a vida fosse resistência. Ou me mato ou me isolo na parede de um bordel.

O HIEROFANTE — As conjurações. As óperas. As hipnoses.

A OUTRA — Amaldiçoada natureza!

BEATRIZ — Amaldiçoada hora que me criou! Tu, poeta, não passas de um ser vivo. Devíamos ter juntos uma bela coragem.

O HIEROFANTE — Qual?

BEATRIZ — Nos amarmos num necrotério lavado.

O POETA — Meu coração não sente ainda a força atrativa da morte...

A OUTRA — Foste tu poeta que preparaste para Beatriz os caminhos evasivos da liberdade.

BEATRIZ — Eu queria saber se era para outro humano a Inspiração...

O POETA — Desmarchaste meu sonho infantil.

BEATRIZ — Atiro-me em flexa maravilhosa para ti...

O POETA — És maternall! Que madrugada de amor vamos ter, cotovia!

O HIEROFANTE — A última noite é sem dia seguinte...

A OUTRA — A mulher não é somente um frasco físico.

O HIEROFANTE — O sexual é a raiz da vida. Aí tropeçam um no outro o mundo velho e o novo.

BEATRIZ — Quero e não quero.

A OUTRA — Hesito.

BEATRIZ — Tenho fome.

A OUTRA — Ela quer ganhar o pão leviano!

BEATRIZ — Meu pai.

O HIEROFANTE — Foi o sexual que inventou o jazigo de família e a casa...

BEATRIZ — Quero ser um espetáculo para mim mesma!

A OUTRA — És uma flor irascível.

O HIEROFANTE — Só é possível um acordo no sexual.

O POETA — A poesia é desacordo entre os conceitos.

BEATRIZ — Um terreno fofo, Poetal

O POETA — Perco-me no paul do movimento.

O HIEROFANTE — O poeta mergulha na percepção...

O POETA — Só a cicuta de Sócrates salvará o mundo.

O HIEROFANTE — A data mais importante da história é a que pôs o homem entre a ação e Deus!

O POETA — Entre o seu ser animal e o seu ser social.

A OUTRA — Eu sou o *Alter ego*.

O POETA — Eu, o oposto de Beatriz... a raiz dialética de seu ser.

BEATRIZ — Progrido para a morte nos teus braços. E te encontro no seio tumultuoso da natureza. Sou um elemento dela como a lua num ramo de árvore.

O HIEROFANTE — O homem compreendeu a responsabilidade econômica de matar.

O POETA — O sonho fê-lo acordado criar a primeira jaula.

O HIEROFANTE — A primeira ética.
A OUTRA — A jaula de si mesmo...
O HIEROFANTE — Os vegetarianos querem retroceder na primitiva direção. Comer da Árvore da Vida, em pratos industriais.
BEATRIZ — Em jaulas...
O POETA — Por que insistes?
BEATRIZ — Não há argumento que demova o amor...
A OUTRA — No amor só existe o que há de pior no homem.
O POETA — É a volta do troglodita — violenta e periódica.
O HIEROFANTE — Para garantir a espécie enjaulada. O sexual é o radical da vida. Sua essência é a brutalidade. O amor é a quebra de toda ética, de toda evolução...
A OUTRA — É a pessoa distinta que escuta atrás da porta, viola correspondência, manda cartas anônimas e mata nos jornais... Eu nunca fiz isso...
BEATRIZ — O amor é o quero-porque-quero...
A OUTRA — Quem gritou?
BEATRIZ — Não foi aqui.
O POETA — Tua madrugada será assim.
A OUTRA — És o presságio, poeta!
O POETA — Sou a classe média. Entre a bigorna e o martelo, fiquei o som!
O HIEROFANTE — Alma que esguichá enclausurada.
BEATRIZ — Sem mim morrerias calado.
O POETA — Viverei na Ágora. Viverei no social. Libertado!
BEATRIZ — Sou a raiz da vida, onde toda revolução desemboca, se espraia e pára.
O POETA — Um dia se abrirá na praça pública o meu abscesso fechado! Expor-me-ei perante as largas massas...
A OUTRA — E o sexo? O inimigo interior!
O POETA — Deixarei os pequenos protestos — o chapéu grande, a cabeleira faustosa: falarei a linguagem comprehensível da metralha.
BEATRIZ — Existe uma frente única...

- O HIEROFANTE — O país oficial de Freud...
- O POETA — Não haverá progresso humano, enquanto houver a frente única sexual.
- BEATRIZ — Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo, Poeta!
- O POETA — Porque me retempero no teu útero materno.
- BEATRIZ — Tenho medo.
- O POETA — No mundo sem classes o animal humano progredirá sem medo.
- A ENFERMEIRA — Sabes o que é medo?
- O HIEROFANTE — É o sentimento inaugural.
- O POETA — É o sentimento de insegurança do feto na vida aquosa da geração.
- A OUTRA — Vi uma luz.
- O POETA — É a lua sobre o mar inexistente que nos rodeia.
- BEATRIZ — Estou obscura como uma idéia religiosa.
- O POETA — És a noite. Carrego nos meus ombros o teu desequilíbrio glandular.
- A OUTRA — A cegueira mora em tua histeria!
- BEATRIZ — Horror! horror! Resolve a minha questão econômica antes que eu morra em plena mocidade!
- A OUTRA — Alguém entrou? Censurarei quem for...
- O HIEROFANTE — Pela porta que não existe.
- A ENFERMEIRA SONÂMBULA (*Levantando-se.*) — É a hora métrica.
- BEATRIZ — Mereço todas as coisas lindas da vida... As coisas lindas da morte.
- O HIEROFANTE — No plano da sociedade esquizofrênica.
- O POETA — Toda a minha produção há de ser protesto e embellezamento enquanto não puder despejar sobre as brutalidades coletivas a potência dos meus sonhos!
- A OUTRA — Emparedado! Criaste uma grande doença!
- BEATRIZ — Meu *rapin!*
- O POETA — A construção do romantismo habita este quarto...
- BEATRIZ — Que sou eu?

O POETA — A psique irreconhecível...
O HIEROFANTE — O nascimento da alma.
O POETA — O subterrâneo que a sociedade ordena. Um dia
serei reconduzido à atmosfera...
BEATRIZ — Estamos fora do social!
O POETA — A polícia só me permite esbravejar no teu dramá-
tico interior.
O HIEROFANTE — Poeta!
O POETA — Eles tomaram o Estado, eu fiquei com a mulher.
Criei uma alma de cova.
Por isso busco o drama e busco o teu cheiro.
BEATRIZ — Cantas a tua missa de corpo presente!
O POETA — Minha vida reduzida, prisioneira, entumulada.
BEATRIZ — Sou a mulher de mármore dos cemitérios.
O HIEROFANTE — Pise baixo... devagar.
A ENFERMEIRA — Um golpe de jiu-jitsu, pronto.
O POETA (*Num grito longo.*) — Tu me mastigas noite tene-
brosa!

A Enfermeira senta-se.

O HIEROFANTE — *Consumatum!!*
O POETA — Guerra à sua alma.
A ENFERMEIRA — É preciso desfazer todo sinal do drama...
O HIEROFANTE — Não há perigo. Recomponhamos o cadáver.
É um piedoso dever. Juntemos os seus membros esparsos,
os cabelos, os dentes.
BEATRIZ — Meu amor.
O POETA — Não é possível mais...
BEATRIZ — Por quê?
O POETA — O professor te dissociou. Fujamos. Não há crime
ainda visível.
A ENFERMEIRA — Na aurora virão buscar os restos do chá da
meia-noite.
BEATRIZ — O amor é o quero-porque-quero da vida.
O HIEROFANTE — O criador do irremediável.

O POETA — Que diz agora o teu coração? Para justificar-te!
BEATRIZ — Vive do medo de te ter perdido!

O POETA — Quebraste o elo.

BEATRIZ — Não poderei fazer nada sem ti, sem o teu calor,
a tua adoração.

O POETA — Quebraste a porta fechada...

O HIEROFANTE — Complexo de que faço a máscara.

O POETA — E eu a ruptura...

O HIEROFANTE — Darei sempre a visão oficial.

O POETA — Enquanto eu bradar o canto noturno do emparedado. Um canto desconexo. Interior como o sangue. As comunicações cortadas com a vida!

BEATRIZ (*Chorando.*) — Desfiguraste-me sob as tintas efusivas
do amor.

O POETA — Fizeram-me abandonar a Ágora para viver sobre
mim mesmo de mil recursos improdutivos. Eu quero voltar
à Ágora.

O HIEROFANTE — A realidade molesta os humanos.

O POETA — Eu sou um valor sem mercados. Criaram o sentimento e o tornaram um valor excluído da troca.

BEATRIZ — És o augúrio, poeta!

O POETA — Encontrarão aqui a tua imagem silenciosa.

BEATRIZ — Eu sou a lealdade sem sentido!

O POETA — No bem como no mal.

BEATRIZ — Não te deixo...

O POETA — Melancolia! Feita de luar e de onda noturnal
Quem te definirá?

O HIEROFANTE — No país do Ego...

BEATRIZ — Por que acreditas em mim?

O HIEROFANTE — És insolúvel sem a censura.

BEATRIZ — Tanto algodão e tanto sangue!

O HIEROFANTE — Vou para o país sem dor. Longe das conjurações e das óperas!

O POETA — Ficarás nesse garfo gelado.

BEATRIZ — Socorro!

O HIEROFANTE — Ninguém te ouvirá no país do indivíduo!

O POETA — Quando a morte resvala por nós, a vida torna-se grandiosa.

BEATRIZ — Dá-me um epitáfio, poeta!

O POETA — Diante do espelho, és sempre a Vitória de Samotrácia, com os olhos e os cabelos presos a um horizonte sem fundo.

BEATRIZ — Fujamos. Foi a outra que morreu!

O HIEROFANTE — Sopra para sempre o comutador noturno.

O POETA — Meu álibi! Meu secular álibi!

TELA

29 QUADRO

O país da gramática

Personagens dramáticos

O POETA

BEATRIZ

HORÁCIO

O CREMADOR

O HIEROFANTE

O JUIZ

UMA ROUPA DE HOMEM

GRUPO DE CREMADORES

GRUPO DE CONSERVADORES DE CADÁVER

MORTOS

VIVOS

O TURISTA PRECOCE

O POLÍCIA POLIGLOTA

*A cena representa uma praça onde vêm desembocar
várias ruas.*

Um grupo de gente internacional passa ao fundo.

O TURISTA PRECOCE — Faz favor. Quem são aqueles?

O POLÍCIA — Um russo, um alemão, um japonês, um italiano,
um nacional...

O TURISTA — Que são?

O POLÍCIA — Nomes comuns. É a grande reserva humana de
onde se tira para a ação, o sujeito...

O TURISTA — São vivos?

O POLÍCIA — Vivos todos.

Um grupo de gente amortalhada atravessa a cena.

O TURISTA — E aqueles?

O POLÍCIA — São os mortos.

O TURISTA — Vivem juntos? Vivos e mortos?

O POLÍCIA — O mundo é um dicionário. Palavras vivas e vocá-
bulos mortos. Não se atracam porque sómos severos vigi-

lantes. Fechamo-los em regras indiscutíveis e fixas. Fazemos mesmo que estes que são a serenidade tomem o lugar daqueles que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os códigos...

O TURISTA — E os vivos reclamam?

O POLÍCIA — Mais do que isso. Querem que os outros desapareçam para sempre. Mas se isso acontecesse não haveria mais os céus da literatura, as águas paradas da poesia, os lagos imóveis do sonho. Tudo que é clássico, isto é, o que se ensina nas classes...

O TURISTA — Com quem tenho a honra de falar?

O POLÍCIA — Com a polícia poliglota.

O TURISTA — Oh! que prazer! O senhor sou eu mesmo na voz passiva. Na minha qualidade de turista falo sete línguas, nesta idade! E não tenho mais governante!

O POLÍCIA — Também falo sete línguas, todas mortas. A minha função é mesmo essa, matá-las. Todo o meu glossário é de frases feitas...

O TURISTA — As mesmas que eu emprego. Nós dois, só conseguimos catalogar o mundo, esfriá-lo, pô-lo em vitrine!

O POLÍCIA — Somos os guardiães de uma terra sem surpresas.

O TURISTA — E querem transformá-la! Absurdo! Não é melhor assim? Sabemos onde estão a torre de Pisa, as Pirâmides, o Santo Sepulcro, os cabarés...

O POLÍCIA — Nossa desgraça seria imensa se subvertessem a ordem estabelecida nos Bedekers. Desconheceríamos as pedras novas da vida, os feitos calorosos da rebeldia. Não distinguiríamos mais fronteiras e alfândegas... Perderíamos o pão e a função.

O TURISTA — E nós, os ricos, os ociosos, onde passear as nossas neurastenias, os nossos reumatismos? Onde? Perderíamos toda autoridade.

Vozes ao fundo.

Os CREMADORES — Abaixo os mortos! Limpemos a terra! Abaixo!

O POLÍCIA — De um tempo para cá, não sei porque agravou-se a contenda. Creio que os vivos cresceram, agora querem

se emancipar. Os mortos os agrilhoam à indústria. E eles querem ocupar fábricas, cidades e o mundo... Ingratos. Não sabem que, sem os mortos, eles não teriam tudo, emprego, salários, assistência...

O TURISTA — E patrões. Que seria do mundo sem os patrões?

O POLÍCIA — Eles querem queimar todos os cadáveres, os mais respeitáveis, os que fazem a fortuna das empresas funerárias mais dignas, como a imprensa, a política...

O TURISTA — Acabam querendo queimar o cadáver da curiosidade, que sou eu!

Saem da cena conversando.

VOZES AO FUNDO — Abaixo a autoridade dos ociosos! Abaixo! Queremos o verbo criador da ação...!

O POETA (*Entra conversando com Horácio.*) — Deixe-a para sempre... Sinto-me atual. Longe da *Apassionata*.

HORÁCIO — Pisas de novo a terra dos que se embuçam nas regras do bom viver...

O POETA — Renovo-me na rua.

HORÁCIO — É o país da gramática. Nele acharás o teu elemento formal.

O POETA — Ainda guardo a esperança trágica devê-la...

HORÁCIO — Voltas a essa mulher como um criminoso!

O POETA — Porque sou o culpado.

HORÁCIO — Deixaste-a?

O POETA — Fui andando cada vez mais para o lado das estrelas e ela ficou no meio da música...

HORÁCIO — Estás marcado por ela...

O POETA — Sinto-a como a culpa, como a esperança... Sem ela a vida é deserta, o mundo é uma trágica planície sem descanso! Ela é a caverna do indivíduo... Onde me acolho sem nada esperar, sem nada desejar...

HORÁCIO — Ela te imobiliza e amortalha.

Tumulto... Um pequeno Exército da Salvação penetra na praça e se instala para um comício musical e pacífico.

Um homem gordo traz uma tabuleta onde se lê “Deus Pátria e Família”. É o Hierofante. Sons fúnebres seguem o bando fardado.

HORÁCIO — São os mortos que manifestam...

O POETA — Conheço aquele homem da tabuleta.

HORÁCIO — São os conservadores de cadáver...

Tumulto do outro lado da cena. Um grupo de exaltados, em roupa pobre, protesta contra o comício. Homens e mulheres invadem a cena.

Os CREMADORES — Limpemos o mundo! Abaixo os mortos! Eles comem a comida dos vivos! Abaixo!

O HIEROFANTE — Materialistas!

O CREMADOR — Ao contrário! Somos a constante idealista que faz avançar a humanidade!

O POETA (Apontando Beatriz que aparece com passos medidos, estática sob um véu.) — Ei-la! Que gestos solenes! (Aproximando-se e falando-lhe.) Voltas ao meu caminho?

BEATRIZ — Todos os esforços me abandonaram! Onde estou?

O POETA — No país da Ordenação...

BEATRIZ — Os homens abateram as florestas. Expulsaram os espíritos da terra! Substituíram as árvores pelas armações metálicas. A natureza foi vencida pela mecânica!

O POETA — Desfizeste tua frágil e confusa capa ética. Deixaste a sociedade dos humanos...

BEATRIZ — Me reconheces?

O POETA — Ainda trago no corpo o perfume lascivo de tuas calças!

BEATRIZ — Sou virgem de novo. Não vês este véu?

O POETA (Retira-o.) — É a máscara de um ente que se dispersa! O teu inóspito ser se desagrega!

BEATRIZ — Ao contrário, encontrei a minha unidade!

HORÁCIO (Chamando-o.) — Deixa-a! Não vês que habitas de novo com ela os subterrâneos da vida interior?

O POETA — Ela é o meu drama.

HORÁCIO — O empresário da tua morte. Deixa-a!

O POETA — Não. O coração acorda de repente. E começa o trabalho irracional. Corrosivo de todo debate... A consciência torna-se um estado sentimental e a justiça foge do mundo... Oh! drama! Desenvolvimento do próprio ser universal! Eu te busco!

BEATRIZ — Porque crias em mim pesados encargos assim! E o sentimento de culpa! Desenvolvido na célula de um circo. O sentimento espetacular da culpa! A disciplina das feras, as grandes quedas sem rede, o amor pelo palhaço.

HORÁCIO — Fogel! Não vês uma a uma as ficções da vida interior?

O POETA — Por que fugir? Para depois me arrastar pelos locais em que a acompanhei? Me acoitar à sombra de seus gestos idos, procurando nos cenários, encontrados a dois, a sombra de seu ser, a lembrança de sua voz? Ficarei perdido no mundo terrível da rua...

Novo tumulto.

OS CREMADORES — Fora! Fora os exploradores da vida! Limparemos o mundo!

BEATRIZ — Quem são esses desordeiros?

O POETA — É a vanguarda que luta pela libertação humana.

BEATRIZ (*Sufocada.*) — Quanta gente! Não posso, não posso me habituar. Esses homens procurando mulheres esperando homens...

O POETA — Pareces pertencer a um país assexuado. Que sentes? Tens os olhos longínquos, a boca voluntariosa crispada!

OS CREMADORES — Fogo nesses podres! Abaixo o despotismo dos mortos.

A música toca um tango. O Hierofante procura o Evangelho.

O HIEROFANTE — *In illo tempore!*

OS CREMADORES — Fora! Fora!

O tumulto cresce. Juntam-se aos cremadores galicismos, solecismos, barbarismos. Do lado dos mortos cerram colunas, graves interjeições, adjetivos lustrosos e senhoriais arcaísmos.

CORO DAS INTERJEIÇÕES — Oh! Ah! Ih!

Os CREMADORES — Fora a estupidez das interjeições!

O HIEROFANTE — Massa desprezível de pronomes mal colocados!

O CREMADOR — Fora! Quinhentistas! Falais uma língua estranha às novas catadupas humanas!

O HIEROFANTE — Somos o vernáculo das caravelas...

O CREMADOR — No século do avião!

Os CREMADORES — Somos a língua falada pelo rádio... Queima essa tabuleta.

Os CONSEVADORES — Babell! Babell!

Os CREMADORES — Não! Somos os fundamentos do esperanto, a língua de uma humanidade una!

O HIEROFANTE — Não pode! Não pode! Quem poderá destruir uma frase feita?

Os CREMADORES — Fora as frases feitas, as frases ocas! Fora as frases mortas!

Os CONSEVADORES — Chama o Juiz! Chama o Juiz!

A MULTIDÃO — O Juiz!

A charanga toca.

VOZES — Aí vem o Juiz. Ele julgará!

Os CONSERVADORES — É um grande gramático!

Os CREMADORES — É um Juiz de classe.

Os CONSERVADORES — Viva o Juiz! Viva o nosso querido Juiz!

O Juiz agradece a manifestação. Formam-se em torno dele semicírculos irados.

O CREMADOR — Conhecemos o julgamento! É contra nós!

O JUIZ — Silêncio! Julgarei segundo os cânones.

VOZES — Os cânones mortos.

O JUIZ — Começai a exposição do pleito. Sou todo ouvidos! Que Deus e Jesus Cristo me inspirem e me garantam o céu.

O HIEROFANTE — Culto aos mortos! Culto aos mortos! Onde já se viu destruir um cadáver! Senhor Juiz. A humanidade levou séculos para construir esta frase: "Deus, Pátria e Família". Como derrogá-la? Como e por quê?

BEATRIZ — Como fala bem esse velho!

O CREMADOR — O que nos traz à cena é a fome. Mais que qualquer vocação. Muito mais que a vontade de representar. É o problema da comida! A produção da terra é desviada dos vivos para os mortos. Nós trabalhamos para alimentar cadáveres. Mais eles absorvem a produção, mais aniquilam os vivos. Tudo que produzimos vai para sua boca insaciada. Eles possuem armas e dirigem exércitos iludidos pela ignorância e pela fé religiosa.

OS CREMADORES — Rebelemo-nos!

VOZES — Façamos a limpeza do mundo!

OS CREMADORES — Queimemos os cadáveres que infestam a terra!

VOZES — Sim! A cremação! A cremação!

OS CREMADORES — É preciso destruir os mortos que paralisam a vida!

VOZES — Vamos queimá-los!

O JUIZ — Esperai! Esperai a sentença. Tragam aqui o livro: Bi-blos. Tudo está no Livro. (*Colocam diante dele um grande livro aberto. Ele vira as páginas.*) Vamos ver. De-vo-ta-mento... Puri-fi-ca-ção! Adiante! Vi-ver para os outros! Não! Está aqui! Achei (*Lê num grande berro.*) Os-mor-tos-go-ver-nam os vi-vos! (*Aclamações. Protestos.*)

OS CONSERVADORES — Muito bem! Muito bem!

O HIEROFANTE — Devemos obedecer os nossos maiores. E seguir o que está escrito...

VOZES — Julgai! Julgai!

O JUIZ — Os mortos governam os vivos. Premissa maior! Premissa menor... os cremadores são excessivamente vivos! Ergo! Ergo! Devem ser... Conclusão! governados...

Os CONSERVADORES — Governados por nós!

VOZES — Muito bem! Muito bem!

OUTRAS VOZES — Fora! Idiotas! Vendidos! Cadáver!

O HIEROFANTE — Eis um silogismo irrefutável!

O POETA — Essa lógica tem servido de fundamento a todos os crimes históricos.

Os CONSERVADORES — É extraordinária a perspicácia dos livros!

O POETA — Fora o velho argô dos filisteus!

O CREMADOR — Rebelemo-nos. Um dia sairemos de nossos laboratórios subterrâneos... Para limpar o mundo de toda putrefação!

As INTERJEIÇÕES — Ah! Oh! Ih!

A charanga dos conservadores de cadáver forma um séquito e conduz o Juiz em triunfo.

Os CONSERVADORES (Retirando-se.) — Abaixo os solecismos! Abaixo os barbarismos! Abaixo!

UMA ROUPA DE HOMEM (Passando.) — Boa tarde, linda!

BEATRIZ — Boa tarde.

O POETA — Quem é?

BEATRIZ — Um conhecido. Estive ontem com ele...

O POETA — Impossível...

BEATRIZ — Sim. Pediu-me que fosse sua! Falou-me da eternidade. Mas lembrei-me de tuas palavras. Recusei. Ele disse: — Não insisto! Sei que serás minha!

O POETA — Mas é um morto, querida!

BEATRIZ — Morto?

O POETA — Sim. Tu não morreste querida... Não podias ter te avistado intimamente com ele, que não existe. Por acaso não notaste as suas roupas despegadas do corpo. É um morto. Não sabes?

BEATRIZ — Aqui na cidade?

O POETA — Sim, meu amor. Os mortos ainda infestam a terra viva. Metade da população desta praça é de gente morta.

BEATRIZ — Se eu tivesse morrido, serias um necrófilo!

O POETA — Ter-te-ia abandonado!

BEATRIZ — Não podes abandonar-me! Nasci da seleção de ti mesmo! (*Declamando.*) Comecei a palpitar com a tua religião infantil, com a tua cultura adolescente! Fui o cofre heráldico das tuas tradições, a cuna de tua gente!

O POETA — Como te encontro mudada! Não te recordas senão de evocações e cadeias!

BEATRIZ — Tu te tornaste um puro estímulo mecânico. Não acodes aos chamados de tua alma!

O POETA — Os acentos de minha dor não te penetram mais. Não quebram a mudez do teu mundo de pedra. Estás perturbada, os olhos longínquos, a boca voluntariosa crispada.

BEATRIZ (*Depois de um silêncio evocativo.*) — Pertenço às regiões da amnésia.

O POETA — No entanto não poderei fazer mais nada sem ti! Sem teu calor e tua adoração.

BEATRIZ — Amo-te ainda. Vem comigo. Nada pode conter a vida...

O POETA — A morte...

BEATRIZ — Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo.

A charanga dos conservadores de cadáver passa ao fundo.

BEATRIZ — Vamos com eles, Poeta!

O POETA — Não.

BEATRIZ — Vamos!

O POETA — Queres seguir a música da morte?

BEATRIZ — O Juiz decidiu...

O POETA — O Juiz é um morto também.

BEATRIZ — Somos todos mortos!

O POETA — Vem para o outro lado! Minha ação heróica e prática te salvará.

A VOZ DE UM CREMADOR — É preciso mudar o mundo!

A VOZ DO HIEROFANTE — É preciso conservar as instituições!

A VOZ DE UM CREMADOR — É preciso queimar os cadáveres que infestam a terra. Eles tiram os alimentos dos vivos.

VOZES — Querem mudar a superestrutura.

UMA VOZ — O comportamento.

OUTRA VOZ — A reflexiologia.

BEATRIZ — A raiz de tudo é o sexual. O amor é o querido-porque-querido da vida. Nessa frente única a humanidade hesita... Vem.

O POETA — Não, o social domina os humanos. Vem conosco. Vem com os liberadores do grande conflito!

BEATRIZ — Como és cándido. O que os homens querem é isso, só isso! (*Coloca as mãos recatadamente sobre o sexo.*)

O POETA — És a morte, o abismo final; o longe da terra.

BEATRIZ — Sou a imagem do sexual.

O POETA — Estás deformada, longínqua, inexata... Pareces despegada dos ossos, como aquele que te cumprimentou.

BEATRIZ — Tenho um encontro marcado com ele.

O POETA — Impossível. É um morto!

A charanga do exército da morte toma conta da cena lentamente. Beatriz centraliza-o.

VOZES — Culto aos mortos! Culto aos mortos! Passagem para um grande enterro... (*Saem levando-a.*)

O POETA — Força de resistência ao mundo que começa...

HORÁCIO — Onde vais? Que tens?

O POETA — Estou como quem perdeu um brinquedo querido... espera...

HORÁCIO — Deixa-a!

O POETA — Horácio, não escalpeles minha dor! Estou marcado por ela.

HORÁCIO — Onde vais?

O POETA — Salvá-la!

HORÁCIO — Como?

O POETA — Pelo primeiro avião... Numa folha morta passarei
a garganta cerrada da outra vida. (*Sai correndo atrás do
cortejo, cuja charanga ainda se ouve.*)

HORÁCIO — Insensatô Poeta! Guardar-te-ão para sempre os den-
tes fechados da morte!

TELA

3.º QUADRO

O país dá anestesia



Personagens dramáticos

BEATRIZ

O POETA

O HIEROFANTE

A CRIANÇA DE ESMALTE

SEUS PAIS

O ATLETA COMPLETO

O RADIOPATRULHA, acompanhado de uma motocicleta

A DAMA DAS CAMÉLIAS

A SENHORA MINISTRA

CARONTE

O URUBU DE EDGAR

STRUCTURE OF THE α -LACTOSIDASE

Journal of Management Education, Vol. 33, No. 1, January 2009, pp. 1–14
ISSN: 1052-5025 print / 1094-427X online
© 2009 Sage Publications
http://jme.sagepub.com

A cena representa um recinto sobre uma paisagem de alumínio e carvão. À direita um aeródromo que serve de necrotério. Ao centro um jazigo de família. À esquerda a árvore desgalhada da Vida, em forma de cruz, onde arde pregado um facho. Um grupo de cadáveres recentes está conversando nos degraus do jazigo. Passagem lateral para a platéia, onde a primeira fila de cadeiras se conservará vazia.

O RADIOPATRULHA — Ouvi-se já o ruído do motor!

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Escutem!

O ATLETA COMPLETO — Não é!

A SENHORA MINISTRA — É uma mosca.

O HIEROFANTE — Não.

O ATLETA COMPLETO — Agora é!

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Não.

A SENHORA MINISTRA — A mosca.

O HIEROFANTE — O autogiro de Caronte...

A SENHORA MINISTRA — É uma mosca no interior do meu nariz!

Silêncio.

A SENHORA MINISTRA — Gostaria de conhecer o Poeta...

O RADIOPATRULHA — Ele vem de autogiro.

O HIEROFANTE — Não. É Caronte que vem de autogiro, trazendo a morta!

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Quem é?

O HIEROFANTE — Beatriz.

A SENHORA MINISTRA — E ele?

O HIEROFANTE — O Poeta vem de planador. Só assim penetrará nestas paragens...

A SENHORA MINISTRA — O motor.

O HIEROFANTE — A mosca.

O PAI (*Pondo a cabeça pela ogiva do jazigo.*) — Silêncio! Eu habito um lugar silencioso ou não? Eu me matei para ouvir a solidão. Para estar só! Não viver em sociedade. Em nenhuma sociedade. E me encontro assediado de intrigas, cumulado de vis preocupações.

O HIEROFANTE — Faço sentir que o vizinho está num cemitério de primeira. Não há melhor.

O PAI — Por isso é que eu não queria embarcar no autogiro.

Silêncio.

O HIEROFANTE — O motor...

A DAMA DAS CAMÉLIAS — O Poeta...

A SENHORA MINISTRA — A mosca...

O Urubu de Edgar atravessa a cena ao fundo.

O RADIOPATRULHA — Ouço vozes...

A DAMA DAS CAMÉLIAS — É a mosca azul...

O HIEROFANTE — É o Urubu de Edgar.

O RADIOPATRULHA — Silênciol

O HIEROFANTE — Fiquemos concentrados como perfumes.

Berreiro no jazigo.

A CRIANÇA DE ESMALTE — Aíl Aíl (*Espia pela vigia.*)

OSS CADÁVERES — Que é isso? Que é isso?

O HIEROFANTE — Uma cena de família.

A SENHORA MINISTRA — Que pessoal escandaloso!

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Brigam sempre. Nunca pensei que fosse assim no seio da sociedade honrada!

O HIEROFANTE — Gente católica. E extremamente conceituada. O drama que os trouxe para cá teve a mais tétrica reper-
cussão nos meios distintos.

A SENHORA MINISTRA — Como foi?

O HIEROFANTE — Gás! Suicídio coletivo.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — E ninguém escapou?

A CRIANÇA (*Pela vigia.*) — Esse sujeito, além de me ter suici-
dado, não quer me dar doce!

O PAI — Cala a boca!

A CRIANÇA — Depois diz que é pai!

O PAI — O amante de tua mãe te dava doces!

A CRIANÇA — É por isso que eu gostava dele...

O PAI — Cínico, bastardo, filho de uma...

Pancadaria, urros, choros.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Esta árvore não tem sombra.

O RADIOPATRULHA — Gastou o que tinha em sessenta séculos!

A SENHORA MINISTRA — Por que a trouxeram para cá?...

O HIEROFANTE — É uma peça de museu. Como nós.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Foi ela que fez a queda do primeiro
pai.

O HIEROFANTE — A queda... Quando o troglodita desceu da
árvore... caiu. E se tornou o homem...

A DAMA DAS CAMÉLIAS — É a Árvore da Vida...

O ATLETA COMPLETO — Da vida espiritual. A única que me in-
teressa...

- A SENHORA MINISTRA — Quem é esse sujeito?
- O RADIOPATRULHA — É um atleta completo.
- A DAMA DAS CAMÉLIAS — Mas não tem frutas essa árvore?
- O HIEROFANTE — Tinha uma. Comerem. Foi com seus galhos que se acendeu o primeiro fogo... E, com ela toda, se fará a última fogueira...
- A SENHORA MINISTRA — Então é uma incendiária?
- O HIEROFANTE — Nela costumamos festejar o Natal dos falecidos...
- A CRIANÇA (*Pela vigia.*) — Eu quero um brinquedo...
- O PAI — Vai pedir ao amante de tua mãe.
- A MÃE — Ele nunca me passou as doenças que trouxeste para casa.
- A DAMA DAS CAMÉLIAS — Conte-nos a história da queda de Adão...
- O HIEROFANTE — Levou um tombo... Quando se levantou do solo estava criada a propriedade privada...
- A SENHORA MINISTRA — Foi dessa Árvore que ele despencou...
- O RADIOPATRULHA — Então que somos?
- O HIEROFANTE — O conteúdo das mitologias...
- O ATLETA COMPLETO — O alimento espiritual dos mortos!
- A SENHORA MINISTRA — O sustentáculo das religiões!
- O HIEROFANTE — Depois que o ouro nos expulsou da Idade de Ouro... exploramos a fábula...
- O RADIOPATRULHA — E o trabalho da terra.
- A DAMA DAS CAMÉLIAS — Então foi um choque físico que produziu o homem?
- O HIEROFANTE — Não. Foi um choque econômico. Caindo da Árvore, ele perdeu os frutos com que se alimentava.
- A SENHORA MINISTRA — Engate o rádio, Seu Patrulha.
- O RADIOPATRULHA — Não posso. Só tenho na minha motocicleta uma estação emissora.
- A SENHORA MINISTRA — Que pena! A gente podia até ouvir a terra... Escutar a Giovinezza... Ir às corridas de longe.
- A DAMA DAS CAMÉLIAS — No meu tempo eu adorava as corridas.

A SENHORA MINISTRA — Oh! as corridas! Longchamps! O Derby de Epsom! Eu tinha um coronel que me pagava o táxi o dia inteiro, só para namorar os meus braços nas corridas. Era um homem casado, muito sério!

O Urubu de Edgar passa ao fundo.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Quem é esse passarinho?

O ATLETA COMPLETO — É o espírito da Árvore.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Como é que se chama?

O HIEROFANTE — O Urubu de Edgar.

A SENHORA MINISTRA — Quem é mesmo o dono?

O HIEROFANTE — Um literato, Edgar Poe.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Para que serve um bicho desses?

O HIEROFANTE — É quem fornece certidões de óbito.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Onde que ele mora?

O HIEROFANTE — No interior oco da cruz.

A SENHORA MINISTRA — Ó vida chata!

O HIEROFANTE — Que vos falta aqui?

A DAMA DAS CAMÉLIAS — A primavera! Pássaros coloridos! Gritos d'alma! Namorados!

A SENHORA MINISTRA — Vamos inventar um joguinho?

O HIEROFANTE — Jogaremos golfe com as nossas caveiras...

O ATLETA COMPLETO — Faltam as estequias.

O RADIOPATRULHA — Jogaremos com as nossas próprias tibias.

A SENHORA MINISTRA — Não. Melhor é ler a mão. Um brinquedo de sociedade...

O ATLETA COMPLETO — O Hierofante sabe ler.

A SENHORA MINISTRA — Disseram uma vez que eu ia morrer aos oitenta anos... Me blefaram.

O HIEROFANTE — Aqui é impossível ler-se a mão de alguém.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Por quê?

O HIEROFANTE — Porque não temos mais linhas nas mãos tumefactas... (*Todos examinam as próprias mãos.*) Está tudo

esgarçado pela morfínia lenta e definitiva da morte. Vivemos na negação.

O ATLETA COMPLETO — Na eternidade.

O HIEROFANTE — No além do espaço.

A SENHORA MINISTRA — O poeta não virá até aqui atrás da morta!

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Virá. Eu que fui mulher da vida, sei que ele virá.

A SENHORA MINISTRA — Quem é a senhora?

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Não vê? (*Mostrando as flores que a envolvem.*) Sou a Dama das Camélias.

A SENHORA MINISTRA — Pois eu fui a senhora legítima de um ministro...

O ATLETA COMPLETO — Não adiantou nada. Apodreceu como eu. Eis aqui o que resta de um atleta completo.

A SENHORA MINISTRA — Ó! patrulha! Liga o rádio na motocicleta. Fala a Nirvana-emissora! Vamos desmoralizar toda vida.

O HIEROFANTE — Não!

O ATLETA COMPLETO — Por quê?

O HIEROFANTE — Estas coisas mecânicas não convêm ao nosso estado onírico.

A SENHORA MINISTRA — Mas a irradiação nos interessa.

O ATLETA COMPLETO — É um desabafo espiritual...

A SENHORA MINISTRA — Um passatempo...

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Trouxemos conosco todos os recalques terrenos.

A SENHORA MINISTRA — Ou não habitamos o país sem censura...

A DAMA DAS CAMÉLIAS — O autogiro está se aproximando. O poeta virá atrás...

O HIEROFANTE — Agora é.

O RADIOPATRULHA — Viva Caronel!

Os MORTOS (*Manifestando.*) — Viva! Viva o iniciador! Viva!

A SENHORA MINISTRA — Silêncio!

O HIEROFANTE — Que reine entre nós o silêncio que convém aos mortos.

Permanecem todos estáticos como figuras de cera. O Urubu de Edgar se imobiliza junto à árvore esgalhada. Escuta-se o ruído de um motor. Um autogiro desce verticalmente, e dele sai Caronte trazendo nos braços um corpo de mulher amortalhado num grande renard argente.

O HIEROFANTE — Está morta?

CARONTE — Não insistiu em ficar.

O HIEROFANTE — Os mortos não insistem.

CARONTE (*Depositando o corpo sobre a mesa de mármore do necrotério.*) — O serviço terreno me reclama. (*Parte no autogiro.*)

O ATLETA COMPLETO — Sinto dores reumáticas.

O HIEROFANTE — Cuidado.

O ATLETA COMPLETO — Por quê?

O HIEROFANTE — O Poeta pode chegar a qualquer momento.

O ATLETA COMPLETO — Mas sinto dores fulgurantes!

A SENHORA MINISTRA — Você tem aí uma bolsa de água quente?

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Sinto um frio enorme no peito!

O HIEROFANTE — É a presença dos sopros augurais da terra.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — O Poeta.

O HIEROFANTE — Ele virá cantando a grandeza do agir...

A SENHORA MINISTRA — Quem é que faz o discurso de recepção?

O RADIOPATRULHA — A motocicleta...

O HIEROFANTE — Tornaste-vos ridículos à aproximação da vida.

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Tornamo-nos humanos.

O POETA (*Procura na cena.*) — Beatriz! Beatriz! Retificadora de meus caminhos! Que tive longe de ti? Cachos de desgraças. Ofereço-te o terreno alagado de meu sentimental Sem desejar nada de ti, de teu corpo sepulcral, ofereço-te o meu coração. (*Descerra o renard.*) Beatriz!

BEATRIZ — Sacrilégio...

O POETA — Beatriz!

BEATRIZ — Dizes tão bem o meu nome! Por que tudo que te dou de emoção, de força criadora, não pões em tua arte estancada?

O POETA — Falas de novo a linguagem da vida! Queres de novo dar existência ao poema de meu encontro!

BEATRIZ — Que fizeste Poeta! Não podes penetrar no país que eu habito. Não podes perscrutar minha sagrada intimidade com os autômatos!

O POETA — Lacera-me de novo a angústia criadora. Venho de uma noite cheia de passos e de vultos, a noite sem ti!

BEATRIZ — Que se passa lá embaixo onde há a chuva?

O POETA — A chuva coiteira de tragédias!

BEATRIZ — O Ego e a Gramática.

O POETA — Pareces anestesiada num lençol de argila!

BEATRIZ — Interrompeste o meu sono, Poeta! És a incorreção!

O POETA — Como falas diferente! Trazes no facies os sinais da decomposição de tua unidade!

BEATRIZ — Pelo contrário...

O POETA — És a máscara de um ser que se dispersa. Teus olhos deliram enquanto a tua boca amarga sorri. Tens os cabelos do homem de Neandertal, coroados de espinhos!

BEATRIZ — Sou o primeiro degrau da vida espiritual!

O POETA — O que me chama é o drama. Drama, desenvolvimento do próprio ser universal!

BEATRIZ — Quero plata...

O POETA — Dissimetria, minha criadora dissimetria!

BEATRIZ — Tu me abriste de novo os caminhos incoerentes da terra Poeta!

O Poeta aproxima-se quieto e sombrio.

O HIEROFANTE — Formaremos um comício de protesto! O amor quer fazê-la voltar ao país ordenado e terrível da rua.

O RADIOPATRULHA — Onde nos reuniremos?

A DAMA DAS CAMÉLIAS — Vamos para a platéia, assim não perderemos a grande cena.

O RADIOPATRULHA — Vamos!

A SENHORA MINISTRA — Que curiosidade... eu sinto!

O ATLETA COMPLETO — Para a platéia! Quero ver como um poeta ama!

O HIEROFANTE — Ordena o cortejo, Radiopatrulha, seguir-te-emos em ordem alfabética.

O RADIOPATRULHA — *Debout les morts!*

Os cadáveres se organizam dificultosamente. Animados pelo barulho da motocicleta, conduzem-se em ritmo mole atrás do Radiopatrulha que desce da cena.

O HIEROFANTE (*Deixando o palco.*) — De que serve aqui o subconsciente?... Onde se unem os dois planos, o latente e o manifesto?

Os mortos colocam-se na primeira fila do teatro, olhando.

BEATRIZ — Ama-me por favor!

O POETA — És a agressão, o Eros e a morte. Sigo-te e desapareces!

BEATRIZ — Todo esforço é inútil.

O POETA — Angústia! Ansiedade! Divisão! Resolvê! Vives de novo para a minha vida ou partiste para sempre?

BEATRIZ — Todos os meus gestos são de amor!

O POETA — Fala do sol, da manhã e da terra!...

BEATRIZ — Estamos no país propício às mensagens...

O POETA — Eras a felicidade! Me diminuías como uma criança em ti!

BEATRIZ — Chorei todas as lágrimas! Hoje só resta o rímel negro destilado de meus olhos sem fundo!

O POETA — Teus cabelos me envolvem! Sinto-me ensopado de estrelas álgidas. Quero a manhã! Quero o sol!

BEATRIZ — Escalaste escadarias, montanhas e o mar! Para atingir este horizonte sem fim!

O POETA — Sorri! Dê dentro de teus cabelos noturnos!

BEATRIZ — Sejamos a mesma aflição no mesmo leito!

O POETA — Quero o marfim quente de teu corpo. Mas os teus olhos se evaporam! Que boca angustiada!

BEATRIZ — Sem ti me falta o apoio terreno....

O POETA — Sinto-me rodeado da angústia das águas! Onde estou?

BEATRIZ — És o feto humano que voltou à eternidade!

O POETA — Sou a tua mensagem sexual!

BEATRIZ — Não mais podes acordar em mim o ódio erótico...

O POETA — Para onde me conduziste?

BEATRIZ — Habito o país letárgico onde não penetra a dor!

O POETA — Onde está a tua boca antiga? Por que esse rictus?

Oh! os teus dentes! Não quero ver mais os teus dentes.

Onde estão os teus lábios molhados e vivos? Foges com a boca repleta de dentes! Cessa o teu riso parado!

Ouve-se o uivo demorado de um cão.

O RADIOPATRULHA (*Na platéia.*) — *Debout les morts!*

O cortejo forma-se de novo e dirige-se para o palco.

O POETA — Que uivo terrível! Parece um coração baleado...

BEATRIZ — Só por uma mulher, um cérebro uiva assim.

Os mortos alinham-se ao fundo da cena. O Urubu de Edgar abre as asas sob a árvore.

O POETA — A tua mão termina em reta! O teu braço está rígido e retol! A noite tenebrosa de teus cabelos não mais restituirá a manhã radiosa...

O URUBU DE EDGAR (*Aproximando-se e tomindo a axila de Beatriz.*) — O amor não penetra o crânio dos mortos!

O POETA — Mortal Beijei inútil a labareda extinta de teu corpo! Por isso guardavas dentro do peito uma humanidade diversa, atraente e terrível!

A DAMA DAS CAMÉLIAS -- Olhem, Beatriz permanece quieta e sensacional!

O HIEROFANTE -- Só se ama no plano da criação!

O POETA -- Eu trouxe o amor para o nada!

BEATRIZ -- Para a aurora da vida!

O POETA -- Queimarei a tua carne dadivosa! Não se poupa o nada!

O URUBU DE EDGAR -- Socorro! Socorro! Fogos!

Os mortos se movimentam.

O POETA -- Não penetrei à-toa neste país, onde há uma Árvore e um facho. Se a força criadora de minha paixão não te toca, é porque não existes!

Ouve-se uma sereia estridente!

O HIEROFANTE -- O sinal dos cremadores! Acode-nos, espírito da Árvore!

O URUBU DE EDGAR -- Deus!

O POETA -- Reconheço-te, empresa funeralícia! Na matéria do meu cérebro ficara o teu epitáfio. Nunca mais! (*Toma ao jacho e começa a incendiar a Arvore da Vida.*) Não mais estes símbolos dialéticos do sexual perturbarão a marcha do homem terreno. Fogos ave do Paraíso!

O URUBU DE EDGAR -- Os cemitérios são combustíveis. Não há salvação!

A SENHORA MINISTRA -- Sempre disse que essa vela aí era um perigo!

O RADIOPATRULHA -- O incêndio será a cegueira de Caronte.

O ATLETA COMPLETO -- Errarão pelo espaço infinito nossos irmãos sem carne.

A DAMA DAS CAMÉLIAS -- Sinto se inflamarem os meus pulmões...

O ATLETA COMPLETO -- Talvez sejamos purificados!

A SENHORA MINISTRA -- Não. Cristo-Rei não deixará!

O RADIOPATRULHA -- O país dos mortos é donde se alimenta toda religião...

O HIEROFANTE — Mas os cremadores mataram os deuses... Jogaram fora os mitos inúteis.

BEATRIZ — Poetal Permanece para sempre dentro de mim! Sê fiel

O POETA — Devoro-te trecho noturno de minha vida! Serei fiel para com os arreboís do futuro...

O HIEROFANTE — O erro do homem é pensar que é o fim do barbante... O barbante não tem fim.

O URUBU DE EDGAR — A humanidade continuará trágica e ingênua... Só a morte é a etapa atingida.

O POETA (*Passa o facho aceso ao corpo de Beatriz, frousamente coberto pelo renard argenté.*) — Todo mistério será aclorado. Basta que o homem queime a própria alma!

Um imenso clarão se anuncia no fundo.

A SENHORA MINISTRA — Fujamos para o país da chuva...

O POETA — A noite não terá mais passos nem vultos!

O HIEROFANTE — O dilúvio de fogo nos seguirá!

BEATRIZ — Sexual! Sexual!

O POETA — Incendiarei os teus cabelos noturnos! A tua boca aquosa! A aurora de teus seios!

Flamba tudo nas mãos heróicas do Poeta.

O HIEROFANTE (*Aproximando-se da platéia.*) — Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar as vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou se preferirdes a polícia! Somos como vós mesmos, um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acefa do mundo!

TELA

O rei da vela

Peça em três atos

*A Alvaro Moreyra
e
Eugênia Alvaro Moreyra*

*na dura criação
de um enjeitado — o
teatro nacional,
O.A.*

São Paulo, junho, 1937.

Personagens dramáticos

ABELARDO I

ABELARDO II

HELOÍSA DE LESBOS

JOANA conhecida por JOÃO DOS DIVÃS

TOTÓ FRUTA-DO-CONDE

CORONEL BELARMINO

DONA CESARINA

DONA POLOQUINHA

PERDIGOTO

O AMERICANO

O CLIENTE

O INTELECTUAL PINOTE

A SECRETÁRIA

DEVEDORES, DEVEDORAS

O PONTO

1.^º Ato

Em São Paulo. Escritório de usura de Abelardo & Abelardo. Um retrato da Gioconda. Caixas amontoadas. Um divã futurista. Uma secretária Luís XV. Um castiçal de latão. Um telefone. Sinal de alarma. Um mostruário de velas de todos os tamanhos e de todas as cores. Porta enorme de ferro à direita correndo sobre rodas horizontalmente e deixando ver no interior as grades de uma jaula. O Prontuário, peça de gavetas, com os seguintes rótulos: MALANDROS — IMPONTUAIS — PRONTOS — PROTESTADOS. — Na outra divisão: PENHORAS — LIQUIDAÇÕES — SUICÍDIOS — TANGAS.

Pela ampla janela entra o barulho da manhã na cidade e sai o das máquinas de escrever da ante-sala.

ABELARDO I, ABELARDO II E CLIENTE.

ABELARDO I (*Sentado em conversa com o Cliente. Aperta um botão, ouve-se um forte barulho de campainha.*) — Vamos ver...

ABELARDO II (*Veste botas e um completo de domador de feras. Usa pastinha e enormes bigodes retorcidos. Monóculo. Um revólver à cinta.*) — Pronto Seu Abelardo.

ABELARDO I — Traga o dossier desse homem.

ABELARDO II — Pois não! O seu nome?

CLIENTE (*Embaraçado, o chapéu na mão, uma gravata de corda no pescoço magro.*) — Manoel Pitanga de Moraes.

ABELARDO II — Profissão?

CLIENTE — Eu era proprietário quando vim aqui pela primeira vez. Depois fui dois anos funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana. O empréstimo, o primeiro, creio que foi feito para o parto. Quando nasceu a menina...

ABELARDO II — Já sei. Está nos IMPONTUAIS. (*Entrega o dossier reclamado e sai.*)

ABELARDO I (*Examina.*) — Veja! Isto não é comercial Seu Pi-tanga! O senhor fez o primeiro empréstimo em fins de 29. Liquidou em maio de 1931. Fez outro em junho de 31, estamos em 1933. Reformou sempre. Há dois meses suspendeu o serviço de juros... Não é comercial...

O CLIENTE — Exatamente. Procurei o senhor a segunda vez por causa da demora de pagamento na Estrada, com a Revolução de 30. A primeira foi para o parto. A criança já tinha dois anos. E a Revolução em 30... Foi um mau sucesso que complicou tudo...

ABELARDO I — O senhor sabe, o sistema da casa é reformar. Mas não podemos trabalhar com quem não paga juros... Vivemos disso. O senhor cometeu a maior falta contra a segurança do nosso negócio e o sistema da casa...

O CLIENTE — Há dois meses somente que não posso pagar juros.

ABELARDO I — Dois meses. O senhor acha que é pouco?

O CLIENTE — Por isso mesmo é que eu quero liquidar. Entrar num acordo. A fim de não ser penhorado. Que diabo! O senhor tem auxiliado tanta gente. É o amigo de todo mundo... Por que comigo não há de fazer um acordo?

ABELARDO I — Aqui não há acordo, meu amigo. Há pagamento!

O CLIENTE — Mas eu me acho numa situação triste. Não posso pagar tudo, Seu Abelardo. Talvez consiga um adiantamento para liquidar...

ABELARDO I — Apesar da sua impontualidade, examinaremos as suas propostas...

O CLIENTE — Mas eu fui pontual dois anos e meio. Paguei enquanto pude! A minha dívida era de um conto de réis. Só de juros eu lhe trouxe aqui nesta sala mais de dois contos e quinhentos. E até agora não me utilizei da lei contra a usura...

ABELARDO I (*Interrompendo-o, brutal.*) — Ah! meu amigo. Utilize-se dessa coisa imoral e iníqua. Se fala de lei de usura, estamos com as negociações rotas... Saia daqui!

O CLIENTE — Ora, Seu Abelardo. O senhor me conhece. Eu sou incapaz!

ABELARD I — Não me fale nessa monstruosidade porque eu o mando executar hoje mesmo. Tomo-lhe até a roupa ouviu? A camisa do corpo.

O CLIENTE — Eu não vou me aproveitar, Seu Abelardo. Quero lhe pagar. Mas quero também lhe propor um acordo. A minha situação é triste... Não tenho culpa de ter sido dispensado. Empreguei-me outra vez. Despediram-me por economia. Não ponho minha filhinha na escola porque não posso comprar sapatos para ela. Não hei de morrer de fome também. As vezes não temos o que comer em casa. Minha mulher agora caiu doente. No entanto, sou um homem habilitado. Tenho procurado inutilmente emprego por toda a parte. Só tenho recebido nãos enormes. Do tamanho do céu! Agora, aprendi escrituração, estou fazendo umas escritas. Uns biscates. Hei de arribar... Quero ver se adiantam para lhe pagar.

ABELARDO I — Mas, enfim, o que é que o senhor me propõe?

O CLIENTE — Uma pequena redução no capital.

ABELARDO I — No capitall O senhor está maluco! Reduzir o capital? Nunca!

O CLIENTE — Mas eu já paguei mais do dobro do que levei daqui...

ABELARDO I — Me diga uma coisa, Seu Pitanga. Fui eu que fui procurá-lo para assinar este papagaio? Foi o meu automóvel que parou diante do seu casebre para pedir que aceitasse o meu dinheiro? Com que direito o senhor me propõe uma redução no capital que eu lhe emprestei?

O CLIENTE (*Desnorteado.*) — Eu já paguei duas vezes...

ABELARDO I — Suma-se daqui! (*Levanta-se.*) Saia ou chamo a polícia. É só dar o sinal de crime neste aparelho. A polícia ainda existe...

O CLIENTE — Para defender os capitalistas! E os seus crimes!

ABELARDO I — Para defender o meu dinheiro. Será executado hoje mesmo. (*Toca a campanha.*) Abelardol Dê ordens para executá-lo! Rua! Vamos. Fuzile-o. É o sistema da casa.

O CLIENTE — Eu sou um covarde! (*Vai chorando.*) O senhor abusa de um fraco, de um covarde!

MENOS O CLIENTE.

ABELARDO I — Não faça entrar mais ninguém hoje, Abelardo.

ABELARDO II — A jaula está cheia... Seu Abelardo!

ABELARDO I — Mas esta cena basta para nos identificar perante o público. Não preciso mais falar com nenhum dos meus clientes. São todos iguais. Sobretudo não me traga pais que não podem comprar sapatos para os filhos...

ABELARDO II — Este está se queixando de barriga cheia. Não tem prole numerosa. Só uma filha... Família pequena!

ABELARDO I — Não confunda, Seu Abelardo! Família é uma cousa distinta. Prole é de proletário. A família requer a propriedade e vice-versa. Quem não tem propriedades deve ter prole. Para trabalhar, os filhos são a fortuna do pobre...

ABELARDO II — Mas hoje ninguém mais vai nisso...

ABELARDO I — É a desordem social, o desemprego, a Rússia! Esse homem possuía uma casinha. Tinha o direito de ter uma família. Perdeu a casa. Cavasse prole! Seu Abelardo, a família e a propriedade são duas garotas que freqüentam a mesma *garçonnière*, a mesma farra... quando o pão sobra... Mas quando o pão falta, uma sai pela porta e a outra voa pela janela...

ABELARDO II — A família é o ideal do homem! A propriedade também. E Dona Heloísa é um anjo!

ABELARDO I — Você sabe que não há outro gênero no mercado. Eu não ia me casar com a irmã mais moça que chamam por aí de garota da crise e de João dos Divãs. Nem com o irmão menor que todo mundo conhece por Totó Fruta-do-Conde!

ABELARDO II — Um degenerado...

ABELARDO I — Coisas que se comprehendem e relevam numa velha família! Heloísa, apesar dos vícios que lhe apon-tam... Você sabe, toda a gente sabe. Heloisa de Lesbos! Fizeram piada quando comprei uma ilha no Rio, para nos casarmos. Disseram que era na Grécia. Apesar disso, ela ainda é a flor mais decente dessa velha árvore ban-deirante. Uma das famílias fundamentais do Império.

ABELARDO II — O velho está de tanga. Entregou tudo aos credores.

ABELARDO I — Que importa? Para nós, homens adiantados que só conhecemos uma coisa fria, o valor do dinheiro, comprar esses restos de brasão ainda é negócio, faz vista num país medieval como o nosso! O senhor sabe que São Paulo só tem dez famílias?

ABELARDO II — E o resto da população?

ABELARDO I — O resto é prole. O que eu estou fazendo, o que o senhor quer fazer é deixar de ser prole para ser família, comprar os velhos brasões, isso até parece teatro do século XIX. Mas no Brasil ainda é novo.

ABELARDO II — Se él A burguesia só produziu um teatro de classe. A apresentação da classe. Hoje evoluímos. Chegamos à espinafração.

ABELARDO I — Bem. Veja o *bordereau*... O Banco devolveu muita coisa?

ABELARDO II — Xul! Um colosso! Estamos no vinagre, Seu Abelardo!

ABELARDO I — Vamos...

ABELARDO II (*Lendo.*) — Cinco contos setecentos e setenta. Dr. Carlos Magalhães de Moraes Benevides Fonseca. Chapa única... Reforma-se? Não paga juros há dois meses.

ABELARDO I — Reforma-se.

ABELARDO II — Antunes & Lapa... três contos... já protestei. Mangioni... Luiz. O bicheiro... Dr. João Carlos de Menezes Rocha... dois contos...

ABELARDO I — Pro protesto.

ABELARDO II — Barão de Gama Lima, quinhentos mil-réis...

ABELARDO I — Pro protesto!

ABELARDO II — Moura Melo... setecentos mil-réis.

ABELARDO I — Pro protesto.

ABELARDO II — Abraão Calimério... dez contos.

ABELARDO I — Pro protesto!

ABELARDO II — Carlos Peres... Esta já foi pro pau ontem...

ABELARDO I — Ele não pediu reforma?

ABELARDO II — Não.

ABELARDO I — E por quê?

ABELARDO II — Tomou dois copos de limonada com iodo.

Está aqui no jornal. (*Procura.*) Diz que está em estado de coma, na Santa Casa...

ABELARDO I — Mande o Benvindo fazer a penhora. Depressa. Antes que ele morra e a venda feche...

ABELARDO II — Está certo. Esta é... daquele funcionário público, o Pires Limpido... Ele está limpo e de pires! Mandou a filha aqui.

ABELARDO I — Bonita?

ABELARDO II — Pancadão! Dezoito anos... Cada dente deste tamanho.

ABELARDO I — Mandou a filha? O mês passado veio a mulher.

ABELARDO II — Eu vi. Jeitosa... Mas muito faladeira. Queria saber onde é que o senhor morava, falou na compra da ilha no Rio, onde o senhor vai se casar. Que ia levar de avião uma porção de gente de São Paulo.

ABELARDO I (*Batendo o pé numa grande caixa de papelão.*) — Que é isto aqui?

ABELARDO II — Formas de chapéu. (*Mostra o castiçal de latão.*) A penhora de M.^{ma} Lanale. Só tinha isso e aquele candelabro. Quase que não dá para pagar os tiras que ajudaram.

ABELARDO I — E os móveis...

ABELARDO II — Ficaram despedaçados na rua. Eram duas peças velhas, de ferro. Foi um escândalo. O estado-maior teve que agir duro. O povo queria se opor. Juntou gente...

ABELARDO I — Que estado-maior?

ABELARDO II — Os oficiais de justiça...

ABELARDO I — Mas o exemplo ficou!

ABELARDO II — E frutificará.

ABELARDO I — A rua inteira sabe que penhorei porque não me pagaram 200\$000. A cidade inteira sabe. Talvez gas-

tasse mais nisso... Que importa? *Dura lex*, aprendi isso na Faculdade de Direito!

ABELARDO II — Queria que o senhor visse a choradeira! A viúva berrava na janela: — *Gli orfani! Gli orfani! Non abbiamo più lavoro!*

ABELARDO I — O quê?

ABELARDO II — Ela queria dizer que os órfãos não tinham mais o que comer. Tiramos os instrumentos de trabalho.

ABELARDO I — Manhosa...

ABELARDO II — Só se pode prosperar à custa de muita desgraça. Mas de muita mesmo...

ABELARDO I — Se não for assim como garantirei os meus depositantes. Se não tiro do outro lado? Ofereço juros que os bancos não pagam. Os juros que só alguns pagavam nos bons tempos. 4 e até 5 por cento ao ano!

ABELARDO II — Também o dinheiro corre para aqui!... Lá embaixo a seção bancária está assim!

ABELARDO I — Ofereço boas garantias. E também exijo boas garantias, quando empréstimo...

ABELARDO II — A 5 e 10 por cento ao mês... Por filantropia! (*O telefone.*) É seu irmão.

ABELARDO I — Meu advogado.

ABELARDO II (*No fone.*) — Sim senhor. Está. (*Para Abelardo.*) Diz que entrou no Forum com três executivos. Está chamando o senhor...

ABELARDO I (*Ao fone.*) — Como? Sou eu... Abelardo. O Teodoro? Quer se prevalecer da lei de usura! Grande bestal! E pede reforma! Linche esse camarada. Ponha flite nele e acenda um fósforo! (*Bate o fone.*) Pro pau com esse bandido! Lei contra a usura! Miseráveis! Bolchevistas! Por isso é que o país se arruina. E há um miserável que quer se aproveitar dessa iniqüidade.

ABELARDO II — Leis sociais...

ABELARDO I — Súcia de desonestos. Intervir nos juros. Cercear o sagrado direito de emprestar o meu dinheiro à taxa que eu quiser! E que todos aceitam. Mais! Que vêm implorar aqui! Sou eu que vou buscá-los para assinar

papagaios? Ou são eles que todos os dias enchem a minha sala de espera? Abra a jaula!

Abelardo II obedece de chicote em punho. A porta de ferro corre pesadamente.

MAIS CLIENTES.

Os clientes aparecem atropeladamente nas grades. É uma coleção de crise, variada, expectante. Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote de Abelardo II.

ABELARDO I — Rual! Nem mais um negócio! Vou fechar esta bagunça.

VOZES (*Da jaula.*) — Pelo amor de Deus! Por caridade! Eu não posso pagar o aluguell! Reforme! Vou à falêncial!

ABELARDO I — Rual! Ninguém mais pode trabalhar num país destes! Com leis monstruosas!

AS VOZES — Eu tenho que fechar a fábrica! Não poderei pagar os duzentos operários que ficarão sem pão! Tenha piedade! Inclua os juros no capital! Damos excelentes garantias!

ABELARDO I (*A Abelardo II.*) — Feche esta portal! Não atendo ninguém!

Abelardo II faz estalar o chicote de domador.

AS VOZES — Blefaremos o governo! Me salve! Me salve!

ABELARDO I — Rual! Canalhas! Lá fora sei como vocês me tratam!

Abelardo II fá-los recuar das grades, brandindo o chicote e ameaçando com o revólver.

UMA VOZ DE MULHER — Ai Jesus! Não temos o que comer! Eu não saio daqui! Espero até à noite! Estou arruinada!

AS VOZES IRRITADAS (*Abelardo II procura fechar a porta de ferro.*) — Canalha! Sujo! Tirou o nosso sangue! Ladrão! Não saímos daqui!

UM ITALIANO — Pamaronal Momanjo isto capitalista!

UMA FRANCESA — Sale cochon! Si c'est possible! Con!

UM RUSSO BRANCO — Svoloch!

UM TURCO — Joge paga bateca! Non izacuta Joge...

AS VOZES (*Em coro.*) — Assassino!

ABELARDO I — Feche! Atire!

Abelardo II dá um tiro para o ar. Os clientes recuam gritando. Ele corre a porta de ferro ruidosamente.

AS VOZES (*Abafadas.*) — Cão! Rei da Vela! Pão-duro!

UMA VOZ DE MULHER (*Gritando do outro lado da porta.*) — Meu marido bebeu estricnina!

OUTRA — Minha mãe tomou lisol!

OUTRA — Meu pai se jogou do Viaduto!

ABELARDO I — Lisol! Estricnina! Viaduto! É do que vocês precisam, canalhas!

MENOS O CLIENTE.

Telefone.

ABELARDO II (*Atendendo.*) — Alô! É o padre! Aquele da entrevista! Está, reverendô! Vem já...

ABELARDO I — Mas você marcou?

ABELARDO II — Não marquei nada.

ABELARDO I (*Toma o fone.*) — Bom dia, reverendô! Sou eu mesmo. Abelardo... Ah! Com muitíssima honra... Esperarei vossa reverendíssima. Pode ser às quatro horas? Então... sem dúvida... Beijo-lhe as mãos! Sempre às suas ordens. (*Depõe o fone.*) Este padre é engraçado... Não me larga... Eu não sou eleitor... Ele não quer dinheiro...

ABELARDO II — Quer a sua alma...

ABELARDO I — Evidentemente é um caso raro. Um homem preocupar-se comigo sem ser logo à vista... Quanto?

ABELARDO II — Ele prefere tratar desde já do seu testamento.

ABELARDO I — Inútil. Eu morro ateu e casado.

ABELARDO II — É isso mesmo que ele quer. A viúva cuidará bastante de sua alma que terá ido... para o purgatório...

ABELARDO I — Diga-me uma coisa, Seu Abelardo, você é socialista?

ABELARDO II — Sou o primeiro socialista que aparece no Teatro Brasileiro.

ABELARDO I — E o que é que você quer?

ABELARDO II — Sucedê-lo nessa mesa.

ABELARDO I — Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

ABELARDO II — De fato... Estamos num país semicolonial...

ABELARDO I — Onde a gente pode ter idéias, mas não é de ferro.

ABELARDO II — Sim. Sem quebrar a tradição.

ABELARDO I — Se for preciso, o padre leva a sua alma também... Está certo... Vamos examinar aquelas propostas. (*Sentasse e lê.*) Carmo Belatine...

ABELARDO II — É aquele da fábrica de salsichas... O frigorífico... Que comprou o terreno da Lapa.

ABELARDO I — Idade?

ABELARDO II — Trinta e nove anos.

ABELARDO I — Nível de vida?

ABELARDO II — Nível baixo ainda. Faz a barba na terrina da sopa, com sabão de cozinha e giletê de segunda mão...

ABELARDO I — Já fala o português?

ABELARDO II — Ainda atrapalha.

ABELARDO I — Gasta menos do que tira dos trabalhadores?

ABELARDO II — Muito menos!

ABELARDO I — Tem filhos grandes?

ABELARDO II — Pequenos ainda.

ABELARDO I — Em bons colégios?

ABELARDO II — Sim. Oiseaux, Sion, São Bento.

ABELARDO I — Bem. Tome nota. Emprestamos enquanto os pequenos estudarem. Quando as filhas começarem o serviço militar nas *garçonnères*, e o pequeno tiver barata, e Madame souber se vestir, emprestaremos então de preferência à costureira de Madame. O velho aí terá mudado de nível. Possuirá automóvel, casa no Jardim América. Cessaremos pouco a pouco todo o crédito. Nem mais um papagaio! Ele virá aqui caucionar os títulos dos comerciantes a quem fornece. Executarei tudo um dia. Levarei a fábrica, os capitais imobilizados e o ferro velho à praça.

ABELARDO II — E a mulher dirá que foram os operários que os arruinaram.

ABELARDO I — E foram de fato. Eu conto como fator essencial dessas coisas as exigências atuais do operariado. O salário-mínimo. As férias. Que diabo. As tais leis sociais não há de ser só contra o capital...

ABELARDO II — Não são não. Descanse. Eu entendo de socialismo. Olhe. A lei de férias só deu um resultado. Não há mais salário de semana ou de mês. É por dia de trabalho, ou por contrato. Somando bem, os domingos, feriados e dias de doença eram mais que as férias de hoje.

ABELARDO I — Bem. Guarde esta ficha nos Firmes. Feche o negócio. A mesma taxa. O sistema da casa. Chame a Secretária n.^o 3. Quero ditar uma carta.

Abelardo II sai.

ABELARDO I E SECRETÁRIA N.^o 3.

A SECRETÁRIA (*É uma moça, longa, de óculos e tranças enormes e loiras. Veste-se pudicamente. Traz lápis e block-notes na mão.*) — É para bater à máquina, Seu Abelardo?

ABELARDO I — Não. Para estenografar. Nem isso. A senhora sabe redigir. Melhor do que eu. Faça uma carta. Sente-se aí. (*Sentam-se perto um do outro.*) Dona Aída... Aída

loira... Aída de Wagner. Como é? Não precisa de um Radamés?

A SECRETÁRIA — Preciso que o senhor melhore o meu ordenado. O custo da vida aumentou no Brasil de 30%.

ABELARDO I — Tenho todo interesse pelo custo de sua vida... Mas a senhora sabe... As vidas hoje estão difíceis para todos... Não é mais como antigamente... Que tranças!... Eu acabo me enforcando nessas tranças!... Deixa? (*Procura tocar-lhe os cabelos.*)

A SECRETÁRIA — Tenha modos, Seu Abelardo!

ABELARDO I — Deixa? Malvada!

A SECRETÁRIA — Nunca. Eu sou romântica. Não vendo o meu amor!

ABELARDO I — Vamos fazer um piquenique... (*Aponta o divã sob a Gioconda.*)... debaixo daquela mangueira?

A SECRETÁRIA — Eu sou noiva.

ABELARDO I — Eu também.

A SECRETÁRIA — Mas eu sou fiel...

ABELARDO I — Bem! Depois não venha fazer vales aqui, hein! Eu também sei ser fiel ao sistema da casa. Vá lá. Redija! Não. Tome nota. Olhe. É uma carta confidencial. A um tal Cristiano de Bensaúde. Industrial no Rio. Metido a escritor. Redija sem erros de português. O homem foi crítico literário e avançado, quando era pronto... Ele me escreveu propondo frente única contra o operários. Responda em tese (*A secretária toma nota.*), insinue que é melhor ele ser um puro policial. Manter vigilância rigorosa nas fábricas. Evitar a propaganda comunista. Denunciar e perseguir os agitadores. Prender. Esse negócio de escrever livros de sociologia com anjos é contraproducente. Ninguém mais crê. Fica ridículo para nós, industriais avançados. Diante dos americanos e dos ingleses. Olhe, diga isto. Que a burguesia morre sem Deus. Recusa a extrema-unção. Cite o exemplo do próprio Vaticano. Coisas concretas. A adesão política da igreja contra um bilhão e setecentos milhões de liras, o ensino religioso e a lei contra o divórcio. Toma lá, dá cá. Não vê que um alpinista como

Pio XI põe anjos em negócios. Vá redigir e traga logo. Para seguir hoje... Ver se esse homem deixa de atrapalhar. Um sujeito feudal. Vítima do seu próprio sistema. Paga um salário medieval, 20\$000 por quinzena.

A SECRETÁRIA (*Voltando-se da porta.*) — Ga-ra-nhão! (*Sai esbarrando em Heloísa de Lesbos que, vestida de homem, entra como a manhã lá de fora.*)

MENOS SECRETÁRIA, MAIS HELOÍSA.

ABELARDO I (*Rindo.*) — Você Meu amor! Na hora do expediente!

HELOÍSA — O nosso casamento é um negócio...

ABELARDO I — Por isso vieste de Marlene?

HELOÍSA — Mas não há de ser um negócio como esses que você faz com esse bando de desesperados que saiu daí vociferando... Estão ainda muitos lá embaixo. Há mulheres idosas, moças, turcos, italianos, russos de prestação, uma fauna de hospício...

ABELARDO I — Ingratos! Matei-lhes a fome! Dei-lhes ilusões!

HELOÍSA — E agora os trata assim!

ABELARDO I — Para te dar uma ilha. Uma ilha para você só!

MAIS ABELARDO II.

ABELARDO II (*Entrando.*) — Há um aí que não quer sair. Está resistindo. É cliente novo.

ABELARDO I — Quem é?

ABELARDO II — Um intelectual. Diz que não sai sem vê-lo. Quer fazer a sua biografia, ilustrada. Com fotografias. Diz que dará um bom livro. Grosso!

ABELARDO I — Mande entrar. Quero vê-lo.

MAIS O INTELECTUAL PINOTE.

PINOTE (*Entra de chapéu de poeta na mão. Uma gravata lúrica. Sorrido. Mesuras. Traz uma faca enorme de madeira como bengala.*) — Bom dia, mestre.

HELOÍSA (*Dá um grito lancinante.*) — Aí! A faca!

ABELARDO I — Desarme esse homem! Ora essa! (*Abelardo II atira-se sobre o Intelectual e arranca-lhe a faca simbólica.*) Deixar entrar gente com armas aqui!

PINOTE (*Escusando-se humildemente.*) — É inofensiva... de pau!

ABELARDO I — Confesse que o senhor planejou um atentado! Confesse!

PINOTE — Absolutamente! Por quem o senhor está me tomado? É uma faca profissional, inofensiva, não mata...

ABELARDO II (*Examinando.*) — Está cheia de sangue... sangue coagulado...

PINOTE — Umas facadinhias... para comer... (*A um gesto de Abelardo I, senta-se. Abelardo II permanece ao fundo, segurando com as duas mãos a face em horizontal, como um servo antigo.*) A crise é que obriga... Mas não sou nenhum *gangster*, não. Eu sou biógrafo. Vivo da minha pena. Não tenho mais idade para cultivar o romance, a poesia... O teatro nacional virou teatro de tese. E eu confesso a minha ignorância, não entendo de política. Nem quero entender...

ABELARDO I — É um revoltado?

PINOTE — Absolutamente não! Fui no colégio. Hoje sou quase um conservador! O que me falta é convicção.

ABELARDO I — Tem veleidades sociais... quero dizer, bolchevistas?

PINOTE — Não senhor! Olhe, tenho até nojo de gente baixa... gente de trabalho... não vai comigo!

ABELARDO I — Muito bem!

PINOTE — Gente que cheira mal...

HELOÍSA — Ninguém dá sabão a eles para se levarem.

ABELARDO II — Nem pão, quanto mais sabonete...

ABELARDO I (*Tranquillizando Pinote que se voltou.*) — Não se incomode. Ele é socialista. Mas moderado, de faca também. (*Sorriso dos dois.*) Mas, afinal, qual é o gênero literário que cultiva, meu amigo?

PINOTE — Os grandes homens! Pretendo fazer como Ludwig. Escrever as grandes vidas! Não há mais nobre missão sobre o planeta! Os heróis da época.

ABELARDO I — Pode ser também extremamente perigoso. Se nas suas biografias exaltar heróis populares e inimigos da sociedade. Imagine se o senhor escreve sobre a revolta dos marinheiros pondo em relevo o João Cândido... ou algum comunista morto num comício!

PINOTE — Não há perigo. A polícia me perseguiria.

ABELARDO I — É então um intelectual policiado...

PINOTE — Faço questão de manter uma atitude moderada e distinta!

ABELARDO I — Já publicou alguma coisa?

PINOTE — Já. Um livrinho! A vida de Estácio de Sá. Não saiu muito bem. Mas estou fazendo outro... Vai sair melhor...

ABELARDO I — A vida de Carlos Magno?...

PINOTE — Não. De Pascoal Carlos Magno. Uma coisa inofensiva...

HELOÍSA — Então os seus livros podem ser lidos por moças...

PINOTE — Decerto! Eu quero ser um Delly social! Entenderam?

ABELARDO I — Perfeitamente! Uma literatura bestificante. Iludindo as coitadinhas sobre a vida. Transferindo as soluções da existência para as soluções “no livro” ou “no teatro”. Freud...

PINOTE — Oh! Freud é subversivo...

ABELARDO I — Um bocadinho. Mas olhe que, se não fosse ele, nós estávamos muito mais desmascarados. Ele ignora a luta de classes! Ou finge ignorar. É uma grande coisa!

HELOÍSA — Distrai muito, quando a gente é emancipada. (*Tira um cigarro e fuma.*)

PINOTE — Eu prefiro as vidas!

ABELARDO I — Não pratica a literatura de ficção?...

PINOTE — No Brasil isso não dá nada!

ABELARDO I — Sim, a de fricção é que rende. É preciso ser assim, meu amigo. Imagine se vocês que escrevem fossem

independentes! Seria o dilúvio! A subversão total. O dinheiro só é útil nas mãos dos que não têm talento. Vocês escritores, artistas, precisam ser mantidos pela sociedade na mais dura e permanente miséria! Para servirem como bons lacaios, obedientes e prestativos. É a vossa função social!

HELOÍSA — Faz versos?

PINOTE — Sendo preciso... Quadrinhas... Acrósticos... Sonetos... Reclames.

HELOÍSA — Futuristas?

PINOTE — Não senhora! Eu já fui futurista. Cheguei a acreditar na independência... Mas foi uma tragédia! Começaram a me tratar de maluco. A me olhar de esguelha. A não me receber mais. As crianças choravam em casa. Tenho três filhos. No jornal também não pagavam, devido à crise. Precisei viver de bicos. Ah! Reneguei tudo. Arranjei aquele instrumento (*Mostra a faca.*) e fiquei passadista.

ABELARDO I — Mas qual é a sua cor política nestes agitados dias de debate social?

PINOTE — Eu tenho uma posição intermediária, neutra... Não me meto.

ABELARDO I — Neutral! É incompreensível! É inadmissível! Ninguém é neutro no mundo atual. Ou se serve os de baixo...

PINOTE — Mas com que roupa?

ABELARDO I — Sirva então francamente os de cima. Mas não é só com biografias neutras... Precisamos de lacaios...

PINOTE — É! Mas dizem por aí que a Revolução Social está próxima. Em todo o mundo. Se a coisa virar?

ABELARDO I — Será fuzilado com todas as honras. É preferível morrer como inimigo do que como adesista.

PINOTE — E a minha família... As três crianças?

ABELARDO I (*Levanta-se furioso.*) — Saia já daqui! Vilão! Oportunista! Não leva nem dez mil-réis, creia! A minha classe precisa de lacaios. A burguesia exige definições! Lacaios, sim! Que usem fardamento. Rua!

Abelardo II entrega a faca ao Intelectual que sai penosamente. Retira-se depois.

MENOS O INTELECTUAL PINOTE E ABELARDO II.

HELOÍSA — Coitado!

ABELARDO I — Voltará! De camisa amarela, azul ou verde. E de alabarda. E ficará montando guarda à minha portal E me defenderá com a própria vida, da maré vermelha que ameaça subir, tomar conta do mundo! O intelectual deve ser tratado assim. As crianças que choram em casa, as mulheres lamentosas, fracas, famintas são a nossa arma! Só com a miséria eles passarão a nosso inteiro e dedicado serviço! E teremos louvores, palmas e garantias. Eles defenderão as minhas posições e a tua ilha, meu amor!

HELOÍSA — Ora uma ilha brasileira!... Estou quase não querendo.

ABELARDO I — Um cais... Onde você atracou... Depois de tocar em muitas terras... ver muitas paisagens....

HELOÍSA — O meu porto seguro...

ABELARDO I — Um porto saneado... Com armazéns... guindastes... E uma multidão de trabalhadores para nos dar a nota...

HELOÍSA — Em troca da minha liberdade. Chegamos ao casamento... Que você no começo dizia ser a mais imoral das instituições humanas.

ABELARDO I — E a mais útil à nossa classe... A que defende a herança...

HELOÍSA — Enfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa... Não nego, o meu ser mal educado nos pensionatos milionários da Suíça, nos salões atapetados de São Paulo... vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras... não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria... (*Silêncio.*) E a admiração que você provocou em mim, com o seu ar calculado e frio e a sua espantosa vitória no meio da derrocada geral... O conhecimento que tive do seu cinismo e da sua indiferença diante dos sofrimentos humanos...

ABELARDO I — Conheço uma só coisa, a realidade. E por isso subjugo você que é sonho puro...

HELOÍSA (*Mostrando a Gioconda.*) — Por que que você tem esse quadro aí...

ABELARDO I — A Gioconda... Um naco de beleza. O primeiro sorriso burguês...

HELOÍSA — Você é realista. E por isso enriqueceu magicamente. Enquanto os meus, lavradores de cem anos, empobreceram em dois...

ABELARDO I — Trabalharam e fizeram trabalhar para mim milhares de seres durante noventa e oito... (*Silêncio absorto.*)

HELOÍSA — Dizem tanta coisa de você, Abelardo...

ABELARDO I — Já sei... Os degraus do crime... que descia corajosamente. Sob o silêncio comprado dos jornais e a cegueira da justiça de minha classe! Os espectros do passado... Os homens que traí e assassinei. As mulheres que deixei. Os suicidados... O contrabando e a pilhagem... Todo o arsenal do teatro moralista dos nossos avós. Nada disso me impressiona nem impressiona mais o público... A chave milagrosa da fortuna, uma chave yale... Jogo com ela!

HELOÍSA — O pânico...

ABELARDO I — Por que não? O pânico do café. Com dinheiro inglês comprei café na porta das fazendas desesperadas. De posse de segredos governamentais, joguei duro e certo no café-papel! Amontoei ruínas de um lado e ouro do outro! Mas, há o trabalho construtivo, a indústria... Calculai ante a regressão parcial que a crise provocou... Descobri e incentivei a regressão, a volta à vela... sob o signo do capital americano.

HELOÍSA — Ficaste o Rei da Vela!

ABELARDO I — Com muita honra! O Rei da Vela miserável dos agonizantes. O Rei da Vela de sebo. E da vela feudal que nos fez adormecer em criança pensando nas histórias das negras velhas... Da vela pequeno-burguesa dos oratórios e das escritas em casa... As empresas elétricas fecharam com a crise... Ninguém mais pôde pagar o preço da luz... A vela voltou ao mercado pela minha mão previdente. Veja como eu produzo de todos os tamanhos e

cores. (*Indica o mostruário.*) Para o Mês de Maria das cidades caipiras, para os armazéns do interior onde se vende e se joga à noite, para a hora de estudo das crianças, para os contrabandistas no mar, mas a grande vela é a vela da agonia, aquela pequena velinha de sebo que espalhei pelo Brasil inteiro... Num país medieval como o nosso, quem se atreve a passar os umbrais da eternidade sem uma vela na mão? Herdo um tostão de cada morto nacional!

HELOÍSA (*Sonhando.*) — Meu pai era o Coronel Belarmino que tinha sete fazendas, aquela casa suntuosa de Higienópolis... ações, automóveis... Duas filhas viciadas, dois filhos tarados... Ficou morando na nossa casinha da Penha e indo à missa pedir a Deus a solução que os governos não deram...

ABELARDO I — Que não deram aos que não podem viver sem empréstimos.

HELOÍSA — Meus pais... meus tios... meus primos...

ABELARDO I — Os velhos senhores da terra que tinham que dar lugar aos novos senhores da terra!

HELOÍSA — No entanto, todos dizem que acabou a época dos senhores e dos latifúndios...

ABELARDO I — Você sabe que o meu caso prova o contrário. Ainda não tenho o número de fazendas que seu pai tinha, mas já posso uma área cultivada maior que a que ele teve no apogeu.

HELOÍSA — Há dez anos... A saca de café a duzentos mil-réis!

ABELARDO I — Estamos de fato num ponto crítico em que podem predominar, aparentemente e em número, as pequenas lavouras. Mas nunca como potência financeira. Dentro do capitalismo, a pequena propriedade seguirá o destino da ação isolada nas sociedades anônimas. O possuidor de uma é um mito econômico. Senhora minha noiva, a concentração do capital é um fenômeno que eu apalpo com as minhas mãos. Sob a lei da concorrência, os fortes comerão sempre os fracos. Desse modo é que desde já os latifúndios paulistas se reconstituem sob novos proprietários.

HELOÍSA — Formidável trabalho o seu!

ABELARDO I — Não faça ironia com a sua própria felicidade!

Nós dois sabemos que milhares de trabalhadores lutam de sol a sol para nos dar farra e conforto. Com a enxada nas mãos calosas e sujas. Mas eu tenho tanta culpa disso como o papa-níqueis bem colocado que se enche diariamente de moedas. É assim a sociedade em que vivemos. O regimén capitalista que Deus guarde...

HELOÍSA — E você não teme nada?

ABELARDO I — Os ingleses e americanos temem por nós. Estamos ligados ao destino deles. Devemos tudo, o que temos e o que não temos. Hipotecamos palmeiras... quedas de água. Cardeais!

HELOÍSA — Eu li num jornal que devemos só à Inglaterra trezentos milhões de libras, mas só chegaram até aqui trinta milhões...

ABELARDO I — É provável! Mas compromisso é compromisso! Os países inferiores têm que trabalhar para os países superiores como os pobres trabalham para os ricos. Você acredita que New York teria aquelas babéis vivas de arranhacéus e as vinte mil pernas mais bonitas da terra se não se trabalhasse para Wall Street de Ribeirão Preto à Cingapura, de Manaus à Libéria? Eu sei que sou um simples feitor do capital estrangeiro. Um lacaio, se quiserem! Mas não me queixo. É por isso que possuo uma lancha, uma ilha e você...

MAIS ABELARDO II.

ABELARDO II (*Entrando.*) — Perdão! Esta aí o Americano!...
(Retira-se.)

MENOS ABELARDO II.

ABELARDO I (*A Heloísa.*) — Chegou a sua vez de sair, meu bem!

HELOÍSA — Como?

ABELARDO I — Devo a esse homem...

HELOÍSA — Adeus!

ABELARDO I — Podes passar por esta porta! Não faz mal que ele te veja sair... (*Gesto evasivo de Heloísa*). Pelo contrário. Estás linda...

HELOÍSA — Sim, adeus!

ABELARDO I — Perguntará quem és... (*Heloísa sai. Só, no meio da cena, Abelardo curva-se até o chão diante da porta aberta.*) Faça o favor de entrar, Mister Jones! *Come back!*

TELA

2.^º Ato

Uma ilha tropical na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Durante o ato, pássaros assoviam exóticamente nas árvores brutais. Sons de motor. O mar. Na praia ao lado, um avião em repouso. Barraca. Guarda-sóis. Um mastro com a bandeira americana. Palmeiras. A cena representa um terraço. A abertura de uma escada ao fundo em comunicação com a areia. Platibanda cor-de-aço com cactus verdes e coloridos em vasos negros. Móveis mecânicos. Bebidas e gelo. Uma rede do Amazonas. Um rádio. Os personagens se vestem pela mais furiosa fantasia burguesa e equatorial. Morenas seminuas. Homens esportivos, hermafroditas, menopausas.

Com o pano fechado, ouve-se um toque vivo de corneta. A cena conserva-se vazia um instante. Escuta-se o motor de uma lancha que se aproxima.

Pela escada, ao fundo, surgem primeiramente, em franca camaradagem sexual, Heloísa e o Americano. Saem pela direita. Depois, Totó Fruta-do-Conde, tétrico. Sai. Em seguida, D. Poloca e João dos Divãs. Saem. Depois o velho coronel Belarmino, fumando um mata-rato de palha e vestido rigorosamente de golfe. Sai. Segue-se-lhe um par cheio de vida: D. Cesarina, abanando um leque enorme de plumas em maiô de Copacabana e Abelardo I com calças cor-de-ovo e camiseta esportiva. Permanecem em cena.

ABELARDO I E D. CESARINA.

ABELARDO I — Pronto! Arribamos. (*Deposita-a na rede.*) É uma lancha que chega. Deve ser o seu filho, o Perdigoto. Na Europa é assim. Toca-se sempre corneta quando chega uma lancha! A bandeira americana é uma homenagem. Indica almirante a bordo! O Americano nosso hóspede...

D. CESARINA — Pois é. Eu disse para o Belarmino. Nunca na minha vida tomei um sorvete daqueles! Uma delícia! Só mesmo um futuro genro distinto e rico como o senhor, havia de me oferecer um sorvete daqueles. Como é que se chama?

ABELARDO I — É Banana Reall

D. CESARINA — O Totó é que se lambeu! Coitado! Está num desgosto...

ABELARDO I — É verdade! O Totó está de asa partida! Mas endireita, tomando Banana Reall

D. CESARINA — Também. Quebrar uma amizade de três anos. Eram como dois irmãos... Ele e o Godofredo viviam no mesmo quarto. Por essas e por outras é que eu não gosto de me iludir. Os seus galanteios...

ABELARDO I — Os meus galanteios são sinceros... senhora minha futura sogra... Quem manda se vestir assim, com esse maiô jararaca! Qual é o santo que resiste? Olhe, é sério, sério demais!

D. CESARINA — Quer me deixar mais zangada ainda... Mais triste do que ontem. Continua a proceder mal?

ABELARDO I — Mas D. Cesarina! Me acredite! Por favor!

D. CESARINA — Mentirosa!

ABELARDO — Eu terei culpa por acaso de ser fraco? Culpa de sentir.

D. CESARINA — Não é isso...

ABELARDO I — Mas que é então...

D. CESARINA — Tenho um pressentimento... O medo de não ser compreendida!

ABELARDO I — Mas que tem! Por que não sorri mais e exala esse perfume de rosas murchas? Banca um cemitério entre ciprestes!

D. CESARINA — É para onde eu acabo indo por sua causa...

ABELARDO I — Dou a César o que é de César. Ou melhor, a Cesarina o que é de Cesarina...

D. CESARINA — O senhor está é fazendo fital! Me diga uma coisa só. Por que é que o senhor mente tanto, hein? E me atenta tanto!

ABELARDO I — Juro!

D. CESARINA — O senhor sabe que eu não posso beber *champagne*. Outra noite, quando dançamos aquele foxtrote, me pôs na chuva, depois começou com aquelas graças e aquela imoralidade. O senhor não sabe que Deus não quer que a gente diga as coisas que não sente? Que é pecado mortal cobiçar a mulher do próximo? Vai pro inferno...

ABELARDO I — Não. Eu já sei que vou pro purgatório...

D. CESARINA — A gente nunca deve dizer o que não sente. É horrível ser enganada!

ABELARDO — E se fosse verdade! Se o meu coração se tivesse inflamado ao contágio do seu luminoso verão?

D. CESARINA — Ora, só eu sei a idade que tenho!

ABELARDO I — Meu Vesúvio!

D. CESARINA (*Rindo e ameaçando.*) — Olhe, que eu ainda acendo...

MAIS TOTÓ.

TOTÓ FRUTA-DO-CONDE (*Aparece à direita, com uma vara de pescar e um saco de bombons na mão, absorto e pesaroso.*)
— Eu sou uma fracassada!

D. CESARINA — Meu filhinho, venha cá. Benzinho do meu coração!

TOTÓ — Não quero. (*Bate o pé.*) Não quero. Me deixe!

D. CESARINA — Mas venha aqui, Totó. Venha conversar com sua mãezinhal! Há quanto tempo você não me beija?

TOTÓ — Não quero, não quero, não querol

D. CESARINA — O que que você vai fazer?

TOTÓ — Não está vendo? Pescar nos penhascos. É o meu destino!

ABELARDO I — Cuidado com essa praia! Tem cada bagre!

TOTÓ — Deus o ouça! (*Aproxima-se e faz festas.*) Meu futuro irmão. Que boas cores! Que idade o senhor tem, hein?
Sabe qual é a luva da moda? Eu agora vou dar bombons aos bagres. É servido?

ABELARDO I — Eh! Obrigado, amigo! Não gosto desses peixes, não. Nem de bombons! Mas que família!

D. CESARINA — Me dê um beijinho, Totó!

TOTÓ (*Indo pela escada do fundo.*) — Não dou! Não dou! Não dou!

MENOS TOTÓ.

D. CESARINA — Ah! Coitado. Depois que ele brigou com o Godofredo está outro... Magro. Enfastiado...

ABELARDO I — Compreendo. Essas rupturas são dolorosas...
(*Tomando o leque sobre a mesa.*) Mas que lindo leque...

D. CESARINA (*Silêncio. Retoma o leque. Cena muda.*) — Me dê o leque que guarda como um cofre as suas palavras ardentes... do baile...

ABELARDO I — Que guarda a mais terrível e secreta das confissões...

D. CESARINA — Me diga uma coisa, Seu Abelardo, o senhor não tem ciúmes?

ABELARDO I (*Surpreso.*) — Ora essa!

D. CESARINA — Aquele alemão!

ABELARDO I — Alemão? Americano. Americano e banqueiro!

D. CESARINA — Ele anda com uns brinquedos brutos com a Heloísa!

ABELARDO I — Ah! É boxe. Ela está aprendendo a jogar boxe. De vez em quando uns golpes de luta livre... Ele é campeão de tudo isso em New York, Wall Street!

D. CESARINA — Pois olhe, Seu Abelardo. Eu ficaria roída se algum que eu amasse tivesse aquelas liberdades com um estranho.

ABELARDO I — Mas D. Cesarina! Eu me preso de ser um homem da minha época! A senhora quer que eu perca tempo em ter ciúmes? (*Imita dramaticamente um casal em choque.*) Diga, Heloísa! Quem era aquele homem? — Eu fui lá só para dar um recado. — Foste lá! Confessas! Entraste naquela casa, naquele antro! Traíste-me, perjura! — Ah! Meu amor, que desconfiança também, que injustiça! Um homem feio daquele! Eu fui lá só por causa do recado! — Maldital Pum! Pum! (*Ri.*) Oh! Oh! ah! É isso? Essa ridicularia que diverti e ensangüentou gerações de idiotas. É isso... O ciúmel!

D. CESARINA (*Levantando-se.*) — Pois se o senhor não tem vergonha, Seu Abelardo, eu tenho! Olhe este lequel! Este leque ainda é capaz de fazer muito estrago! (*Deixa a rede.*)

ABELARDO I — Compreendo! É o leque de Lady Windermere!

D. CESARINA — Seu Abelardo não me olhe assim! Eu sou ligada pelo mais doce dos sacramentos ao mais digno dos esposos. Não! Nunca! A vida de uma esposa tem que ser uma renúncia, um sacrifício, uma purificação! Por mais dolorosa...

MAIS D. POLOCA.

D. POLOCA (*Surgindo na escada.*) — Ái hein? Que lindo par...

D. CESARINA — Com licença. Eu vou fazer servir os rabigalos.

ABELARDO I — Rabigalos?

D. CESARINA — É a tradução de *cocktail*, feita pela Academia de Letras! (*Sai.*)

MENOS D. CESARINA.

D. POLOCA (*Aproxima-se.*) — Dando em cima da sogra!

ABELARDO I — Que é isso, D. Poloca? Bancando a polícia especial?

D. POLOCA — Ouvi tudo!

ABELARDO I — Pois ouviu mal. Eu estava muito respeitosamente explicando à senhora minha futura mãe que somos de duas gerações diferentes. Ela é um personagem do gracioso Wilde. Eu sou um personagem de Freud!

D. POLOCA — Quê?

ABELARDO I — A senhora não conhece Freud? O último grande romancista da burguesia?

D. POLOCA — O senhor me empresta os romances dele? São inocentes?

ABELARDO I — Oh! São. Não conhece *O complexo de Edipo?* É o meu caso!

D. POLOCA — E eu Seu Abelardo? Sou personagem de quem?

ABELARDO I — A senhora é colaboração, Castilho e Lamartine... Babó! (*Cantarolando.*) Áí! Hein! Pensa que eu não sei?

D. POLOCA (*Indignada.*) — Pois o senhor é aquele cavalheiro dos Sinos de Corneville!

ABELARDO I — Acertoul! Por que é que a senhora há de ser tão simpática quando estamos a sós. E tão infame na frente dos outros?

D. POLOCA — Mas como é que o senhor quer que eu proceda em sociedade?

ABELARDO I — Quero que proceda humanamente.

D. POLOCA — Desde quando que a humanidade é um pedaço de marmelada, Seu Abelardo? Eu defendo o meu ponto de vista de tradição e de família? Intransigentemente. Sou sua melhor amiga (*Carinhosa.*) em segredo. Mas não posso dar confiança em público a um novo-rico, a um arrivista, a um Rei da Vela!

ABELARDO I — E se eu a fizesse a Rainha do Castiçal?

D. POLOCA — Prefiro ser a neta da Baronesa de Pau-Ferro. A neta pobre e inválida que sempre viveu do pão dos irmãos e cujo resto de família foi salvo por um... intruso!

ABELARDO I — Por um intruso...

D. POLOCA — Que nos tira da ruína mas tem que conhecer as diferenças sociais que nos separam. Tenho sessenta e dois anos. Vi as poucas famílias que restam do Império se degradarem com alianças menores. Como o meu mano que se casou com essa garçal! Sei que é esse o destino da minha gente. Mas resisto é me opondo às relações fáceis e equívocas da sociedade moderna.

ABELARDO I — Me diga uma coisa, D. Poloca, se não fosse esse avacalhamento, permita-me a expressão... É de Flaubert!

D. POLOCA — Diga decadência. Soa melhor!

ABELARDO I — Bem! Se não fosse essa decadência. É realmente, é mais suave. Como é que vocês, permita a expressão, comiam...

D. POLOCA — Seu Abelardo, a gente não vive só de comida!

ABELARDO I — Está aí um ponto em que eu discordo profundamente de Vossa Majestade! Não podemos mais nos entender. A senhora vive de aragens... Eu de bifes.

D. POLOCA — O senhor é um burguês! Eu uma fidalga que teve a ventura de beijar as mãos de Sua Alteza a Princesa Isabel, ouviu?

ABELARDO I — Mas me diga uma coisa só, D. Polaquinha, perdão, D. Poloquinha. Em sua vida toda, tão cheia de nobreza, nunca amou um plebeu?...

D. POLOCA (*Graciosa.*) — Em segredo. Mas nunca em público como essa desfrutável que Deus me deu por cunhada!

MAIS HELOÍSA E JOANA.

HELOÍSA — Outro flerte! Ontem era a mamãe! Hoje tia Poloca.
Quantos chifres você me põe por hora, Abelardo?

ABELARDO I — É em família. (*Sentam-se rindo.*) Não conta!

HELOÍSA — Contanto que você não me engane com o Totó!

JOÃO — O Totó é a minha diferença. Já está dando em cima do Americano! Basta a gente inventar alguém, lá vem ele!
— Eu sou uma fracassada!

ABELARDO I — Coitado! Não leva vantagem... Está de asa partida!

JOÃO — Da outra vez também, lá em São Paulo, ele tinha brigado com o Godofredo. Ficou doente de tristeza! E mesmo assim me tomou o Miguelão! Bandido!

ABELARDO I — Mas o Americano que eu saiba aprecia o tipo masculino de Heloísa. Mister Jones é lésbico!

JOÃO — O Americano gosta do chofer. Felizmente! Olha quem vem aí... O Coronel.

HELOÍSA — Papai!

JOÃO — Parece o Clark Gable!

D. POLOCA — Meu irmão está remoçando com essas roupas de carnaval!

MAIS BELARMINO.

BELARMINO — Continuo sempre a apreciar a paisagem que se descortina desta ilha encantada. Uma verdadeira ilha paradisíaca. Aliás, o Rio de Janeiro talvez seja mesmo a mais bela cidade do mundo! Deve ser! Que baía. A mais bela baía do mundo! Nem Constantinopla, nem Nápoles, nem Lisboa!

ABELARDO I — De fato, Coronel.

BELARMINO — Lá em cima, o Corcovado com o Cristo de braços abertos. Consola-me ver o Rio de Janeiro aos pés da cruz!

O Brasil é mesmo uma terra abençoada. Temos até um cardeal! Só nos falta um Banco Hipotecário!

ABELARDO I — Se bem que, na minha opinião, o Cristo devia estar um pouco mais perto de nós. Para controlar. Ouvir as nossas queixas. Assim ele fica muito longe... lá em cima...

HELOÍSA — Onde então Abelardo?

JOÃO — Onde?

ABELARDO I — Num sítio pitoresco, cá embaixo. E próximo. Assim, no Saco de São Francisco...

BELARMINO — Muito bem pensado! No Saco de São Francisco. E junto a ele um Banco Hipotecário.

ABELARDO I — Para quê? Não temos mais nada que hipotecar...

BELARMINO — É verdade que já estamos muito endividados...

ABELARDO I — De tanga... Coronel. Como na época da descoberta...

BELARMINO — Mas me diga uma coisa, Seu Abelardo, porque é que não pagamos as nossas dívidas com café. Temos dívidas. E queimamos café. Parece haver aí um mistério! Não acha?

ABELARDO I — De fato, meu futuro sogro! Café é ouro. Ouro-negro! Estamos devendo e queimando ouro! Vou perguntar a Mister Jones... Estamos no fim. Na caveira.

BELARMINO — Um Banco Hipotecário, meu futuro genro, ressolveria a crise. Mas era preciso ser um banco forte...

ABELARDO I — Um banco americano... ou inglês...

BELARMINO — Perfeitamente. Depois que o Império soçobrou nas mãos inábeis dos ituanos, precisamos de capital estrangeiro. Empréstimos...

ABELARDO I — E emissões...

BELARMINO — Emissões também. Não sou contra as emissões, Senhor Abelardo! Mas sabe do que precisa o povo, de tranquilidade para trabalhar. Evidentemente. Dêem-lhe tranquilidade e um Banco Hipotecário e verão os resultados...

ABELARDO I — Os próprios bancos nacionais podiam se transformar... A carteira hipotecária de qualquer deles!

BELARMINO — Estão arruinados, meu amigol Arruinados! Não agüentam os fregueses antigos. Os homens honrados não arranjam lá um níquel! Não fosse a sua nobreza invulgar, tirando-me dos apuros em que estava, com aquele empréstimo... feito com garantias puramente morais! (*Puxa um enorme lenço vermelho e enxuga os olhos e a barba.*)

HELOÍSA — Ora Papai!

ABELARDO I — Por quem é. (*Consternação.*)

HELOÍSA — Papai...

BELARMINO — Minha filha, quando te casares, quero que rezas. E sejas a mãe dos pobres, a protetora dos desvalidos...

HELOÍSA — Prometo papai! Onde vai agora?

BELARMINO — Andar, minha filha!

D. POLOCA — Andar, andar é a vida a bordo! Este verso é de D. Pedro III!

ABELARDO I — É, é! Estamos a bordo.

BELARMINO (*Retirando-se declamatório.*) — Que fazem os homens novos? Que fazem os homens novos!

MENOS BELARMINO.

D. POLOCA — Os homens novos são como o senhor... um ateu! um pedreiro livre, ouviu? E esse inglês... do chofer!

ABELARDO I — Que fim levou o Americano?

JOÃO — Decerto caiu dentro do copo de uísque!

ABELARDO I — Vou salvá-lo. Até já! (*Sai pela direita.*)

MENOS ABELARDO.

HELOÍSA — Tia Poloca está de bossa, hoje!

D. POLOCA — Eu não digo mais, porque vivo do pão alheio. Mas no meu tempo, se escolhia. A gente não se casava com um aventureiro só porque é rico e foi aos Estados Unidos.

JOÃO — Por isso é que a senhora é virgem até hoje!

HELOÍSA — Com sessenta e três anos!

JOÃO — Já fez sessenta e nove!

D. POLOCA — Menina! Eu chamo teu pail Vai ver coisas inocentes, andal! Vai ver o por do sol! Vai folhear o álbum de fotografias da família que eu trouxe! Quem sabe se os retratos dos avós te dão um pouco de vergonha! Vai ver o Perdigoto que chegou todo de soldado. Magnífico!

JOÃO — Aquele fascista indecente!

D. POLOCA — É o único que presta na família!

HELOÍSA — Não amola titia. Andal! Bestinha!

JOÃO — Eu tenho culpa dela ser cabeçuda?

D. POLOCA — No meu tempo, as meninas eram recatadas. Iam às novenas. Rezavam o terço. Hoje é o diabo quem manda!

JOÃO — O diabo é o homem mais encantador do mundo. O Homem da Vela... de Heloísa.

HELOÍSA — O Rei da Vela. — Me dá um cigarro, tia.

JOÃO — Não quero saber. A vela dele é que nos salvou.

D. POLOCA (*Fuma com Heloísa*). — Eu não gosto desse homem não. Não teme Deus. É capaz de não querer casar no religioso... Mas o Perdigoto há de obrigá-lo. Este sim é um sobrinho que vale a pena! Me ensinou a tragar.

HELOÍSA — Casal! Ele está mudando. Me disse hoje que casa no religioso também. O cardeal virá à ilha... É uma honra! Um acontecimento!

D. POLOCA — Bem. Mas ele não tem família.

JOÃO — Nós temos demais. Eu não sei de nada, se não fosse ele... Depois que o Totó me tomou o Miguelão!

D. POLOCA — Aquele turco indecente!

JOÃO — Muito bom casamento. Palácio na Avenida Paulista! Barata! Nota!

D. POLOCA — Mas é um assassino!

HELOÍSA — É sim João! Matou o irmão com dezoito facadas...

JOÃO — Mas foi absolvido pelo júri. Privação de sentidos.

HELOÍSA — E de inteligência...

JOÃO — Estado normal. Mas se o Totó não aparecesse ele caía.

Ia me dar uma vida daquil! O Totó é um bandido! Me tomou o turco!

HELOÍSA — Esses anfíbios!

JOÃO — São uns miseráveis! Se não fosse o teu rei estava eu ainda gastando o meu francês de Sion nos apartamentos e nos hotéis. E rolando de barata, fazendo força contra as *midinettes*... Umas safadinhas... à-toa...

HELOÍSA — Encontrei a Mag na Avenida, num luxo. Quem diria? Aquela chapeleirinha da Rua da Boa Vista. Um vestido roxo-batatal Alucinante!

D. POLOCA — D. Etelvina escreveu?

HELOÍSA — Telegrafou. Vem com os convidados amanhã. Vem esfriar! Aquela romântica. Enfim, Abelardo quer gente de raça...

D. POLOCA — As minhas relações são sempre melhores que as suas...

JOÃO — Outra virgem! Essa é a tal que viaja com a radiografia dos intestinos, procurando celebridades médicas para consultar!

HELOÍSA — É sim...

JOÃO (*Roendo a unha do polegar.*) — Mademoiselle Tubagem!

HELOÍSA — Dona Léa vem também amanhã... Madame La Barone de Machadô!

D. POLOCA — Aquela polaca aquil Cinzas!

JOÃO — Polaca não, titia, po-lo-ne-sal Muito distinta! O Décio foi vítima da própria ignorância em geografia. Casou com ela errado.

HELOÍSA — Como é isso João?

JOÃO — Nesse tempo, essas senhoras eram todas francesas. Ele casou-se, pensando que era uma francesa de Paris. Mas ela não conhecia nem Marselhal

HELOÍSA — A Migdal tem outros portos! Mas o essencial é que ela hoje é um pilar da sociedade. Uma filantropa. Vai à missa todo dia...

JOÃO — Tem chelpal (*Começa a roer furiosamente a unha do polegar.*)

HELOÍSA — É da Convenção Eleitoral Feminina... Capaz de ser eleita deputada pelo partido católico...

D. POLOCA — João, não me irrites com essa unha. (*Pega-lhe no braço.*)

JOÃO — Deixa! Uii!

MAIS ABELARDO E O AMERICANO.

ABELARDO I — Que luta romana é essa?

JOÃO (*Debatendo-se.*) — É essa cabeçuda dessa titia, que não quer deixar eu ter nem um vício...

D. POLOCA — Cala a boca! No meu tempo, as meninas só falavam depois dos dezoito anos!

JOÃO — Uma ova. Eu sou o João dos Divãs. Não é Mister John? John and John! Marca nova de uísque.

O BANQUEIRO — *Yes, darling! Glorious day!*

ABELARDO I — Mas você gosta mesmo de roer unha?

JOÃO (*Pulando, deslumbrada.*) Uhm! Uma maravilha! (*Continua a roer.*)

D. POLOCA — Ele chega a deixar crescer a unha, para depois passar horas roendo...

ABELARDO I — Eu conheço uma que começou assim e acabou mastigando um balaústre!

JOÃO (*Histérica.*) — Deve ser divino! Ter gosto de unha! Vou experimentar!

HELOÍSA (*Festejando o braço do Banqueiro.*) — Então, Jones. Como vão os negócios de Abelardo?

O BANQUEIRO — Finanças domina mundo. Abelardo, tem cheiro... Vai dar salto...

ABELARDO I — No abismo...

HELOÍSA — Dos meus braços! Diga uma coisa, Jones, por que é que o Brasil não paga as dívidas com o café que está queimando?

O AMERICANO — No Brasil precisa aviões... metralhadoras... Muitos...

HELOÍSA — Mas para quê?

O AMERICANO — Trocar por café... Oh! *Good business! Shut up!*

ABELARDO I — É verdade! A guerra! Precisamos nos armar para a guerra...

HELOÍSA — Mas contra quem?

ABELARDO I — Contra qualquer pessoa! Qualquer guerra. Externa ou interna. É preciso dar emprego aos desocupados. Distrair o povo. E trocar café pelos armamentos que estão sobrando lá fora. As sobras da corrida armamentista. Você não vê logo? Ou então contra a Rússia! A Rússia está aporrinhando o mundo!

JOÃO (*Liga o rádio. Uma valsa de Strauss amacia o ambiente.*) — Papagaio! Toda vida Strauss! Ora! (*Vai ligar a outra estação. O rádio guincha. Abelardo intervém.*)

ABELARDO I — Não. Deixe Strauss! É o adultério! A voz mais pura do adultério... Escutem! (*Liga o rádio.*)

HELOÍSA — A grande guerra acabou com esses refúgios...

JOÃO — Prefiro um foxe...

O BANQUEIRO — Uma fox danz. Vamos Valz é tristel

JOÃO — Alô Jones! (*Muda a estação e ao som de um foxe sai grudada no banqueiro.*) Até à volta. Vou ver o pico do Itatiaia.

O AMERICANO (*Rindo.*) — Everest! Everest!

MENOS O AMERICANO E JOÃO

D. POLOCA (*Escandalizada.*) Menina à-toal! Garota da crise! (*Silêncio.*) Vou me vestir para o banho de mar. Me refrescar desses calores! Heloísa, você vem... (*Sai.*)

HELOÍSA — Vou já, titia...

MENOS D. POLOCA.

Ouvem-se gritos ao fundo. Totó Fruta-do-Conde aparece na escada. Não traz nada nas mãos.

MAIS TOTÓ.

ABELARDO I — Que foi?

HELOÍSA — Totó... Que aconteceu?

TOTÓ — Um peixe enorme. Me tirou o anzol, os bombons. Levou tudo... Deve ter sido um tubarão.

ABELARDO I — Não. Decerto foi um peixe-espada. Como você ficou emocionado! Que palpitações...

TOTÓ — Decerto!

ABELARDO I — Pensei que você já estivesse habituado com essas pescarias...

HELOÍSA — Espera. Venho já. (*Sai pela esquerda.*) Vou me vestir.

MENOS HELOÍSA.

TOTÓ (*Atira-se a uma cadeira.*) — Eu pisco incessantemente há três dias. Por desgostos, Seu Abelardo!

ABELARDO I — Asa quebrada...

TOTÓ — Veja só! O Godofredo! Me misturar!

ABELARDO I — Isso é da vida, você se confortará, esquecerá!

TOTÓ — Nunca! Não posso esquecer.

ABELARDO I — Ora, o tempo é o grande remédio...

TOTÓ — Inútil. Foi um caso muito sério. Depois de tamanha dedicação mínhah Três anos! Foi muito sério!

ABELARDO I — Assaz sério! Mas tudo passa. *Tout passe, tout casse...*

TOTÓ — Se não fosse aquele detalhe! Imagine, eu disse ao Godofredo: Você pode me trair com qualquer mulher. Qualquer, hein? Mas com aquela não admito! E foi justamente com ela! Tenho provas!

ABELARDO I — Bem. Mas a natureza está cheia de imperativos...

TOTÓ — E onde fica a educação, Seu Abelardo? Onde ficam as convenções, os preconceitos sociais, as diferenças de origem e de classe... Tudo isso que torna o mundo delicioso (*Geme.*) Me trair com uma mulher do Mangue!

ABELARDO I — Do Mangue?

TOTÓ — Do Mangue, sim. Foi um cataclisma. Sou uma fraca-sada! (*Levanta-se.*) Os peixes me assaltam, o mar me enerva, a paisagem me amorfina. Vou para o meu quarto... sim? (*Sai.*)

MENOS Totó.

ABELARDO I — Vai... Ofélia... Entra para um convento! (*Fechá o rádio.*) Agora é o outro que chegou na lancha. O pau-d'água. Vem buscar dinheiro. Mais dinheiro! Passei a vida arrancando osso, pele e sangue de meio mundo para ser explorado agora... por um fascista... colonial!

ABELARDO E PERDIGOTO.

Perdigoto entra, choca as botas e faz uma saudação militar cabalística. Abelardo senta-se sem responder.

PERDICOTO — Glória!

ABELARDO I — Que quer comigo?

PERDICOTO (*Sentando-se a cavalo numa cadeira. Tira um cigarro. Oferece. Fuma.*) Propor-lhe um negócio...

ABELARDO I — Mais um? Não conhece outro endereço?

PERDICOTO — É uma transação que o interessa...

Silêncio.

ABELARDO I — O senhor é um crápula!

PERDICOTO — Quem é o senhor para me dizer isso?

ABELARDO I — Um homem que matou a fome da sua família! Antes mesmo de entrar nelas!

PERDICOTO — Cão!

ABELARDO I — Insulta-me?

PERDICOTO — Estou habituado a isso! Na fazenda ainda uso o chicote...

ABELARDO I — Mas não comigo, sabe? Insulta e maltrata os que trabalham... Os que lhe deram as belas roupas com que perde rios de dinheiro na Hípica e no Automóvel Clube... Felizmente isso acabou, meu amigo...

PERDICOTO (*Cínico.*) — Não jogo mais!

ABELARDO I — Porque não tem dinheiro. Agora bebe. Sei que a fazenda se desorganizou durante uma semana toda! Por-

que o senhor que a administra em nome de seu pai foi tomar pifões de 24 horas com o administrador na Casa Grande. Foi retirado semivivo de uma forma de vômito. Sabe, um dia os colonos hão de levantar-lhe uma estátua de vômito, depois de tê-lo enforcado...

PERDICOTO (*Calmo.*) — Irão depois às cidades e à capital... levantar estátuas idênticas aos usurários.

ABELARDO I — Miserável!

PERDICOTO — Ladrão!

ABELARDO I — Diga o que quer!

Silêncio.

PERDICOTO — Tenho notado lá e em algumas propriedades vizinhas um descontentamento crescente entre os colonos. Eles estão ficando incontentáveis.

ABELARDO I — Naturalmente... Sempre foram incontentáveis...

PERDICOTO — Estão ficando insolentes, até desaforados. Ora, só há um remédio. É preciso castigar e meter medo. Eu tenho velhos amigos, quase todos desocupados... Gente disposta... Que sabe brigar...

ABELARDO I — Já sei! A escória notâmbula de São Paulo, os de porta de bar, os faróis de clube de jogo, os gigolôs de luanar...

PERDICOTO — Todos pertencentes a excelentes famílias...

ABELARDO I — Como você!

PERDICOTO — Tenho um projeto. Dar-lhes ocupação. Aproveitá-los.

ABELARDO I — Que ocupação pode ter essa ralé?

PERDICOTO — Uma camisa de cor basta! Armas, munições e...

ABELARDO I — Dinheiro!

PERDICOTO — Fora de brincadeira. A situação obriga a isso. Organizemos uma milícia patriótica. Que acha? Nos instalaremos provisoriamente na Casa central. Combinaremos com os outros fazendeiros. Arrolaremos gente, a capanga-

da está sempre pronta... Será o nosso quartel-general. E se a colônia der um pio...

ABELARDO I — Será o massacre... Processos conhecidos!

PERDIGOTO — Claro. Os corvos engordarão! E a paz voltará de novo sobre a fazenda antiga!

ABELARDO I (*Depois de um silêncio.*) — Quanto quer?

PERDIGOTO — Dez contos!

ABELARDO — Sei que vai jogar esse dinheiro. Tentar uma última parada. Parasital (*Reflete.*) Mas sua idéia não é má. Não deve ser sua. Aliás é uma cópia do que está se fazendo nos países capitalistas em desespero! (*Prepara um cheque.*) Pronto! Se dentro de uma semana não estiver organizada a milícia, ponho-o na cadeia!

PERDICOTO — Por ter sido seu amigo?

ABELARDO I — Não, porque falsificou minha assinatura numa letra de treze contos que foi descontada por Pereira & Irmão. Desmoralizando-me com essa quantia ridícula! Mas já tomei providências.

PERDICOTO — Sabia isso também?

ABELARDO I — Quer que lhe dê mais detalhes de sua vida?

PERDICOTO (*Fazendo alusão ao cheque que mostra ao sair.*) — Não! Por hoje basta.

MENOS PERDICOTO.

ABELARDO I — Crápulas! Sujos! Um é o Totó Fruta-do-Conde! O outro, este bêbedo perigoso. Virou fascista agora. Minha cunhada veio sentar de *maillot* no meu colo para eu coçar-lhe as nádegas... com cheques naturalmente. A sogra caída... A outra velha... E eu é que devo me sentir honradíssimo... por entrar numa família digna, uma família única.

MAIS HELOÍSA.

HELOÍSA (*Entra em maio.*) — Você não vai ao banho? Estão todos prontos.

ABELARDO I — Não vou! Estou com um pouco de dor de cabeça. Prefiro repousar. Leve esse Americano duma figura... Minha cara, eu estou vendo que peguei no duro, no bateante, durante dez anos, para fazer uma porção de piratas jogarem ioiô!

HELOÍSA — Estás arrependido? Não te trago vantagens sociais? físicas? Políticas... bancárias...

ABELARDO I — Mas que às vezes, de repente, perco a confiança. É como se o chão me faltasse. Sei que as tuas relações são boas. Amanhã teremos um jantar de congraçamento sob as estrelas do pavilhão yankee. Até o mais degenerado dos teus irmãos me será útil.

HELOÍSA — O Frutinha?

ABELARDO I — Por enquanto o outro. O ébrio. Vai fundar a primeira milícia fascista rural de São Paulo. Quem vai se regalar é o tal Cristiano de Bensaúde... o escritor... você sabe. Ele vem amanhã...

HELOÍSA — O tal que você chamava de sociólogo angélico, ia mandar fazer um samba para ele *O pirata jejuador*?

ABELARDO I (*Rindo.*) — É. A gente nos momentos difíceis é obrigado a fazer concessões. Depois o Americano quer união, das confissões religiosas, dos partidos... É preciso justificar perante o olhar desconfiado do povo, os ócios de uma classe. Para isso nada como a doutrina cristã...

HELOÍSA — Hein? Você já está assim?

ABELARDO I — O catolicismo declara que esta vida é um simples trânsito. De modo que os que passaram mal, trabalhando para os outros, devem se resignar. Comerão no céu...

HELOÍSA — E os outros?

ABELARDO I — Os outros não precisam nem acreditar. Podem até adotar o scepticismo ioiô. A vida é um eterno ir e vir... ioiô...

HELOÍSA — E quando enrosca?

ABELARDO I — Aí apela-se para Schopenhauer. E imediatamente adota-se a filosofia do tiro no ouvido... Deve doer, não? O mundo então é uma miséria. Como Deus, não existe mais. Só há um remédio. O salto no Nirvana.

HELOÍSA — Por isso é que você se aniquilou em mim...

ABELARDO I — De fato, a minha vida enroscou na sua, Heloísa.

Num momento grave, em que é preciso lutar e vencer. Sem piedade. De uma maneira fascista mesmo. Vou me aliar ao Perdigoto e ao Bensaúde. Eles têm utilidade.

HELOÍSA — Você disse que aqui isso não seria possível.

ABELARDO I — Tenho estudado melhor. Somos parte de um todo ameaçado — o mundo capitalista. Se os banqueiros imperialistas quiserem... Você sabe, há um momento em que a burguesia abandona a sua velha máscara liberal. Declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiiras! Organiza-se como classe. Policialmente. Esse momento já souu na Itália e implanta-se pouco a pouco nos países onde o proletariado é fraco ou dividido...

HELOÍSA — Então vou já brincar de jacaré com o Americano.

ABELARDO I — Vai! Ele é Deus Nossa Senhor do Arame... Brinca, meu bem.

Heloísa sai pela esquerda. Atrás dela, chamando-a, aparece, pela direita, em maid centenário, que lhe cobre as canelas, D. Poloca.

MENOS HELOÍSA, MAIS D. POLOCA.

D. POLOCA — Heloísa! Heloísa!

ABELARDO I (*Barrando-lhe o caminho.*) — De novo a só! Sabe! Respeito-a porque a senhora é o passado puro! Que não relaxa! O cerne! O cer-ne!

D. POLOCA (*Lisonjeada.*) — Chaleira!

ABELARDO I (*Depois de um silêncio.*) — Diga, tia Coisa! Diga-me seriamente se a senhora tivesse um milhão de dólares o que faria?

D. POLOCA — Ora! Fabulista!

ABELARDO I — Diga. Eu preciso saber. Eu quero saber! Por exemplo, se eu estourasse os miolos e lhe deixasse tudo o que tenho...

D. POLOCA — Quer me fazer de idiota? Não faz não!

ABELARDO I — Não. Quero mesmo saber. Diga. Qual é o seu grande ideal? O que faria se recebesse um milhão?

D. POLOCA — Iria a Petrópolis.

ABELARDO I (*Ajoelhando-se.*) — Deixe-lhe beijar os pés! Santinha! O maiô pelo menos! (*Levanta-se.*) Pois olhe, há de ser comigo. Eu lhe dou uma viagem a Petrópolis! Tomaremos nós dois sozinhos a lancha. Sulcaremos a baía. Jantaremos no Rio num grande restaurante. Mas à noite... À noite...

D. POLOCA — Uma noite de amor! Nesta idade!

ABELARDO I — A primeiral... Diga que aceita...

D. POLOCA — Olhe que eu não sou de ferro!

ABELARDO — Vou mandar preparar a lancha... E uns bolinhos.

D. POLOCA — Uns pés-de-moleque! Aba-fal!

ABELARDO — Abafa (*Saindo pela direita. Atira um beijo... dois...*) Ao luar! Esta noite!

TELA

3.º Ato

O mesmo cenário do Primeiro Ato, à noite. A cena está atravancada de ferro-velho penhorado a uma Casa de Saúde. Uma maca no chão. Uma cadeira de rodas. Um rádio sobre uma mesa pequena. A iluminação noturna vem de fora, pela ampla janela. Heloisa se lastima prendendo com os braços as pernas de Abelardo I.

ABELARDO I E HELOÍSA.

HELOÍSA (*Senta-se sobre a maca.*) — Que desgraça, meu bem! Que pena! Que pena!

ABELARDO I — Prefiro ser fraco... Heloísa. Você sabe porque nós íamos casar. Não era decerto para fazer um *ménage* de folhinha...

HELOÍSA — Que penal! Meu Deus!

ABELARDO I — Terás que procurar outro corretor... Você sabe... Nos casávamos para você pertencer mais à vontade ao Americano. Mas eu já não sirvo para essa operação imperialista. O teu corpo não vale nada nas mãos de um corretor arrebentado que irá para a cadeia amanhã... Ou será assassinado pelos depositantes. Essa falênciа imprevista vai me desmascarar...

HELOÍSA — Que horror! Eu não quero que você vá preso!

ABELARDO I — Não há perigo. Não irei. (*Tira um revólver dissimuladamente do bolso.*)

HELOÍSA — E eu como é que fico? Na miséria outra vez. Eu não sei trabalhar, não sei fazer nada. E a minha gente... Eu acabo dançando no *Moulin Bleu*...

ABELARDO I (*Consolando-a.*) — Não será preciso, meu amor. Você se casa com o ladrão...

HELOÍSA (*Continua a choramingar e mantém-se lastimosa e soluçante durante todo o Ato.*) — Qual deles? Eu já perguntei!

ABELARDO I — O último, o que deu a tacada final nesta partida negra em que fui vencido...

HELOÍSA — O Americano não quer casar...

ABELARDO I — Mas o outro casa. É um ladrão de comédia antiga... Com todos os resíduos do velho teatro. Quando te digo que estamos num país atrasado! Olhe, ele roubou os cheques assinados ao portador. Operou magnificamente. Mas veja, rebentou a lâmpada... arrombou a secretaria... Deixou todos os sinais dos dedos. Para quê? Se tinha furtado a chave do cofre. É um ladrão antigo. Tropa um casamento com uma nobre arruinada. Na certa!

HELOÍSA — Já sei! É o seu domador! Que homenzinho horrível, meu Deus! Eu não quero...

ABELARDO I — Não sei. Quem sabe se é Rafles... Arsène Lupin, um desses que você gosta, que amava na adolescência... Saído de Edgar Wallace, hein?...

HELOÍSA — Mas eu gosto de você... Você vai embora... Para onde você quer ir... Eu também vou... com você...

ABELARDO I — Não vou não. Fico.

HELOÍSA (*Divisa o revólver e dá um grito.*) — Largue isso, Abelardo!

ABELARDO (*Defendendo a arma.*) — Por que Heloísa? O ladrão que à noite passada levou o dinheiro, deixou esta arma no lugar... Fez-me um presente... O melhor que podia fazer... Viu que eu não tinha outra saída...

HELOÍSA — Mas meu amor! (*Levanta-se e agarra-se a ele.*) Mesmo que você esteja arruinado. Mesmo que seja verdade... Você pode ganhar ainda, recuperar... Você, tão inteligente, tão ativo...

ABELARDO I — Tão esperto! Olhe menina. Eu fui um porcalhão! Sabe você a quem a burguesia devia erguer estátuas? Aos caixas dos bancos! Esses sim é que são colossais! Firmes como a rocha. Os homens que resistem à tentação da nota. Sabendo para onde ela vai, para que ela serve, donde vem, que infâmias pode tecer... Os que recusam o chamado da nota! Antigamente, quando a burguesia ainda era inocente... A burguesia já foi inocente, foi até revolucionária... Nos bons tempos do romantismo, antes do cinema devassar o mundo, acreditava-se no chamado do Oriente, esse apelo insondável dos países misteriosos e tardos, onde, no fundo — o cinema depois divulgou —, só havia exploração imperialista e palmeiras, mais nada. Na época moderna, para nós, classe dirigente, minha amiga, só há um chamado — chamado da nota! Eu não soube resistir ao chamado da nota! Sendo Rei da Vela, banquei o Rei do Fósforo. Também me apossei do que pude! Joguei numa terrível aventura, todas as minhas possibilidades! Pus as mãos no que não era meu. Blefei quanto pude! Mas fui vergonhosamente batido por um coringa... Pois bem! O Rei da Vela não será indigno do Rei do Fósforo!... (Agita o revólver.)

HELOÍSA — Abelardo. Não faça essa loucura. Vamos recomeçar. Fugiremos daqui para bem longe! Vamos...

ABELARDO I — Recomeçar... uma choupana lírica. Como no tempo do romantismo! As soluções fora da vida. As soluções no teatro. Para tapear. Nunca! Só tenho uma solução. Sou um personagem do meu tempo, vulgar, mas lógico. Vou até o fim. O meu fim! A morte no Terceiro Ato. Schopenhauer! Que é a vida? Filosofia de classe rica desesperada! Um trampolim sobre o Nirvana! (*Grita para dentro.*) Olá! Maquinista! Feche o pano. Por um instante só. Não foi à-toa que penhorei uma Casa de Saúde. Mandei que trouxessem tudo para cá. A padiola que vai me levar... (*Fita em silêncio os espectadores.*) Estão aí? Se quiserem assistir a uma agonia alinhada esperem! (*Grita.*) Vou atear fogo às vestes! Suicídio nacional! Solução do Mangue! (*Longa hesitação. Oferece o revólver ao Ponto*

e fala com ele.) Por favor, Seu Cireneu... (Silêncio. Fica interdito) Vê se afasta de mim esse fósforo...

O PONTO — Não é mais possível!

ABELARDO I — Como? Não é possível? O autor não ligaria... Então?

O PONTO — Mas a crise... A situação mundial... O imperialismo. Com o capital estrangeiro não se brinca!

ABELARDO I — Está bem. (*Para Heloisa.*) Tu, meu cravo de defunto, dá-me o último beijo! (*Enlaçam-se.*)

O pano encobre a cena. Ouve-se um grito terrível de mulher e uma salva de sete tiros de canhão. Quando reabre, Heloísa soluça jogada sobre a maca. Abelardo está caído na cadeira de rodas que centraliza a cena. O telefone ressoa. Ela soluça. Silêncio prolongado. O telefone insiste.

ABELARDO I — Não atenda... É o ladrão. Está telefonando para ver se eu já morri. Truque de cinema. Mas como no teatro não se conhece outro, ele usa o mesmo. Virá até aqui. Para nós o identificarmos! Olhem! (*Ouve-se um ruído à direita.*) É ele! Pssst! Heloísa! Pára de chorar! (*Silêncio absoluto, o ruído cresce, persiste. Abelardo arqueja e acompanha com enorme interesse. Sorri.*) Barulho de gazual! É ele! (*A porta estala. Abelardo II surge, embuçado, de casquete, exageradamente vestido de ladrão. Tirou os bigodes de domador. Traz nas mãos uma lenteira surda. Deixou o monóculo. É quase um gentleman.*

OS MESMOS E ABELARDO II.

ABELARDO I — Meu *alter ego!* Foi um suicídio autêntico. Abelardo matou Abelardo.

ABELARDO II (*Fingindo-se possesso de surpresa, deixa rolar a lanterna, enquanto Heloísa, na mesma posição, recomeça os soluços intérminos.*) — Mas que houve? Que foi? O que é isso? Meu Deus. (*Aperta o botão da luz.*) Curto-circuito!

ABELARDO I — Não. Foi você que quebrou. Ladrão de primeira viagem! Fez bem! Pouparemos a luz elétrica. A conta do

mês passado foi alta demais! Acenda todas as velas! Economia em regressão. As grandes empresas estão voltando à tração animal! Estamos ficando um país modesto. De carroça e velas! Também já hipotecamos tudo ao estrangeiro, até a paisagem! Era o país mais lindo do mundo. Não tem agora uma nuvem desonerada... Mas não irá ao suicídio... Isso é para mim.

ABELARDO II — Por que fez essa loucura?

ABELARDO I — Um homem não tem importância... A classe fica. Resiste. O poder do espiritualismo. Metapsicose social...

ABELARDO II — Quer que chame um médico?

ABELARDO I — Para quê? Para constatar que eu revivo em você? E portanto que Abelardo rico não pagará a conta de Abelardo suicida?

ABELARDO II — Pode salvar-se ainda. Como fica essa pobre moça... No desamparo. (*Heloisa soluça fortíssimo.*) Quer um padre? Pode ainda realizar o casamento...

ABELARDO I — Que necessidade tem você de casar com a minha viúva... Vai tê-la virgem! e de branco...

ABELARDO II — Virgem! Heloísa virgem! (*Heloísa diminui os soluços.*)

ABELARDO I — Se o Americano desistir do direito de pernada...

ABELARDO II — De pernada?

ABELARDO I — Sim, o direito à primeira noite. É a tradição! Não se afobe, pequeno burguês sexual e imaginoso! Não se esqueça que estamos num país semicolonial. Que depende do capital estrangeiro. E que você me substitui, nessa copa nacional! Diga, onde escondeu o dinheiro que abafou?...

ABELARDO II — Que dinheiro?

ABELARDO I — O nosso. O que sacou às dez horas precisas da manhã. O dinheiro de Abelardo. O que troca de dono individual mas não sei da classe. O que, através de herança e do roubo, se conserva nas mãos fechadas dos ricos... Eu te conheço e identifico, homem recalado do Brasil! Produto do clima, da economia escrava e da moral desu-

mana que faz milhões de onanistas desesperados e de pederastas... Com esse sol e essas mulheres!... Para manter o imperialismo e a família reacionária. Conheço-te, fera solta, capaz dos piores propósitos. Febrônio dissimulado das ruas do Brasília Amanhã, quando entrees na posse da tua fortuna, defenderás também a sagrada instituição da família, a virgindade e o pudor, para que o dinheiro permaneça através dos filhos legítimos, numa classe só...

ABELARDO II — Eu sempre defendi a tradição... e a moral...

ABELARDO I — E defende também a casa feudal... Se salvares a fazenda das unhas militarizadas do Perdigoto, conserva a Casa da família. Não reformes nada! A casa feita para ter muitos criados, um resto de mucamas e negras velhas, lembrando o tronco! E um grande quarto frio para dois seres que se traem e se detestam dormindo na mesma cama e orando no mesmo oratório. A casa antiga, colonial, um mundo que resiste! Mais que eu... Foi a bala do cano que penetrou profundamente, a primeira... As outras rodearam o coração! Que dor... Decerto é porque o coração ficou intato... O coração, esse útero do homem, onde a gente gera os filhos mais caros... a ambição, o amor, o desespero, a vontade de viver... a literatura... Escuta, Abelardo! Abandonaste o socialismo?

ABELARDO II — Faço-lhe presente dele!

ABELARDO I — Mas eu não aceito. Neste momento eu quero a destruição universal... O socialismo conserva...

ABELARDO II — Virou bolchevista! São todos assim... Quando era o grande milionário e emprestava a 15% ao mês e eu lhe falava dos ideais humanitários e moderados do socialismo, caçoava. Conhecia tudo, lia tudo, mas se ria... Agora...

ABELARDO I — Sempre soube que só a violência é fecunda... Por isso desprezei essa contrafação. Cheguei a preferir o fascismo do Perdigoto. Mas agora eu queria outra coisa...

ABELARDO II — O comunismo...

ABELARDO I — Para te deixar um veneno pelo menos misturado com Heloísa e os meus cheques. Deixo vocês ao Americano... E o Americano aos comunistas. Que tal o meu testamento?

ABELARDO II — São todos assim como você, passam para o outro lado quando estão arruinados!

ABELARDO I — É um erro teu! Se todos fossem como o oportunista cínico que sou eu, a revolução social nunca se faria! Mas existe a fidelidade à miséria! Eu estou saindo da luta de classes... já está aí a maca onde o meu corpo vestido e inerte substituirá o corpo voluptuoso de Heloísa... Mas se sarasse... regressava à arena na posição que ocupei. Não aderia... Talvez mudasse de dono. Voltava a trabalhar para o imperialismo inglês...

ABELARDO II — Pão-duro...

ABELARDO I — Pão amanhecidol

ABELARDO II — Eu fui o teu obstáculo!

ABELARDO I — Mas a tua vida não irá muito além desta peça...

ABELARDO II — Me matas?

ABELARDO I — Para quê? Outro abafaria a banca. Somos uma barricada de Abelardos! Um cai, outro o substitui, enquanto houver imperialismo e diferença de classes...

ABELARDO II — Ora, que sujeito! Fazendo visage na hora da morte!

ABELARDO I — Não sou nem sequer um demagogo. Esta cena é ainda um episódio da concorrência. Uma briga burguesa. Eu quero, mesmo depois da morte, te suplantar na memória dela que vai ser tua mulher.

ABELARDO II — Minha mulher?

ABELARDO I — Como meu irmão será o teu advogadol (*Silêncio.*)

ABELARDO II (*Calculando.*) — Ele conhece o sistema da casa...

ABELARDO I — Somos uma história de vanguarda. Um caso de burguesia avançada...

ABELARDO II — Num país medieval!

ABELARDO I — O cálculo frio é a nossa honra. O sistema da casal Não morro como um convertido. Se sarasse ia de novo lutar pela nota. Ia ser pior do que fui. E mais pre-cavido. A neurose do lucro! Quem a conhece não a larga mais. É a mais bela posição do homem sobre a terra! Nenhuma militância a ela se compara. Nenhuma religião. Se vejo com simpatia, neste minuto da minha vida que se esgota, a massa que sairá um dia das catacumbas das fábricas... é porque ela me vingará... de você... Que horas são? Moscou irradia a estas horas. Você sabe! Abra o rádio. Abra. Obedeça! É a última vontade de um agonizante de classe!

ABELARDO II (*Obedecendo.*) — Ondas curtas. 25, onda de má reputação. Quantas vezes escutei isso...

ABELARDO I — É o vazio debaixo dos pés, o abismo aberto... a catástrofe! (*Silêncio. Ouvem-se os sons da International.*) O hino dos trabalhadores...

ABELARDO II — *A International...*

A música termina.

UMA VOZ NO RÁDIO — Proletários de todo o mundo, uni-vos! Aqui fala Moscou. Mos...

Abelardo II com um pé vira o aparelho que se cala.

ABELARDO I — Ah! Ah! Moscou irradia no coração dos oprimidos de toda a terra!

ABELARDO II — Sujol Demagogol!

ABELARDO I — Calmal! Não és parecido com o Jujuba, senão no físico. Vou te contar a história do Jujuba! Era um simples cachorro! Um cachorro de rua... Mas um cachorro idealista! Os soldados de um quartel adotaram-no. Ficou sendo a mascote do batalhão. Mas o Jujuba era amigo dos seus companheiros de rual! Na hora da bôia, aparecia trazendo dois, três. Em pouco tempo, a cachorrada magra, suja e miserável enchia o pátio do quartel. Um dia, o major deu o estrilo. Os soldados se opuseram à saída da sua mascote! Tomaram o Jujuba nos braços e espingardearam os outros... A cachorrada vadia voltou para a rua. Mas,

quando o Jujuba se viu solto, recusou-se a gozar o privilégio que lhe queriam dar. Foi com os outros!

ABELARDO II — Demagogia!

ABELARDO I — Não. Ele provou que não! Nunca mais voltou para o quartel. Morreu batido e esfomeado como os outros, na rua, solidário com a sua classe! Solidário com a sua fome! Os soldados ergueram um monumento ao Jujuba no pátio do quartel. Compreenderam o que não trai. Eram seus irmãos. Os soldados são da classe do Jujuba. Um dia também deixarão atropeladamente os quartéis. Será a revolução social... Os que dormem nas soleiras das portas se levantarão e virão aqui procurar o usurário Abelardo! E hão de encontrá-lo...

ABELARDO II — Os soldados são patriotas! Os soldados amam o Brasil. Viva o Brasil!

ABELARDO I — Mas o Brasil não ama os seus soldados! Eles ganham o que por mês? Para defender os que ganham vinte contos por semana como o Americano! É eu e você, os lacaios dele! Antes de Cristo, Tibério Graco já dizia dos soldados romanos: — “Chamam-nos de senhores do mundo, mas eles não têm sequer uma pedra onde encostar a cabeça!” É verdade! Eu também não tenho mais nada. Castiguei a traição que fiz à minha classe. Era pobre como o Jujuba! Mas não fiz como ele... Acreditei que isso que chamam de sociedade era uma cidadela que só podia ser tomada por dentro, por alguém que penetrasse como você penetrou na minha vida... Eu também fiz isso. Traí a minha fome... (*Silêncio. Ouve-se a respiração do agonizante.*)

ABELARDO II — Sente-se melhor?

ABELARDO I — Não tenha receio. Sinto como se sonhasse que estava tendo uma congestão cerebral... Um poeta disse: “— Se alguma coisa já exaltou o homem foi a palavra — liberdade!” A luta pela liberdade... A luta pelo dinheiro... Só o dinheiro dá a liberdade. A liberdade de amar, de matar, de mentir, de estuprar... (*Ouve-se um barulho de automóvel estertorar lá fora, passando.*) Feche a janela! Não quero ouvir esses sinos! Quero pagar tudo! À vista!

ABELARDO II — Mas que sinos?

ABELARDO I — Não quero ouvir. Feche! Não quero nada de graça... Não admito. Sino é de graça...

ABELARDO II — Está delirando...

Heloísa soluça alto de novo.

ABELARDO I — Pago tudo! Sino é a única coisa que a Igreja dá grátil! Não querol! Pago tudo! Adiantadol! Missa de corpo presente! Sinos não querol! Abelardo! Abra a jaula... Chicoteie!... Pare essas vozes!... Abra a jaula!... Abral!

ABELARDO II (*Faz correr a porta de ferro.*) — Pronto!

Silêncio. Soluços.

ABELARDO I — Não deixe eles falarem mais. (*Escuta.*) O quê? Que vou ser protestado? Virei um papagaio protestado? Sem reforma? Cães! Rual! Chicoteie, Abelardo!

UMA VOZ (*Grossa, terrificante, da porta escancarada que mostra a jaula vazia.*) — Eu sou o corifeu dos devedores relapsos! Dos maus pagadores! Dos desonrados da sociedade capitalista! Os que têm o nome tingido para sempre pela má tinta dos protestos! Os que mandam dizer que não estão em casa aos oficiais de justiça! Os que pedem envergonhadamente tostões para dar de comer aos filhos! Os desocupados que esperam sem esperança! Os aflitos que não dormem, pensando nas penhoras. (*Grita.*) A Amé-ri-ca - é - um - blefe!!! Nós todos mudamos de continente para enriquecer. Só encontramos aqui escravidão e trabalho! Sob as garras do imperialismo! Hoje morremos de miséria e de vergonha! Somos os recrutados da pobreza! Milhões de falidos transatlânticos! Para as nossas famílias, educadas na ilusão da A-mé-ri-ca, só há a escorrer a cadeia ou o *rendez-vous!* Há o sui-cídio também! O sui-cídio...

ABELARDO I — É a revolução... Fogol! Façam fogo...

Silêncio pesado. Os soluços de Heloísa aumentam.

ABELARDO II — Está morrendo. A minha vida começa!

ABELARDO I — A val...a...

Heloísa soluça de novo forte.

ABELARDO II — Compreendo. A vala comum... Não ficou nada. Nem para o enterro nem para a sepultura. A casa ia mal há muito tempo. Coitado! Negócios com estrangeiros... Ele que tinha mandado fazer aquele projeto de túmulo fantasmagórico... Com anjos nus de três metros...

ABELARDO I — A val...al (*Gesticula impotentemente.*)

ABELARDO II — O quê! Quer alguma coisa? Que dê o sinal de crime? Não! É cedo ainda. Vai querendo!

ABELARDO I — Não... (*Mostra com sinais alguma coisa que deseja.*)

ABELARDO II — O telefone! Não. Um copo d'água?

ABELARDO I (*Num esforço enorme.*) — A vela!

ABELARDO II — Ahn! Quer morrer de vela na mão? O Rei da Vela. Tem razão! (*Abre o mostruário. Tira uma velinha de sebo, a menor de todas. Acende-a.*) Não quer perder a majestade. Vou por naquele castiçal de ouro!

Silêncio. Soluços. A cena emerge da luz frouxa da vela que Abelardo II colocou no castiçal de latão. Num último arranco o moribundo deixa cair a cabeça para trás e a vela ao chão onde tomba também e permanece de bocca.)

HELOÍSA (*Levantando-se entre soluços enormes.*) — Abelardo! Abelardo!

ABELARDO II — Heloísa será sempre de Abelardo. É clássico! *Heloísa hesita um instante perto do morto, depois ampara-se sobre o ombro de Abelardo II que a mantém estreitamente no centro da cena. Ouvem-se os acordes da Marcha Nupcial e uma luz doce focaliza o par. Aparecem então em fila, vestidos a rigor, os personagens do Segundo Ato que, sem dar atenção ao cadáver, cumprimentam o casal enluarado, atravessando ritmadamente a cena e se colocando por detrás dele, ao som da música. O fascista saúde à nomana. O Americano é o último que aparece e o único que fala.*

O AMERICANO — Oh! good business!

TELA

O homem e o cavalo

Espetáculo em nove quadros

1º Quadro — O céu

SÃO PEDRO

O PROFESSOR ICAR

O POETA-SOLDADO

O DIVO

1.^a GARÇA

2.^a GARÇA

3.^a GARÇA

4.^a GARÇA

O CACHORRINHO SWENDEMBORG

2º Quadro — O interior do Icaro I

OS MESMOS

ICAR DESENCARNADO

3º Quadro — Debout les rats

OS MESMOS

O CAVALO DE TRÓIA

O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO

O TRATADOR DE CAVALOS

O VENDEDOR DE JORNALIS

A VOZ DE JOB

VOZES

UMA VALQUÍRIA MONTADA

4º Quadro — A barca de São Paulo

OS MESMOS MENOS AS 4 GARÇAS, O POETA-SOLDADO,
O DIVO, O TRATADOR, O VENDEDOR DE JORNALIS

CLEÓPATRA

MISTER BYRON

LORD CAPONE

O TIGRE DO MAR NEGRO

O SOLDADO VERMELHO DE JOHN REED

MARINHEIROS, SOLDADOS, Povo

5º Quadro — S.O.S.

OS MESMOS, MENOS CLEÓPATRA

6º Quadro – A industrialização

OS MESMOS, MENOS O TIGRE, O SOLDADO, BYRON E CAPONE

M^{me} ICAR

A VOZ DE STALIN

A VOZ DE EISENSTEIN

OPERÁRIOS, OPERÁRIAS

7º Quadro – A verdade na boca das crianças

OS MESMOS

O MÉDICO

TRÊS CRIANÇAS SovIÉTICAS

8º Quadro – O tribunal

OS MESMOS, MENOS O MÉDICO E AS CRIANÇAS, MAIS O
TIGRE, O SOLDADO VERMELHO DE JOHN REED

M^{me} JESUS

CRISTO

MADALENA

A VERÔNICA

O BARÃO BARRABÁS DE ROTSCILD

FU-MAN-CHU

D'ARTAGNAN

UM ESPANHOL

UM PEQUENO-BURGUÊS
UM ROMANCISTA INGLÊS
O CAMARADA VERDADE
UM POETA CATÓLICO

9º *Quadro – O planeta vermelho*

OS MESMOS, MENOS AS PERSONAGENS DO TRIBUNAL
A BARONESA DO MONTE-DE-VÊNUS
O CONDUTOR DE MARCIANOS
O EMPREGADO DO ESTRATOPORTO
O VENDEDOR DE CÂMBIO NEGRO
O AGENTE DA GPU
UM GRUPO DE MARCIANOS
O CACHORRINHO SWENDEMBORG

1º QUADRO

O céu

A cena representa um velho carrossel. Ao fundo, um elevador inutilizado. Uma inscrição DEUS-PÁTRIA-BORDEL-CABAÇO. De um lado, três reservados: HOMENS-MULHERES-ANJOS.

CENA I

As 4 Garças, sentadas em banquinhos, fazem bordados.

ETELVINA (*Bocejando.*) — Ih! Que dia pau! Quando é que acabará esta eternidade!

MALVINA — Eu é que não posso ficar sem ocupação. São Pedro me pediu para fazer umas toalhinhas, o fio de nuvem acabou...

BALDUÍNA — Não esqueça as iniciais...

ETELVINA — Ih! céu é pau! Que pena Rasputin ter ido para o inferno!

BALDUÍNA — A culpa foi do Iussupof que não deu tempo dele se confessar!

QUERUBINA — Mas vocês queriam o Rasputin aqui?!

ETELVINA — Pelo menos se tirava linha...

MALVINA — Vamos estudar inglês, em vez de falar besteira.
Anda, gente!

ETELVINA — Comece você...

MALVINA — *The table — the pencil — the breakfast.*

ETELVINA — São Pedro já sabe como é borboleta.

QUERUBINA — Ele me ensinou: *Butterfly!*

Ouve-se o Divo cacarejar dentro do reservado das mulheres.

MALVINA (*Tapando as orelhas.*) — Que fracasso!

QUERUBINA — O Divo está estudando, coitado!

MALVINA — Dentro da casinha?

QUERUBINA — São hábitos terrestres.

BALDUÍNA — Não está bem desencarnado ainda...

ETELVINA — Ele vai dar um concerto em benefício.

MALVINA — Aqui no céu?

ETELVINA — Em benefício do soldado desconhecido!

MALVINA — São idéias daquele outro maluco...

ETELVINA — Quem?

MALVINA — Do Poeta-Soldado!

ETELVINA — Que fim levou ele? Não comungou hoje...

BALDUÍNA — Nem tomou café com leite!

QUERUBINA — Eu sei... Mas não posso dizer...

AS TRÊS — Contel Conte!

QUERUBINA — Ele pediu segredo...

AS TRÊS — Ora! Segredo no céu! Boa piada!

QUERUBINA — Me fez jurar por Deus que eu não contava.

ETELVINA — Empregando o nome de Deus em vão!

MALVINA — Que pecado! Daqui um pouco São Pedro expulsa ele daqui.

QUERUBINA — Ele está fabricando uma lança. Achou uma ponta de raio na Caverna dos Cirrus. Um raio que não tinha explodido. Disse que vai fazer uma lança daqui. Uma novidade! É uma lança elétrica!

MALVINA — Antes ele fizesse um lanceiro elétrico!

BALDUÍNA — Decertol Lá embaixo contavam que o céu era uma boniteza. Eu fiquei virgem a vida inteira para guardar a castidade praquil Falavam em festas de entontecer. Cardeais! Ceias. Não encontrei aqui nem um periquito macho pra me coçar...

MALVINA — É verdade que temos São Pedro...

QUERUBINA — Eu prefiro o Poeta-Soldado.

BALDUÍNA — Quall Outro brochal! É só tamanho!

ETELVINA — O Divo pelo menos canta!

BALDUÍNA — Cantal Canta mas não entoa!

ETELVINA — Vocês estão ficando histéricas. Precisam consultar um psicopata!

BALDUÍNA — Também com estas três frutas... É issol Homem que vem parar no céu!

Silêncio desolado.

BALDUÍNA — Vocês não sabem um verso?

MALVINA — Eu sei.

BALDUÍNA — Então digal

MALVINA (*Recitando.*) — Atirei um limão doce... Esqueci.. esperal

Deu no cravo
Deu na rosa
Deu no peito
Do meu bem!

BALDUÍNA — Arre que achamos um brinquedo de sociedade.

ETELVINA — Eu sei outrol É uma fábula: *A aranha e a mosca-zinha.*

AS TRÊS — Ah! Que bonito! Diga! Digal

ETELVINA (*Recitando.*) — *A aranha e a mosca-zinha.*

Uma aranha gozada
Vivia quietamente

Tecendo o seu aranhol
Um dia uma moscazinha
Passou pertinho dela
Zuum! Zuum! Zuum!

As TRÊS (*Rindo.*) — Ah! Ah! Ah! Que estupendo!

ETELVINA — Não sei o restol

As TRÊS — Ora!

MALVINA — Como é que acaba?

BALDUÍNA — É! Diga o fim!

ETELVINA — A aranhazinha ficou abespinhada!

MALVINA — Ora essa! Abespinhada!

CENA II

Os mesmos, o Poeta-Soldado.

Som de trombeta.

O POETA-SOLDADO (*Entrando inesperadamente.*) — Eu quero regenerar a humanidade! Quero restaurar a guerra e o sentido da guerra. Única higiene do mundo. (*Para as 4 Garças.*) Súcia de malfazejas! Pacificas duma figa! Sociedade das Nações! Vocês estão esperando marido aqui no céu! Não sabem que a finalidade da mulher não é trepar nem parir! É a Cruz Vermelha! Ide trabalhar sob o signo sangrento! Fazei pensos de sol, ungüentos de saturno para os meus guerreiros! Pomadas mercuriais para os meus heróis!

As QUATRO — Nós temos mais que fazer!

MALVINA — Deus nos livre! Mulher não deve trabalhar!

ETELVINA — Só em horas cômودas!

O POETA-SOLDADO — Vadias! Bancando as desempregadas

Vivem tomando chá, se visitando e fazendo trancinha. Venham se preparar no exercício glorioso das armas! No jogo perigoso das espadas! Jurar bandeira! Lembrai-vos de vossas tias, as Amazonas. (*Toca a trombeta.*) Da vossa avó Joana D'Arc! Da brasileira D. Pulquéria que amamentou dezessete sargentos na Guerra do Paraguai!

CENA III

Os mesmos, o Divo.

O DIVO (*Cantando de dentro do reservado das mulheres, com a música de La Donna è Mobile.*)

Quero dinheiro
Receber tudo
Contrato inteiro
Ou fico mudo!

(Aparece abotoando a cinta, da privada.)

O POETA-SOLDADO — Mas que mania! Você vive no reservado das senhoras!

O DIVO — Está entupida a oural!

BALDUÍNA — Sujeito cafajeste!

O POETA-SOLDADO — Você perdeu o senso moral no palco!

O DIVO — Mas isto aqui é céu ou não é céu?

O POETA-SOLDADO — É céu, mas céu moralizado! Censurado!

ETELVINA — Sei disso! Nós estávamos ontem lendo um livro condenado.

AS TRÊS — Credo!

ETELVINA — Sim senhor! *Os homens preferem as loiras!*

BALDUÍNA — Quem foi que trouxe essa porcaria pra cá?

O DIVO — Vão dizer que fui eu!

O POETA-SOLDADO — Livros excomungados neste ambiente de elevação! Vou denunciar ao vice-almirante Pedro! Vou abrir um inquérito policial!

ETELVINA — Faça o favor! Não fique alucinado senão nós também ficamos!

BALDUÍNA — Estamos fartas dessas fitas de guerra!

MALVINA — As conversas do céu são inocentes mas acabam sempre em sururu!

O DIVO — Conversas de céu! Ah! Ah! Ah!

MALVINA — Cala a boca demente precoce!

O DIVO — Cala a boca, bundinha seca!

CENA IV

Os mesmos, São Pedro.

SÃO PEDRO — Que frege é este? Querubina, Etelvina, Malvina, Balduína, as minhas quatro garças; não vos transformeis em latejantes fúrias do céu! Respeitai a quarta dimensão do Paraíso. Se destruirmos este reduto da eterna mudança, o mundo mergulhará no materialismo histórico! Sou São Pedro; São Pedro na era da máquina!

As QUATRO — Viva o céu!

SÃO PEDRO — Obrigado! Vivemos no único céu possível, acima das camadas estratosféricas! O céu físico do meu compatriota Einstein — o céu no tempo. Algo se move! Outro dia, quando acabei o meu último pistolão, vocês me preparam uma vaia, suas cadelinhas! Se fosse no tempo da minha festejada virilidade, eu tinha respondido — miquiou, estel! E pregado uma boa banana. Mas já se foi a era das suntuosas festas do céu, quando fazíamos correr a grande loteria da Graça, quando se celebrava, entre mártires frescos e virgens garantidas, o dia dos anos de Deus!

As QUATRO — Nós somos virgens!

O Divo — Eu também!

SÃO PEDRO (*Enternecido.*) — Minhas bichanas? As últimas das onze mil uvas que encheram de recalques o Paraíso antigo?

ETELVINA (*Assoando-se.*) — Eu estou um pouco gripada...

O Divo — Acabou a asparaizina.

SÃO PEDRO — O clima do céu está mudando...

ETELVINA — Está esfriando! Já não é o mesmo.

O POETA-SOLDADO (*Em transe.*) — A felicidade do homem é uma felicidade carniceira! A última coisa que resiste no cadáver é o dente! Eu, o Poeta-Soldado, sou o gênio oficial da guerra! E em verdade vos digo que é preciso restaurar a lança e o cavalo. A guerra com a intervenção de Deus, com a intervenção do raiol! A guerra química com ou sem ventol! É preciso resolver a crise de desemprego das fúrias e dos raios! Raios públicos, raios impróprios para menores, raios de circunstância, raios de Casanova! Quem quiser me entender, me entenda! Quem tiver ouvidos, ouça! Divo! Desenrola como um tapete a tua gargantinha de cima!

O Divo — Giovinezza não sei cantar!

O POETA-SOLDADO — Como? Desconheces a obra-prima do bel-canto, salafrário! Bofé! Eu fui mordido em criança pelo Cavalo de Átila! Precisamos tomar as terras dos povos fracos e catequizados e entregá-los como escravos aos poderosos arianos, que têm esqueleto de anjo!

As QUATRO — Muito bem!

ETELVINA — Oilá um balão!

Swendemborg late.

SÃO PEDRO — *Tais-toi Swendemborg!*

QUERUBINA — Escuta o discurso, lulu!

O POETA-SOLDADO — Eu sou o companheiro de leito da morte! A morte é o cabaço da necessidade! Como é que um espermatozóide pretende ser imortal! Que és tu, espectador, senão um espermatozóide de colarinho! E por isto te recusas a conhecer a verdade que a guerra traz nas artérias.

Cantemos o nosso hino! Entoemos a nossa loa! Kip! Kip!
Burral (*Bate na bolsa que traz a tiracolo.*)
As QUATRO — Kip! Kip! Burral!
O POETA-SOLDADO — Pela Camisa do Repouso! A camisa onde
o homem dorme!
TODOS (*Em coro.*) — A camisa de Morfeu! Kip! Kip! Burral!
O POETA-SOLDADO — Pela Camisa da Guerra! Preta, parda,
multicolor!
TODOS (*Em coro.*) — A Camisa de Marte! Kip! Kip! Burral!
O POETA-SOLDADO — Pela Camisa do Amor que move o mundo!
TODOS (*Em coro.*) — A Camisa-de-Vênus! Kip! Kip! Burral!
MALVINA — É um balão! É um balão! Olha daquele lado!

Swendemborg late desesperadamente.

QUERUBINA — Um balão!
ETELVINA — Charuto!
BALDÚINA — Pra festejar São Pedro!
QUERUBINA — Há quanto tempo que a gente não via um balão!
ETELVINA — A primeira que viu fui eu!
QUERUBINA — Foi Swendemborg! Ele latiu!
BALDÚINA — Deu sinal!
MALVINA — Eu fui a segunda!
QUERUBINA — Cai aqui!
BALDÚINA — Vem caindo!
MALVINA — Cai! Cai! Balão!
O DIVO — Eu vou pegar ele! Ninguém se meta!
MALVINA — Não! Quem pega é São Pedro!
O DIVO — Então eu rasgo!
QUERUBINA — Sou eu que peço!
O DIVO (*Alucinado.*) — Pega! Pega! Saparia! Poeta! Me em-
presta a lança?
MALVINA — Vem caindo!
ETELVINA — É meu!

BALDUÍNA — É meu!

TODOS (*Tumultuosamente.*) — É meu! É meu! Largal Pegal
Deixa!

O Divo — Pegal Pega!

SÃO PEDRO — Não rasga, hein! Deixa cair! Que bichol! Não
rasgal! Deixa! (*Para o Poeta-Soldado que foi buscar rolos*
de nuvens.) Não atira pedra hein?

O balão desce, pousa. É uma bola de alumínio. Todos se acercam em círculo. Uma portinhola se abre. Uma cara morena, sob um chapéu de escafandro, surge.

O RECÉM-CHEGADO — Que povo bonitinho!

Supresa. Silêncio.

— Eu sou o professor ICAR.

PANO

2º QUADRO

O interior do ícaro I

A cena representa o interior da estratonave. Vasta janela ao fundo, aberta para os espaços interplanetários. Uma figura monstruosa pende do teto.

CENA I

*Os personagens do quadro anterior, menos
o Divo, Icar e São Pedro.*

ETELVINA — Arrel! Que deixamos aquela pasmaceira. Devemos o nosso regresso à terra a esse maníaco que conseguiu atravessar a estratosfera...

MALVINA — E cair no céul

QUERUBINA (*Para o Poeta-Soldado.*) — Por que é que você o matou, querido?

O POETA-SOLDADO — Eu não o matei! O desencarnei! Há muita diferença. O que vocês queriam, suas messalinas modernas, era pilhar um preto no céu! Para estragar a raça!

ETELVINA — Mas ele não era preto! Era chocolate ariano.

O POETA-SOLDADO — Com aquela cara!

ETELVINA — Ficou preto porque passou perto do sol. A três léguas! Era natural que amorenasse!

O POETA-SOLDADO — Não quero saber! Em negócio de raça, eu não transijo! Nada de misturas. Não sofro de delicadezas!

Vou matando logo. Vocês sabem que as almas são brancas. Como os esqueletos das baratas! São arianas! Ora, ele mesmo, descascado como está agora, já vai sentindo as vantagens incalculáveis do arianismo! Se você falasse a ele, antes da desencarnação, na necessidade que a gente branca tem de submeter, explorar e humilhar a gente de cor, ele talvez não compreendesse. Agora comprehende. Já discreteamos sobre Civilização, Cultura, Imperialismo, Capital, Raça e outros temas brancos. Olhem, outro sujeito que me enjiriza é esse judeu...

MALVINA — São Pedro, coitado!

O POETA-SOLDADO — Coitado por quê? Eu por mim dava cabo dele! Cristão novo!

MALVINA — Não faça isso! Deus castiga!

O POETA-SOLDADO — Deus? Você não sabe que Deus nosso Senhor foi crucificado pelos judeus! Pedro, antes de ser naturalizado cristão, era judeu. E judeu pobre! O que é inadmissível! Bolas! Somos ou não somos arianos? Olhem! Se vocês quiserem, tenho um plano diabólico, terrível.

Todos se aproximam.

AS QUATRO — Digal Fale!

O POETA-SOLDADO — Vocês não denunciam? Posso contar com a alvura dos vossos sentimentos raciais?

CENA II

Os mesmos e São Pedro.

SÃO PEDRO — Que galinhagem é essa?

O POETA-SOLDADO — Nada, almirante! Estábamos querendo pregar uma partida ao professor Icar! Brincadeira de balão.

SÃO PEDRO — Isso é grave! Icar não pode ser tocado. Nem cheirado! Até aportarmos à terra. Vocês estão vendo como ele vai dando conta do recado. Nos momentos que sucedem

à morte, o espírito custa a tomar conhecimento do seu estado e desenvolve os impulsos que o agitavam em vida. Foi graças a isto que obtivemos até agora a sua brilhante ação na cabina de comando. Sem os conhecimentos dele, não poderíamos nunca ter abandonado nesta noz o velho céu dos nossos pais! E muito menos ter atravessado sem acidentes esses cinco dias de coalhada aérea...

MALVINA — A via-láctea!

SÃO PEDRO — Teríamos talvez nos esborrachado contra qualquer bico de estrela...

O POETA-SOLDADO — De fato. Não se pode negar que o homem vai como uma luva no comando. Estamos longe dos perigos brancos do equador interastral. E breve nos aproximaremos da velha terra de nossos anseios!

ETELVINA — Ainda temos muito tempo. Dá até pra fazer um joguinho!

QUERUBINA — Boa idéia! Vamos jogar para passar o tempo depressa.

SÃO PEDRO — Impossível, minhas Garças! Com a pressa, esqueci o baralho...

A VOZ DE ICAR — Fechem a janela! Calafetem os óculos! Começa a boroeste!

SÃO PEDRO (*Ao Poeta-Soldado.*) — Fecha a janela, lerdol! Aí vem um cometal (*O Poeta-Soldado e as 4 Garças obedecem.*)

AS QUATRO — Vamos rezar?

SÃO PEDRO — Mas que brincadeira! Um cometa a estas horas. Vamos debelar o perigo! De joelhos! Eu agarro na figal! Vamos implorar!

O POETA-SOLDADO — Quem?

SÃO PEDRO — O deus da zona, sei lá! Vamos. (*Declamando.*) Minhas almas benditas! Que morreram degoladas!

E aquelas três
Que morreram a ferro frio!
E as três pesteadas!
Juntas todas três!

Todas seis!
E todas nove
Para darem três pancadas
Toc! Toc! Toc!

TODOS — Toc! Toc! Toc!

SÃO PEDRO — No coração do perigo.

TODOS — Amém!

Tesconjuro! Tesconjuro! Tesconjuro!

A VOZ DE ICAR — Podem abrir! O animal de rabo desapareceu.
Era uma estrela!

MALVINA — Qual?

A VOZ DE ICAR — Greta Garbo!

ETELVINA — Passou o perigol Vamos festejar com um joguinho, sim?

MALVINA — Eu prefiro recitar.

SÃO PEDRO — Declamação. Estamos em sociedade!

ETELVINA — E o rádio?

SÃO PEDRO — O rádio, depois do almoço! Você, Malvina!

MALVINA (*Recitando.*) — Por isso afirmo que o amor para a mulher é sofrimento e lágrimas e para o homem um passatempo, um divertimento... Homem sinônimo de Belzebu!

TODOS (*Rindo.*) — Ah! Ah! Ah!

SÃO PEDRO — Você pensa que ainda está no céu!

O POETA-SOLDADO — Isso é poesia de céu! Onde está o Divo?
Podia cantar um hino guerreiro.

SÃO PEDRO — O Divo? Tomou um porre danado! Está dormindo.

QUERUBINA — Porre de quê? Onde é que tem uísque?

SÃO PEDRO — De éter! Fez um buraquinho no balão e começou a sorver o éter da estratosfera!

MALVINA — Que pirata!

SÃO PEDRO — Ia fazendo o balão dar um *looping*. Quase que rompeu o equilíbrio.

MALVINA — Que perigo! E nós que não temos pára-quedas!

QUERUBINA — É mesmo.

ETELVINA — Vamos jogar?

TODOS — Vamos! Mas o quê? O quê?

SÃO PEDRO — Se vocês estão mesmo dispostos, eu invento um
joguinho... Joguinho do céu!

TODOS — Sim, São Pedro! Conte! Como é?

SÃO PEDRO — Está aberto o jogo! É o joguinho dos planetas. Não
há tribofe. A gente aposte qual é que passa perto do ba-
lão. O professor, lá da cabina, anuncia...

TODOS — Vamos! Façam as paradas!

SÃO PEDRO — Está aberto o jogo!

MALVINA — Eu jogo em Júpiter!

O POETA-SOLDADO — Cincão em Marte!

SÃO PEDRO — Vamos ver! Tem duas em Vênus, três em Júpiter,
uma em Mercúrio...

O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Corvo preto! Sábadol! Sába-
do! Elefante!

SÃO PEDRO — Isso dá azar!

O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Corvo preto!

A VOZ DE ICAR — Urano!

SÃO PEDRO — Todos perderam! Refaçam o jogo! Júpiter dois!
Você?

O POETA-SOLDADO — Martel! Insisto...

MALVINA — Júpiter!

O POETA-SOLDADO — Corvo preto! Salta aqui; salta acolá!

A VOZ DE ICAR — Parece a lua!

SÃO PEDRO — Isto é tribofe! Não é possível? Já estamos no su-
búrbio? Vou ver! (*Sai.*)

CENA III

Menos São Pedro.

O POETA-SOLDADO — Tribofe velho!

MALVINA — E o *complot*?

O POETA-SOLDADO — Contra o judeu?

AS QUATRO — Você afinal não nos disse...

O POETA-SOLDADO — Vocês não topam!

AS QUATRO — Topamos! Ora!

O POETA-SOLDADO — Escutem! Vocês sabem que estamos sujeitos nos espaços interplanetários às leis da Relatividade. Podemos chegar à terra amanhã como anteontem. Isso depende só da velocidade que levarmos. Se o Professor quiser, fuzilamos São Pedro sem fazer um gesto.

AS QUATRO — Como? Como?

O POETA-SOLDADO — Inaugurou-se há dois dias na Alemanha de Hitler a campanha de morticínio contra os judeus... Vocês ouviram pelo rádio... pois é só fazer o balão apressar a marcha, depassar a velocidade da luz e aterrar em Berlim anteontem, no meio do auto-da-fé!

MALVINA — Gozadô!

ETELVINA — Que idéia mãe!

A VOZ DE PEDRO — Terra! É a terra!

A VOZ DE ICAR — A Inglaterra!

O POETA-SOLDADO — Que penal! Na Inglaterra nunca mataram judeus! Só escondido.

CENA IV

Os mesmos e São Pedro.

SÃO PEDRO — Vejam a paisagem! Que maravilha, meus filhos! Venham ver o mapa-mundil

MALVINA (*Da janela.*) — Que ventania!

O POETA-SOLDADO — Boa para a guerra química.

QUERUBINA — Estou enjoando. (*Vomita a um canto.*)

MALVINA (*Deixando a janela.*) — Não olhem, dá vertigem!

A VOZ DE ICAR — É aqui que se engendra o granizo e se encarregam as neves...

SÃO PEDRO — O mar lá embaixo! Cheio de peixes!
O POETA-SOLDADO — É a região dos trovões! É preciso fascistizar o mundo! (*Trepa a uma mesinha.*) Desafiai o Destino! Desprezai a morte! Conduzi vossas esperanças para lá de toda sabedoria, de todo medo, de todo pudor!

O rádio fala.

SÃO PEDRO (*Alarmado.*) — Escuta! Cala essa boca: Mitingueirol! Você não ouve o rádio?... Parece que qualquer coisa de grave está se passando lá embaixo. Na América do Sul. Eu distingui. Silêncio!

Todos se tornam atentos.

O RÁDIO — Ooooooooooooo! O povo invade, não respeita nada!

O POETA-SOLDADO — *Mamma mia!*

O RÁDIO — O povo protesta... Um tiro certeirol! A polícia toma posição no campo para evitar maiores desordens...

Barulho ininteligível.

SÃO PEDRO — Parece que é uma revolução!

O POETA-SOLDADO — Que drogal! Será a revolução social? Volto para o céu!

SÃO PEDRO — Deve ser! Que barulho!

O RÁDIO — Ministrinho passa a bola. Com um certeiro tiro, Friedenreich marca o primeiro gol para o São Paulo...

SÃO PEDRO (*Fechando o rádio.*) — Ora essa! É uma partida de futebol no Brasil. Podemos ficar tranqüilos. As massas iludidas ainda se divertem com isso.

O POETA-SOLDADO (*Retomando a sua posição de comício.*) — Heill! Heill! Duce! Heill! Que a máquina do universo pereça na psicose da guerra!

SÃO PEDRO — Se você continua esse discurso, eu abro o rádio! (*Abre.*)

O RÁDIO — Terra! A Terra! P.R.A.O.T. Terra firme. O objeto do trabalho humano. As provisões. Os meios de vida. Os celeiros capitalistas! E a fome das massas!

O POETA-SOLDADO — É uma estação bolchevista! Muda!
As QUATRO — Ora, vamos ouvir!

O RÁDIO — Terra! Humanidade! As trocas entre o homem e a natureza. A evolução! O capital! A luta contra o capital!

A VOZ DE ICAR — Estamos caindo!
As QUATRO — Aonde?

A VOZ DE ICAR — Prognóstico confirmado! Inglaterra!

SÃO PEDRO — Olha lá embaixo! Uma corrida de cavalos vivos! Eu conheço. É o Derby de Epsom. O maior prado do mundo. Agora sim, vocês podem jogar grossos!

O POETA-SOLDADO — Eia! Eia! Alalá! Destruição, marcha atrás de mim! Eu te abrirei de par em par os caminhos da Glória! Possuo o coração de Macbeth e a bolsa de Rockefeller!

CENA V

Os mesmos, o Divo.

O DIVO (*Aparece esgazeado, bêbedo, à porta da cabina de comando.*) — Acabou o éter! Estamos na atmosfera! Garçom! Um uísque!

PANO

3º QUADRO

Debout les rats

A cena representa um local abandonado do Derby de Epsom, com paliçada ao fundo. Passagem para o campo de corridas. O palco liga-se à platéia.

CENA I

O Cavalo de Tróia e o Cavalo Branco de Napoleão.

- O CAVALO DE TRÓIA — Ploc! Ploc! Ploc! Sai da frentel! Vê lá se eu caibo nesta estrebarial! (*Desenvolve-se pela cena.*)
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Plalá! Plalá! Plalá! (*Dá um trote, passarinha.*) Eh! Eh! Potrinho de luxo! Está com vontade de ganhar o Grande Prêmio!
- O CAVALO DE TRÓIA — Não preciso, besta de carroça!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — O senhor é um cavalo revoltado?
- O CAVALO DE TRÓIA — Não senhor! Sou um cavalo conservador. Sou o Cavalo de Tróia! Quando me abriram, depois da última guerra, eu tinha dentro do meu bojo um cavalinho de Tróia — o tratado de Versalhes!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — E dentro dele o que é que encontraram?
- O CAVALO DE TRÓIA (*Rinchando.*) — O chanceler Hitler!

- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Pelo que vejo, o senhor é muito importante!
- O CAVALO DE TRÓIA — Sou o único cavalo da história! O meu verdadeiro nome é Tratado de Paz. Apareço sempre no fim das guerras.
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
- O CAVALO DE TRÓIA — O que é que o senhor está rinchando aí? Tipo difuso, entre centauro e veado!
- O CAVALO BBANCO DE NAPOLEÃO — Cavalo! O único cavalo da história, sou eu! Em todas as batalhas do mundo, tenho tomado parte. Sou o cavalo que não morre! O cavalo do comandante!
- O CAVALO DE TRÓIA — O senhor tem um cartão?
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — A minha cor é o meu cartão. Eu sou o Cavalo Branco de Napoleão!
- O CAVALO DE TRÓIA — Ora essa! O senhor é uma anedota!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Não senhor! Sou um teste! Um teste de primeira ordem!
- O CAVALO DE TRÓIA (*Rindo.*) — Para crianças de dois anos e meio!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Pois então adivinhe de que cor eu sou!
- O CAVALO DE TRÓIA — Ora essa! Ora essa!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Diga se for capaz!
- O CAVALO DE TRÓIA — Branco!
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Não senhor!
- O CAVALO DE TRÓIA — Como?
- O CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO — Sou russo! Russo branco!
- O CAVALO DE TRÓIA (*Encabulado.*) — Comigo é só no trote inglês!

Saem num trote largo e fumegante. Clamor imenso.

CENA II

São Pedro, Icar e o Tratador de Cavalos.

O TRATADOR — Que frege! Que desordem! Santo Deus! Esses fantasmas reviraram tudo! Mas quem são os senhores? De onde vieram?

SÃO PEDRO — Eu sou da marinha!

ICAR — Eu sou da quinta armada!

O TRATADOR — E esses malucos! Esses camisolas que avançaram sobre os jóqueis, em plena disputa do Grande Prêmio e penetraram neles?

SÃO PEDRO — Trata-se de uma encarnação fascista...

ICAR — Eles aproveitaram-se da corrida de cavalos para cumprir os altos designíos da Providência!

O TRATADOR — Tinha um meio bêbedo com uma coroa de louros no cocuruto...

SÃO PEDRO — Aquele é o Divo.

ICAR — Ele se enganou de caminho, coitado!

O TRATADOR — Entrou no cavalo em vez de entrar no Jóquei...

SÃO PEDRO — Mas quem dirige tudo ainda é a sua voz de ouro...

Ouvem-se notas de bel-canto no meio da algazarra.

ICAR — Voz de anjol

O TRATADOR — Eu é que não entendo nada! Os senhores não são daqui?

SÃO PEDRO — Somos do céu!

O TRATADOR — Onde há anjos?

SÃO PEDRO — O único anjo que existe é pégaso.

ICAR — Foi nele que o Divo penetrou...

SÃO PEDRO — Ele guiará a tempestade!

O TRATADOR — E quem é aquele careca que montou nele?

SÃO PEDRO — O Poeta-Soldado.

O clamor aumenta. Ouve-se a trompa heróica de Lohengrin. Os três espiam.

O TRATADOR — Mas o que é que eles vão fazer? Olhem só que barulho! São Patrício. Toda a polícia de Londres não chega para dominá-los...

SÃO PEDRO — Vamos escutar! É a voz do Poeta-Soldado!

O TRATADOR — A polícia aderiu!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — Eu prego a purificação pelo sangue! O mundo está preso aos laços da iniquidade! É preciso revolvê-lo até às entradas. Pelo ferro, pelo fogo e pelos gases mortíferos! Contra um e contra todos! Basta e não basta!

SÃO PEDRO — Que mistifório!

ICAR — É um clássico da guerra!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — É preciso estar sempre pronto! Armar-se e obedecer. Qual é o avarento que não dá o seu sangue pela Pátria! Quem dirige a batalha é o espírito. Eu sou o Espírito!

A VOZ DO DIVO (*Cantando.*)

*Malbourough s'en-va-t-en guerre
Mironton! Mironton! Mirontaine!
Malbourough s'en-van-t-en guerre
Tará-tatará-tatá!*

O TRATADOR — É o cavalo que está falando pela bunda! Eu vou ver de perto! (*Sai, deixando os outros trepados na palizada.*)

CENA II

Os mesmos, menos o Tratador.

SÃO PEDRO — Vamos assistir. É um espetáculo empolgante. Há buracos na trincheira. Espial

ICAR — Prefiro trepar.

SÃO PEDRO — Preciso de alento para tomar o meu posto nesta hora histórica. A minha velha barca batida pelos ventos desses últimos séculos precisa içar de novo o pavilhão de comando do mundo! Felizmente abandonei o céu estafando e retrógrado. Vinte séculos de ascensor!

Algazarra. O tumulto cresce na distância.

ICAR (*Trepado na paliçada.*) — Que emoção formidável! Mulheres e crianças ajoelham-se chorando. Ajoelham-se e choram homens provados em todas as batalhas da vida! Os que sempre esperaram um Poeta-Soldado. E nele enxergam o herói de todas as pátrias. Comparam-no a Sebastião de Portugal.

SÃO PEDRO — A única vítima distinta das guerras coloniais!

ICAR — É Aquiles e Garibaldi! Sobieski e Carlos Martel! É o gênio irascível da guerra! Legionari os formidáveis estabelecem cordões de isolamento para salvá-lo da ebria multidão! Todos querem beijá-lo na calva!

CENA III

Os mesmos e o Vendedor de Jornais.

O VENDEDOR DE JORNais — O Times! Última edição. (*Oferece.*) Quer jornal? Uma tragédia na estratosfera!

ICAR — Escuta, pai Pedro! Já noticiaram tudo.

O VENDEDOR DE JORNais — Suicídio ou crime. Um fêmur caiu da estratosfera! Foi encontrada ao lado uma pratinha de 2\$000. Olha o Times? A viúva Icar reconhece o fêmur do esposo!

ICAR — Minha patroa!

O VENDEDOR DE JORNais — Quem quer o Times? Última edição. O desaparecimento do professor Icar na estratosfera. Pes-

quisas do Inteligente Service para a descoberta do resto da ossada.

ICAR — A minha ossada! Sou um pobre desencarnado.

SÃO PEDRO — Tenha coragem!

ICAR — Quando penso na família que perdeu o seu chefe, custa a resistir.

SÃO PEDRO — Agora são órfãos de guerra. A filantropia cuida deles.

ICAR — Então vão morrer de fome! (*Chora.*)

O VENDEDOR DE JORNALIS — O Times! Uma esquadrilha de estratoviões à procura dos dentes do malogrado cientista. O balão de Icar deve ter atingido um planeta desconhecido.

SÃO PEDRO — O céu!

O VENDEDOR DE JORNALIS — O malogrado inventor teria sido devorado pelos martibais! (*Sai.*)

CENA IV

Os mesmos, menos o Vendedor.

ICAR — Minhas criancinhas ficaram sem pão e sem remédio!

SÃO PEDRO — Sus! Coragem! Não podemos desanistar. Você vai ganhar o Prêmio Nobel. É um mártir da ciência. Não banque o pequeno-burguês sentimental. A hora da guerra souu. A hora grave da guerra. Escutai!

Alaridos. Gritos.

A VOZ DO POETA-SOLDADO — Que cada um tome posição nas estradas ferozes do Destino. Façamos a felicidade das facas!

Aclamações. Sons de trombeta.

SÃO PEDRO (*Trepado na paliçada.*) — Venha ver! Os cavalos estão chegando! São os cavalos mitológicos! Os cavalos da história e da fábula. O Poeta levantou a multidão e a conduz para a guerra. Que espetáculo.

Tumultos. Relinchos. Cavalgadas. Aclamações.

ICAR — Eu penso no meu lar destruído!

SÃO PEDRO — É Bucéfalo. Marcha contra o sol! É a luta contra a Quimera da Paz! Seguem-nos as Amazonas e os Centauros! Venha ver os cavalos corcundas da lenda!

ICAR (*Reanimado, espia por uma pequena abertura.*) — Um camelo!

SÃO PEDRO — É o cavalo de Maomél

ICAR — O burro de Sancho Pança botando fogo pelas narinas.

SÃO PEDRO — É o delírio guerreiro da burguesia!

ICAR — Daquele lado estão concentrando a Cruz Vermelha!

SÃO PEDRO — As amantes dos padres. As mulas sem cabeça. Prestam grandes serviços à causa da guerra!

ICAR — Olá que lindo casal!

SÃO PEDRO — Ariel na garupa de Pedro o Eremita. Adiante três reis. São os reis magos. Menelick, Tamerlão e Alfonsito!

ICAR — Olha Nietzsche com aquele frajola!

SÃO PEDRO — É Parsifall Reconciliaram-se. Nietzsche converteu-se na luta!

ICAR — E aquele moço chibante! É o Messias. O que deve vir! É Siegfried!

Aclamações. Urras.

VOZES — Pim-pão! Pim-pão! Pim-pão! Pim-pão!

ICAR — Está no Cavalo Branco de Napoleão! É o comandante!

SÃO PEDRO — Viva Dom Sebastião de Portugal!

ICAR — Aquele outro é Job!

SÃO PEDRO — É Job novo-rico. Está ao lado da alimária bíblica, Leviatã. Escuta. Ele pediu a palavra. Vai falar!

A VOZ DE JOB — Eu sou Job o pedagogo. Resolvi há três mil anos o problema do empregado que quer ficar sócio do patrão. Avacalhai-vos! eis o meu lema. Um dia talvez Deus tenha dô! Então ele vos dará o dobro do que tirou. A mais-valia por intermédio da Providência. E tereis de novo honras, mulheres e festins. A família vos abandonará quando estiverdes na miséria. Mas voltará, quando ficardes rico outra vez. Talvez traga alguns rebentos a mais. Não faz mal. O pai é sempre o marido. A legitimidade é feita pela herança. Deus quer assim!

ICAR — Mas é a propaganda da mansidão e do servilismo.

A VOZ DE JOB — Qualquer revolta é insensata. O homem nasceu para a desgraça como o pássaro para voar!

SÃO PEDRO — Corno!

A VOZ DE JOB — É preciso adorar o arbítrio. Achar bom tudo que acontece. O arbítrio possui Behemoth — Leviatã! *Dio a sempre raggione!*

VOZES (Aclamando.) — Be-he-moth — Le-vi-a-tã!

ICAR (Emocionado.) — Desceu da tribuna! Vai puxando pelo queixo o monstro bíblico!

VOZES — Be-he-moth — Levi-a-tã! *Dio a sempre raggione!*

SÃO PEDRO — Eles conduzem para a guerra um grande carro. Credo! Os trabalhadores são forçados a atirar sob as rodas dele suas mulheres e filhas!

ICAR — O desemprego e o pauperismo abrem alas... e recrutam as vítimas...

SÃO PEDRO — É o carro de Djagnergat?

ICAR — Não! É o rolo compressor do capital!

SÃO PEDRO — Job dirige a marcha...

Gritos. Furiosas aclamações. Cornetas.

ICAR — *Sono pazzi di vino e di sole!*

SÃO PEDRO — É a guerra no seu esplendor!

ICAR — Mas que mau cheiro! Parece que pisei num rato morto...
SÃO PEDRO — Não é isso. São aqueles muares ali. São os cavalos de Augias...

ICAR — É verdade! Os precursores da guerra química!
SÃO PEDRO — Agora, passam as feiticeiras videntes de Macbeth!
ICAR — E as fúrias de Walpurgis montando aspiradores elétricos!

SÃO PEDRO — Que será aquilo?
ICAR — Um bicho enorme. Tem sete cabeças e dez cornos!
SÃO PEDRO — Ajoelha-te! É a Besta do Apocalipse. A mãe da guerra. Levanta o Santíssimo nas patas.

O tumulto cresce. Trote de cavalos. Relinchos. Troar de bombas. Relâmpagos. Sons de tempestade.

ICAR — Ficou um para trás. Sem cavaleiro! É Rocinante!
SÃO PEDRO — Sancho vai montá-lo. É a pequena burguesia que tomou conta do cavalo idealista do D. Quixote. O fascismo!
A VOZ DO POETA-SOLDADO — Macbeth cavalga Incitatus! Mane-frego de todas as vidas humanas! A guerra é divina porque carrega consigo a juventude.

UMA VOZ ISOLADA — Para a mutilação e para a morte.
A VOZ DO POETA-SOLDADO — Espedaçados no campo da luta, renasceremos dionisiacamente! Quem não quiser me seguir — vista saia!

Clamores. Sereias. Canhões. Motores de avião. Ruídos de marcha.

A VOZ DO DIVO — Eu sou o patos da destruição! Pela raça branca! Pela classe rica! Pela moral cretina! Pelo rei nuado! Pelo altar vendido! Heil! Duce! Heil! Duce!

A VOZ DO POETA-SOLDADO — O sangue espirra na ponta das nossas espadas

ICAR — Felizmente eu deixei de ser preto.
SÃO PEDRO — E eu sou judeu batizado!

A VOZ DO DIVO — Heill Heill Duce! Heill Heill Duce!

A VOZ DO POETA — Somos a herança de Roma. A salvaguarda da Civilização! *Debout les rats!*

Grande silêncio.

SÃO PEDRO — No campo deserto e imenso, passa uma pobre mulher, curvada, procurando alguém...

ICAR — É a mãe do soldado desconhecido!

Ouve-se na distância a trompa heróica de Lohengrin. Uma Valquíria nua, mascarada contra gases asfixiantes, atravessa a platéia e o palco, montada sobre um cavalo de guerra, protegido também pela máscara.

SÃO PEDRO — Salve Imaculada Conceição!

ICAR — É a guerra química!

PANO

4º QUADRO

A barca de São Pedro

A cena representa a barca de São Pedro. É o Vaticano sobre uma jangada. No primeiro andar um dancing. Entre altares, hermas falantes, Lord Capone e Mister Byron.

Cartazes indentificadores.

CENA 1

Lord Capone e Mister Byron.

MISTER BYRON — Eu sei. Era uma fita de tourada. Tinha um carneiro.

LORD CAPONE — Não dá palpital! Você não viu a fita! Não tinha nada de tourada. Nadal! Era uma fita sacana. Propaganda terrorista. Contra a guerra. E contra os coitados dos *gangsters*. Fiquei putô! Ah! Minhas metralhadoras de Chicago! Eu começava por você... Fuzilava o prezado confrade...

MISTER BYRON — Mas eu também sou do seu clube! Ora essa! Faço parte da frente única contra a URSS.

LORD CAPONE — O senhor não passa de um atormentado, inexperiente e impetuoso jovem!

MISTER BYRON — Defeitos de educação de *landlord*. Que saudades de minha mãe!

LORD CAPONE — Complexozinho de Édipol Já sei... As classes nobres sofrem dissol!

MISTER BYRON — Não senhor. Nada. Eu queria era cuspir nela!

LORD CAPONE — Continua *landlord!* Bravos!

MISTER BYRON — Estou vendo que nos entendemos melhor do que pensava! Gosta de cerveja?

LORD CAPONE — Para vender. Só bebo champanha. Sou como meu amigo Ford que anda de Rolls-Roycel

MISTER BYRON — Beber é um direito social. Em nada prejudica a coletividade! Andar de Rolls também.

LORD CAPONE — Nada disso faz mal algum. O que estraga a sociedade é a imoralidade nos hotéis. Ah! Isso sim! *Voilà l'ennemi!* O meu programa eleitoral é esse — suprimir a sexualidade por táxi!

MISTER BYRON — Nos hotéis?

LORD CAPONE — Sim senhor! Bastava isso para salvar a sociedade. Não precisava mais nada. O homem que entrasse num hotel com uma mulher, tinha que entrar sempre com a mesma.

MISTER BYRON — Ora essa!

LORD CAPONE — Perfeitamente. Ele se cansava logo e ia beber de raiva nos bares!

MISTER BYRON — O senhor me desculpe, mas é genial!

LORD CAPONE — Aí! Aí! Mamãe!

MISTER BYRON — Que é isso?

LORD CAPONE — Também estou com vontade de cuspir na cabeça de minha progenitora. A última vez que cuspi foi no sujeito que me prendeu por causa do imposto sobre a renda.

MISTER BYRON — Foi um escândalo enorme!

LORD CAPONE — Primeiro eu quis comprá-lo. Era um juiz como qualquer outro. Mas ele fez chique! Eu então berrei:
— Quem é você, seu arcanjo de merda! Quer levar a minha nota? Chantagista! Fedido! Filho disto...

MISTER BYRON — Que dor de ouvido!

LORD CAPONE — Por quê?

MISTER BYRON — É o seu calão que fere a minha nobre trompa
de Eustáquio.

LORD CAPONE — Fiteiro! No Parlamento inglês dizia-se amigos
dos operários!

MISTER BYRON — Demagogia, meu caro. O cartismo foi um
movimento perigoso. No fundo, sempre julguei a miséria
uma necessidade social. Uma arma para acorrentar as
classes pobres às ocupações duras e repugnantes. A tudo
que a vida tem de desagradável e vil. Para que a nossa
classe tenha dignidade, repouso e gramática. O senhor
deve conhecer as minhas origens históricas — a expro-
priação do camponês pela lá.

LORD CAPONE — Confraternizemos então! Num outro continente
e numa etapa mais avançada, eu sou a sua heróica imagem.
O romantismo. O senhor comia lá e cagava rimas! Eu
bebo cerveja e mijo gasolina...

MISTER BYRON — Simbolicamente...

LORD CAPONE — Sim. Comercialmente, bancariamente. Somos
símbolos apoiados em metralhadoras.

MISTER BYRON — Para o trabalhador revoltado há sempre um
trocadilho final — a força ou a força...

LORD CAPONE — Há melhor que isso. A pressão pacífica e si-
lenciosa da fome. Olhe, acredite, o que perde a América
é a estátua da Liberdade!

MISTER BYRON — Eu só admito a liberdade da Grécia! Oh!
A Hélade!

LORD CAPONE — Não fale nisso. Isso é passadismo! Leia os
modernos!

MISTER BYRON — Outra noite escutei umas páginas deliciosas
de um tal Edgar Wallace. Mas os livros estão caros. O
dinheiro se escoa. Fico pissudo quando troco uma nota
de cinco mil-réis. Vai toda embora...

LORD CAPONE — *L'état c'est moi!* A minha realidade mata na
cabeça qualquer livro de Wallace!

MISTER BYRON — Deixe estar que é impressionante. Aquele
sujeito que afunda no tremedal com um grito de gaivota,
enquanto os raios estalam sobre a torre de Cragmirl! E o

outro que se esqueceu de trazer a pistola no dia da reunião do Bando Sinistro. Não podia pular porque a janela era muito alta...

LORD CAPONE — Detesto o romantismo policial. Me mexe com os nervos. A burguesia não me comprehendeu.

MISTER BYRON — Nem a mim. Classe desunida pela concorrência, acaba se estrepando!

LORD CAPONE — Vamos ser fracos. Ela nunca devia ter feito o que fez comigo! Sempre fui um moralista, um inimigo do comunismo e da Rússia. Ela agora me põe na cadeia e reconhece os sovietes. Bolas!

MISTER BYRON — O senhor é mundialmente conhecido como filantropo.

LORD CAPONE — Sou a fauce do monopólio. Inventei os processos mais avançados de vencer a concorrência...

MISTER BYRON — À balal, como diria Floriano Peixoto.

LORD CAPONE — Os que tinham olhos não me viam. Os que tinham pernas não me alcançavam. Os que tinham braços não me agarravam. Corpo fechado!

MISTER BYRON — Mas como é que foi preso?

LORD CAPONE — Traição da pequena burguesia! Quando a gente não divide com os outros, eles se tornam moralistas. Foi o que se deu!

MISTER BYRON — É verdade que continuamos na Barca de São Pedro...

LORD CAPONE — Sim, a sociedade sente que pode precisar de nós. Enquanto houver fornalhas nos porões para os trabalhadores e, em cima, Cleópatra dirigindo um *dancing*, somos grandes tipos.

MISTER BYRON — A única coisa que lastimo é Cleópatra não ter reinado na Grécia.

LORD CAPONE — Olha quem vem aí!

MISTER BYRON — São Pedro é um demente.

LORD CAPONE — O dono da barca e seu datilógrafo.

CENA II

Os mesmos, São Pedro (de almirante), Icar.

SÃO PEDRO — Eu sou materialista. Nunca acreditei em Deus, nem quando andei com ele pela Terra Santa.

ICAR — Pois eu creio e espero!

LORD CAPONE — É o papel da pequena burguesia!

SÃO PEDRO — Bom dia, Capone! Esta barca anda numa vasta decadência. Vocês dois ainda são espíritos superiores que salvam a fachada. Mas a ralé anda se infiltrando. Isto sempre foi uma coberta de luxo, destinada a turistas. Agora encontro aqui negros e galegos instalados nas cadeiras de bordo. Uma anarquia!

LORD CAPONE — A estátua da Liberdade!

ICAR — O rádio afixou o resultado da subscrição...

SÃO PEDRO — Que subscrição?

ICAR — Destinada a tirar minha família das aflições da miséria. Só rendeu 271\$300. Veja que buraco! Minhas filhas! Os pequeninos que precisam de leite.

MISTER BYRON — Eu adoro as valsas.

LORD CAPONE — O foxe tem mais sentimento.

MISTER BYRON — Oh! Paganini!

ICAR — Não há justiça nem na terra nem no céu! Só há paisagem.

LORD CAPONE — Há justiça de classe.

MISTER BYRON — Como é que se há de desmascarar os capitalistas sem desmascarar o régimen?

LORD CAPONE — É difícil! Veja a forma sábia que se deu à minha prisão. Não fui preso por nenhum assassinato, por nenhum rapto. Isso só me rendeu consideração universal. Fui condenado por um crime contra o régimen capitalista — porque soneguei o imposto sobre a renda!

MISTER BYRON — E não quis corromper os funcionários.

LORD CAPONE — Só de birra!

ICAR — Para o pobre, não há justiça nem pão!

LORD CAPONE — Isso tudo está a serviço do capital!

ICAR — Mas os interesses da sociedade...

MISTER BYRON — São os interesses do capital.

Tumulto. Corre-corre. Vozes.

CENA III

Os mesmos e o Mestre da Barca.

ICAR — Que frege é este?

SÃO PEDRO — Que vejo!

ICAR — É o Mestre da Barca... Abandonou o posto!

SÃO PEDRO — Que será?

O MESTRE DA BARCA (A São Pedro.) — Finalmente encontrei a alta sociedade. Só falta aquela franga lá de cima!

LORD CAPONE — Respeite Cleópatra!

MISTER BYRON — Respeite a realeza!

O MESTRE DA BARCA — Safados! Piratas! Parasitas duma figa!

SÃO PEDRO — Respeito!

ICAR — Respeito!

O MESTRE DA BARCA — Respeito sim, para os que trabalham. Vocês nos dividiram em autômatos. Presos à máquina, dependendo dela. Chicoteados pela fome! Reduziram-nos a homens fragmentários, isolados da criação e da vida!

MISTER BYRON — Chama a polícia!

LORD CAPONE — Telefona!

O MESTRE DA BARCA — Chamem todas as polícias do mundo, eu saberei revoltá-las. Que são os soldados senão explorados como nós!

LORD CAPONE — Forma uma milícia de filhos de ricos!

ICAR — Não há mais ricos.

O MESTRE DA BARCA — Súcia de ladrões. O vosso dia chegará e bem próximo! A vossa hora virá! Há vinte anos que trabalho 14 horas por dia sem almoçar. Para vocês terem vícios e doenças mentais. Largo hoje esta bosta! Estamos à vista dos estaleiros. Vou levantar os meus irmãos. Somos mártires e queremos liberdade!

Ouve-se um clamor imenso do cais próximo.

SÃO PEDRO — Traidor! Você nos conduziu para os estaleiros da desordem! Faça marcha-rél!

O MESTRE DA BARCA — Traidor é você! Pescador miserável da Galiléia que se tornou chaveiro da prisão religiosa das massas.

LORD CAPONE — Socorro!

MISTER BYRON — Aqui d'el rei!

O clamor do cais aumenta. Gritos e vozes subversivas.

PANO

5º QUADRO

S. O. S.

Mesmo cenário. Em cima dança-se continuamente. Ao fundo dos estaleiros, arranha-céus iluminados. Cidade industrial. Noite. Do outro lado da platéia, uma divisão naval. Sinais. Foguetes de guerra. Holofotes.

CENA I

Lord Capone e Mister Byron.

MISTER BYRON — *Save our souls!*

LORD CAPONE — *Save our ships!*

MISTER BYRON — Me tirem daqui!

LORD CAPONE — Ah! Minhas metralhadoras de Chicago!

UMA Voz (*De um comício no cais.*) — Camaradas! A burguesia subestima a nossa capacidade de viver. Somos uma classe que nasceu sob o chicote dos horários capitalistas. Sabemos trabalhar! Saberemos comer!

OUTRA Voz — Abordai a barca podre de São Pedro que submerge e faz águas! Desmantelai a velha sociedade!

LORD CAPONE — *Save our souls!*

MISTER BYRON — *Save our ships!*

Tumulto no cais.

VOZES DO CAIS — Abaixo a ordem burguesa! Abaixo! Viva o poder proletário!

CENA II

Os mesmos, São Pedro, Icar.

SÃO PEDRO — Onde está Sobieski? João Sobieski! Uma muralha contra a barbárie! Vamos erguer as barricadas da civilização. Quem viu Sobieski?

LORD CAPONE e MISTER BYRON — Ninguém.

ICAR — Quero ir à missa. Neste país não há mais igrejas. Eu quero rezar. Me regenerar.

SÃO PEDRO — Deixa de besteira. É preciso agir. Estou sendo desacatado. Esta noite, me fizeram levantar. Chamaram-me ao telefone. Às 2 horas da madrugada. Sabe para quê? Para me mandar à merda. Eu, São Pedro!

LORD CAPONE e MISTER BYRON — Foram os bolchevistas!

ICAR — Tem um homem fazendo discurso no cais!

SÃO PEDRO — Ah! É o Soldado Vermelho de John Reed! Estamos perdidos!

A VOZ DO SOLDADO VERMELHO — Eu não quero saber de filosofia nem de arte. O que eu sei é que há duas classes — opressores e oprimidos! Burgueses e proletários!

SÃO PEDRO (*Tomando do seu alto-falante e dirigindo-se às massas.*) — Vocês não estão preparados para tomar o poder. Pleitearei novas reformas sociais!

VOZES DO CAIS — Tapeação! Conhecemos o jogo desesperado da burguesia!

A VOZ DO SOLDADO VERMELHO — Para comer e trepar todos os homens estão preparados!

Ouvem-se disparos de canhão. Do fundo da platéia bombardeiam.

SÃO PEDRO — A revolução atingiu os fortes. Mas ainda estamos senhores da situação. Porque ainda possuímos a magia e um *dancing*. Cleópatra não abandonou o seu posto no primeiro andar. Coragem! Saulo, inspira-mel Sem mistério não se arranja nadal Sem magia! Sem tapeação! Saulo, que falta me fazes! Tu que entendias de gnose e de guerra!

MISTER BYRON — Saulo!

LORD CAPONE — Saulo!

ICAR — Ninguém responde. Só os canhões é que falam...

MISTER BYRON — Faze uma mágica, Simão Pedro!

LORD CAPONE — Vamos rezar uma ladainha.

ICAR — O melhor é a gente se confessar!

SÃO PEDRO (*Num êxtase, trepado num salva-vidas.*) — Como as vagas da multidão se elevam.

Dementes, furiosas
Nada há salvação
Só umal
Uma só!

MISTER BYRON e **LORD CAPONE** — Só umal

ICAR — Uma só!

SÃO PEDRO — Contra a ventania das massas!

Dementes, furiosas
Não há salvação
Só umal
Uma só!

MISTER BYRON, LORD CAPONE e **ICAR** — Só umal Uma só!

SÃO PEDRO — Cristo caminha sobre o mar!

MISTER BYRON e **LORD CAPONE** — Cristo caminha sobre o mar!

ICAR — É a epopéia da navegação!

SÃO PEDRO — As estrelas caíram. O sol escureceu. A lua espatifou o leme da minha barca! Não há salvação.

Senão na estrela matutina.

Cristo, por favor, aparece sobre o mar!

MISTER BYRON e LORD CAPONE — Cristo, aparece sobre o mar!

ICAR (*Assestando um óculo de alcance.*) — Lá vem um deslizador!

SÃO PEDRO (*Atira-se na direção da amurada.*) — É ele! Vem de hidroplano!

MISTER BYRON — Não é! É o infante Dom Henrique!

ICAR — Traz uma bandeira vermelha!

SÃO PEDRO — *La gran puta que los parió!* A aviação naval nos traiu!

LORD CAPONE — Cristo não aparece sobre o mar.

SÃO PEDRO — Sobieski! Onde está Sobieski?

Sereias uivam. Na cidade acende-se um cartaz luminoso onde se lê: "Proletários de todo o mundo, uni-vos". Holofotes. Estrondos. Bombas aéreas.

LORD CAPONE — Mãe.

MISTER BYRON — Mãe! Doce mãe!

SÃO PEDRO — O Poeta-Soldado roubou os meus raios. Centurião romano, me ajuda!

LORD CAPONE — Papai Noel!

MISTER BYRON — Mefistófeles!

LORD CAPONE — Socorro! Allan Kardec, me tira daqui!

MISTER BYRON — Eu sou socialista! Eu adiro!

LORD CAPONE — *Fiol dun can!*

ICAR — Eu sou proletário! Fui assassinado por um fascista.

SÃO PEDRO (*Reanimando-se.*) — Vocês estão desmoralizando o mar! Coragem! *Debout les rats!* Galvanizemo-nos! Somos a herança de Roma! O Vaticano sucessor do Império! É preciso salvar a civilização mesmo que a humanidade perreça.

LORD CAPONE — Sempre foi o meu ponto de vista.

MISTER BYRON — Viva a Civilização e morra a Humanidade!

ICAR — Viva e morral!
MISTER BYRON — Viva a lança!
LORD CAPONE — Viva o cassetete!
ICAR — Viva o caju-purgativo!
SÃO PEDRO — Viva a Fome!
ICAR — Viva V. Exa., o papal!
SÃO PEDRO — Obrigado meus filhos! Agradeço a vossa solidariedade! Vamos dar uma lição a esses frenéticos!
VOZES DO CAIS — Todo poder aos sovietes! Viva o proletariado em armas!
LORD CAPONE — Ah! minhas metralhadoras de Chicago! Que raival! Eu só posso cuspir!

CENA III

Os mesmos, Cleópatra, o Mestre que se tornou o Tigre do Mar Negro, o Soldado Vermelho de John Reed, marinheiros terríveis e povo.

Tumulto enorme invade a barca.

ICAR — Socorro, Almirante! O *dancing* parou. Cleópatra vem aí fugindo, cercada dumha súcia de marinheiros que querem desacatá-la!

Cleópatra aparece, cercada de marujos ferozes e de povo. Uma cobra enleada no corpo. Atira-se para São Pedro.

SÃO PEDRO (*Defendendo-a.*) — Para trás, infiéis! É uma rainhal!

MISTER BYRON — Viva a Rainha Vitória! (*Entoa com Lord Capone o God save the gracious Queen! acompanhado pela orquestra do dancing.*)

CLEÓPATRA (*Banhada em lágrimas.*) — Senhor! Senhor! Perdoai a minha timidez.

SÃO PEDRO — Irei onde fores! Meu destino está preso às tuas galeras!

CLEÓPATRA — Perdoa a minha fraqueza! Sou mulher!

SÃO PEDRO — És rainha!

O MESTRE (*Aparecendo ao fundo e falando aos marinheiros.*)

— Escutai a palavra dos vossos condutores. É preciso aticar as faíscas da luta de classes! É preciso fazer sair da indignação popular um imenso incêndio! É preciso levantar os trabalhadores contra a infâmia e a desgraça do mundo capitalista. O imperialismo procura resolver as suas contradições pelo fogo e pelo ferro! Trabalhadores do mundo, soldados e marinheiros! Levantai-vos e lutai contra a guerra! Guerra à guerra imperialista! Refleti sobre as privações, a miséria, as crianças esfaimadas, as montanhas de cadáveres, os mutilados e os órfãos que a guerra exige! Levai às amplas massas o vosso grito de rebelião!

O SOLDADO VERMELHO DE JOHN REED — Camaradas! Levantai-vos contra os incendiários da guerra! Resisti à tortura com que a burguesia ensanguenta as nossas organizações e as nossas casas. Resisti ao terror branco. Lembrai-vos do que Lênin dizia: “As classes condenadas pela história agem sempre assim! Proletários de todo o mundo, uní-vos!”

O MESTRE — Marinheiros da velha barca podre de São Pedro, levantai-vos! Levai o espírito de rebelião ao fundo das fornalhas, onde torrais as vossas veias para dar conforto aos ricos! Quebrai as vossas cadeias seculares.

O tumulto redobra.

Galés da velha sociedade capitalista, uni-vos! Marinheiros e soldados atirai contra os vossos oficiais!

Ouvem-se as primeiras estrofes da Internacional entoadas pelo povo.

LORD CAPONE — Socorro!

MISTER BYRON — Me tira daqui!

LORD CAPONE — Abram esta gaiola! Darei trezentos mil dólares ganhos com o meu trabalho!

MISTER BYRON — Cristo!

LORD CAPONE (A Icar.) — Cava um salva-vidas para ela! Vamos cair n'água!

CLEÓPATRA (Faz-se picar pela cobra.) — Este é o meu salva-vidas! (*Cai ao solo.*)

SÃO PEDRO — Socorro! Uma injeção antiofídica!

O tumulto cresce. Os marinheiros avançam para São Pedro que procura defender o corpo de Cleópatra. A International toma conta da Barca e do Mundo.

PANO

6.º QUADRO

A industrialização

A cena representa a entrada monumental da maior usina do mundo socialista. No meio do palco, sentado no asfalto com trouxas, trapos, cruzes e saudades, Pedro, Icar e M.^{ME} Icar. Esta traz um fêmur pendurado no pescoço. Viuvez exacerbada. Pedro trocou o alto-falante por uma sanfona.

,

CENA I

Icar, M^{ME} Icar e Pedro.

M^{NE} ICAR — São os homens novos...

SÃO PEDRO — Eles suprimiram o futuro e todas as ameaças do futuro. Suprimiram o inferno e o céu e se instalaram no presente! A vida deles sobre a terra deixou de ser um combate contínuo e os seus dias não são mais como os dias de um mercenário.

ICAR — Maldição! Racal! Racal!

M^{NE} ICAR — Como o escravo suspira pela sombra e pelo fim de seu labor, contei muitas noites vazias à espera de um marido exemplar que partira para conquistar a estratosfera. Vocês vieram dizendo ambos que eram ele. Nada mudou.

ICAR — Esperamos pela volta de NEP.

M^{NE} ICAR — Quem nos concederá sermos como outrora, como nos dias em que Deus nos tinha sob a sua guarda...

ICAR — Deus habitava o nosso lar!

SÃO PEDRO — O nosso!

ICAR — Eu lavava os pés em manteiga.

SÃO PEDRO — Eu era os olhos do cego... Agora sou um cego sem olhos.

ICAR — Eu era a perna do manco. Agora não tenho pernas.

M^{ME} ICAR — Eu tinha um marido e um lar.

SÃO PEDRO e ICAR — Agora tem dois maridos e nenhum lar!

ICAR — Eu costumava dizer: Hei de morrer no meu ninho. Estou agonizando na rual!

CENA II

Mais a Voz de Stalin, operários e operárias.

Um alto-falante anuncia a irradiação do mundo socialista.

O ALTO-FALANTE — Escutai! A hora da industrialização.

M^{ME} ICAR — Começam as blasfêmias!

O ALTO-FALANTE — É a Voz de Stalin! Escutai.

SÃO PEDRO — Vamos ouvir. Já que o ouvido é o único sentido que nos resta.

A VOZ DE STALIN — O Socialismo é o poder dos Sovietes mais a eletrificação. Eis o testamento de Lênin. Novas cidades saíram dos desertos, das estepes, das planícies. Do século da madeira passamos ao século do motor e o do aço. A economia agrícola repousa agora sobre a base técnica da grande produção moderna.

Silêncio.

M^{ME} ICAR — O homem, mesmo quando possua uma ciência consumada, pode por acaso se comparar a Deus?

SÃO PEDRO — O que nasceu da mulher pode por acaso ser puro e perfeito?

ICAR — A esperança dos ímpios perecerá. É a sorte dos que esquecem Deus.

SÃO PEDRO — Eles serão forçados a condenar a sua própria loucura. A sua confiança é como uma teia de aranha nas mãos do Senhor! Eles se apoiarão sobre a sua obra e ela não terá consistência. Eles quererão mantê-la e ela não subsistirá!

Turmas alegres de operários, operárias penetraram na usina onde as máquinas não param. Outras turmas felizes saem para o descanso.

A VOZ DE STALIN — Passar do cavalo camponês ao cavalo da indústria construtora de máquinas, eis o plano central do poder Soviético. Escutai a metáfora leninista. Passar de uma alimária à outra. Da alimária do campo, do cavalinho que convém a um país arruinado de camponeses ao cavalo que o proletariado procura e deve procurar, o cavalo da indústria, o cavalo-vapor.

Silêncio.

SÃO PEDRO — Deus, quando quer perder os homens, tira-lhes a razão.

A VOZ DE STALIN — Edificai um novo mundo... Sobre as fábricas entregues ao trabalhador surgiu o entusiasmo da nova sociedade. É o patos da construção!

SÃO PEDRO — Loucos!

ICAR — Sonhadores!

A VOZ DE STALIN — É preciso sonhar! Quem vos falava assim era o camarada Lênin. Ele ensinou que o vosso sonho deve sobrepujar o curso natural dos acontecimentos. Sonhar não vos faz nenhum mal. O sonho sustenta e anima. O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de perigoso se quem sonha crê seriamente em seu sonho, se trabalha conscientemente para a realização de seu sonho. Quando há contato entre o sonho e a vida tudo vai bem.

MME ICAR — O tal de Lênin!

SÃO PEDRO — Para nós nem o sonho é permitido.

ICAR — Vivemos do passado.

MME ICAR — E de Deus.

ICAR — Quando me deito pergunto que irei fazer quando me levantar. Quando me levanto indago que irei fazer até à noite.

M^{ME} ICAR — Deus não nos escuta.

SÃO PEDRO — Somos o fim de um mundo.

A VOZ DE STALIN — Não tínhamos indústria siderúrgica, agora temos! Não tínhamos indústria mecânica, agora temos! Não tínhamos indústria de tratores, agora temos! Não tínhamos indústria de automóveis, agora temos! Não tínhamos indústria química, agora temos! Não tínhamos máquinas agrícolas, agora temos! Não tínhamos liberdade, agora temos!

CENA III

Menos a Voz de Stalin.

SÃO PEDRO — A liberdade de pecar.

ICAR — E de ofender a Deus.

M^{ME} ICAR (Irônica.) — A sabedoria morrerá com eles.

SÃO PEDRO — Ignoram que é a mão de Deus que faz todas as coisas. Interrogai os animais, eles vos instruirão! Consultai os pássaros do céu e os peixes do mar, eles vos revelarão. Falai à terra, ela vos responderá!

CENA IV

Os mesmos e a Voz de Eisenstein.

O alto-falante reenceta a irradiação.

O ALTO-FALANTE — Escutai! É a voz do camarada Eisenstein.

M^{ME} ICAR — Outro!

SÃO PEDRO — É o homem do cinema.

ICAR — Escutemos.

A Voz de Eisenstein — Eu vos apresento os documentos da transformação do mundo. A vitória encarniçada do proletariado na frente campesina, na frente industrial. Nem bandeiras ao vento nem gritos nem canhões! Mas as cargas da cavalaria-vapor, na construção do socialismo! Interrogai a terra. Concursos de galinhas poedeiras, estábulos cálidos, o trabalho quotidiano na neve primaveril ou no calor do verão! O esterco fertilizante, os rebanhos, as máquinas agrícolas, tudo escriturado aumentando as estatísticas. Nem o incêndio da revolta nem a grande luta revolucionária. Mas, depois da luta e da vitória, a vida quotidiana dos que trabalham e constroem um mundo melhor. A contabilidade, as usinas leiteiras, as grandes criações de aves, as incubadeiras. Nem amor da pátria nem Deus, nem a hipocrisia honesta. Mas os rebanhos que se organizam, os mapas da seleção de sementes, os diagramas do progresso. O trabalho diário e anônimo com o touro reproduutor e com o arado mecânico. É a frente pacífica que faz esquecer a frente de guerra. A história dos pioneiros da revolução agrícola. A floresta cai e recende. Edificamos. Na nossa gota de água se reflete o horizonte infinito da nova era social. Estações experimentais. Fazendas modelos. Laboratórios, escolas. O operário estudante, o camponês estudante. A reprodução consciente e selecionada das espécies animais. O fim da magia. O trator. Inaugura-se por toda a terra coletivizada a época do vapor e da eletricidade. O patético da desnatadeira coletiva. Da desnatadeira ao reproduutor. Deste ao arado mecânico a 10 a 100, a milhares de arados mecânicos. Fazemos a Industrialização.

Silêncio.

CENA V

Menos a Voz de Eisenstein.

SÃO PEDRO — Que vale tudo isso sem Deus?

ICAR — Só nos resta a esperança da NEP e a saudade do capitalismo.

M^{ME} ICAR — E esta meia garrafa de vodca.

SÃO PEDRO — É um mundo que começa.

ICAR — É Deus que acaba.

M^{ME} ICAR — Blasfemos!

ICAR — Pedro, toque alguma coisa nesse realejo.

M^{ME} ICAR — Para recordar. Recordar é viver!

ICAR — Para nos distrair.

SÃO PEDRO (*Levantando-se.*) — Vamos rezar pela Santa Mãe Rússia. (*Toma a sanfona.*) Lá vai a Ave-Maria de Schubert!

A música velha cambalhoteia... As sereais da Usina abafam o solfejo inútil do passado.

PANO

7º QUADRO

A verdade na boca das crianças

*A cena representa o hall de uma creche no país socialista.
Brinquedos atuais. Cavalos mecânicos.*

CENA I

Três Crianças Soviéticas.

A 1.^a CRIANÇA — Antigamente havia cavalos nas ruas. Puxavam carros e arados nos campos. A gente montava neles.

A 2.^a CRIANÇA — Mentira!

A 1.^a CRIANÇA — Havia sim. Eu li. Até os burgueses criavam cavalos para fazer um jogo nos dias de festa. Os cavalos corriam e quem ganhava tinha um prêmio que naturalmente ia para o dono.

A 3.^a CRIANÇA — Os donos dos cavalos eram imbecis enfatudos. Reuniam-se em clubes torpes para jogar o dinheiro roubado aos operários.

A 2.^a CRIANÇA — Que fim tiveram eles?

A 1.^a CRIANÇA — Foram fuzilados com os outros exploradores do povo. Depois de fazê-los suar a semana inteira, induzia-os a colocar também os seus salários no jogo das corridas...

- A 2.^a CRIANÇA — É verdade que havia o cavalo de guerra?
- A 3.^a CRIANÇA — Havia sim. Quando a humanidade não estava ainda evoluída e dividia-se em estados nacionais, fazia-se a guerra. Durante muitos séculos, os cavalos foram utilizados nas batalhas.
- A 1.^a CRIANÇA — Coitados!
- A 3.^a CRIANÇA — Eram conduzidos para a carnificina com os soldados, a fim de defender os interesses dos ricos e dos proprietários!
- A 2.^a CRIANÇA — Proprietários? Que negócio é esse?
- A 1.^a CRIANÇA — Foram os homens que se apossaram da terra pela força, pelo ludíbrio ou pela herança, para fazer os despojados trabalharem para eles!
- A 2.^a CRIANÇA — Mas o solo não era de todos?
- A 3.^a CRIANÇA — Não era não. Nem as máquinas. E os burgueses lutaram séculos para que esse regime continuasse. Quando as crises apertavam, promoviam guerras patrióticas a fim de massacrar o povo. Os filhos dos ricos não iam para as trincheiras. As famílias dos trabalhadores e dos pobres, transformadas em famílias de soldados, perdiam os seus chefes e filhos. Os resultados das guerras eram distribuídos entre os ricos. Os soldados que voltavam cegos, mutilados ou sem emprego, eram abandonados pelos seus sinistros empresários e acabavam mendigando nas pontes e nas portas das igrejas...
- A 2.^a CRIANÇA — Igreja?
- A 3.^a CRIANÇA — Sim, igrejas, bobinha! Não vê que para manter a exploração das massas que trabalhavam, os exploradores, de acordo com piratas que se chamavam sacerdotes, inventavam que havia um ser supremo e terrível que enchia a pança dos ricos na terra e para os pobres reservava o céu...
- A 1.^a CRIANÇA — Conseguiam, prometendo ilusões e castigos, que o povo não se revoltasse contra a miséria que lhe impunham as classes ricas...
- A 2.^a CRIANÇA — Mas o povo se revoltou...
- A 1.^a CRIANÇA — Oral Decerto! A teoria de Marx penetrou nas massas e se tornou força social. Os ricos e politiqueiros,

que ficaram vivos e não quiseram trabalhar conosco, envelhecem hoje honradamente esmolando nas portas das usinas socialistas...

- A 3.^a CRIANÇA — Era um mundo pavoroso. A mulher também foi escrava. Exercia-se sobre ela até o direito de morte. Isso deixou de figurar nas leis, mas a justiça de classe sempre estava à disposição dos ricos e dos maridos corneados...
- A 1.^a CRIANÇA — Defendiam a herança. Por isso se batiam pela monogamia que se apoiava nas duas muletas do régimen — a prostituição e o adultério...
- A 3.^a CRIANÇA — O nosso Engels disse uma coisa estupenda a propósito do começo da monogamia e da escravidão da mulher, que foram o apanágio da propriedade privada...
- A 2.^a CRIANÇA — O que foi que Engels disse?
- A 1.^a CRIANÇA — Eu sei. O homem venceu a mulher e ela coroou a cabeça do vencedor!
- A 3.^a CRIANÇA — Era o mundo do cavalo de guerra, do cavalo de corrida, do cavalo camponês e do "cavalo"-doençal
- A 2.^a CRIANÇA — Hoje não há nada mais disso.
- A 1.^a CRIANÇA — Nasceremos no mundo do cavalo-vapor. A socialização e a paz.
- A 2.^a CRIANÇA — Custou muito a passagem de um mundo para o outro?
- A 3.^a CRIANÇA — O sacrifício de milhões de vidas. Os trabalhadores conquistaram o poder palmo a palmo, país por país. A maior parte dos que iniciaram a luta não chegaram ao fim dela. Mas deixaram um mundo novo para nós e para os seus filhos!

CENA II

Os mesmos, o Médico, M^{me} Icar, São Pedro e Icar.

- O MÉDICO — Façam o favor de passar. Só faltam examinar estas três crianças. Vejam se algumas delas ou todas são os seus filhos desaparecidos...

M^{ME} ICAR (Examinando atentamente as crianças.) — Não reconheço à primeira vista. Dá licença que converse com eles?

O MÉDICO — À vontade!

M^{ME} ICAR — Minhas crianças! Vocês não se lembram que tinham uma família?

A 1.^a CRIANÇA — Nossa família é a sociedade socialista.

A 3.^a CRIANÇA — Eu tive uma família que vivia no conforto, mas minha casa era um inferno. Meus pais brigavam todos os dias, se detestavam e se traíam. Eu mesma era filha dum amigo da casa. Mas meu pai ou antes o marido de minha mãe não fazia escândalo por causa da posição social que ocupava...

A 1.^a CRIANÇA — A minha situação era um pouco diferente. Era filha do patrão com a criada da casa, a mesma casa dela...

A 3.^a CRIANÇA — Sim, somos irmãs! Eu estava destinada a receber a herança do pai dela. E ela a trabalhar para mim a vida inteira, por ser o que eles chamavam de "filha legítima". No entanto ela é que era a filha dele!

O MÉDICO — Um quadro da sociedade burguesa. A herança dividia as classes. A paternidade era assegurada pelo casamento monogâmico. Para haver exploradores e explorados. E chamavam a isso defender a honra!

M^{ME} ICAR — Nada te faltava no entanto!

A 3.^a CRIANÇA — Faltava tudo porque faltava a paz e a verdade!

M^{ME} ICAR — Mas davam-te educação?

A 3.^a CRIANÇA — Uma educação mentirosa e errada. Enganavam-me que existia Deus. O meu pai oficial era o mais desonesto e ambicioso dos homens. Roubava lá fora, garantido pelas leis burguesas e roubava em casa o salário das empregadas que seduzia. Deus perdoava-o e protegia-o porque ele dava dinheiro aos padres.

M^{ME} ICAR — Perdeste a religião bem cedo.

A 3.^a CRIANÇA — Na escola soviética mostraram-me qual é o papel de todas as religiões. Narcótico do povo para fazê-lo

esquecer a própria miséria. Para ensiná-lo a não se revoltar contra os seus exploradores iludindo-o com a vida futura que não existe.

M^{ME} ICAR — Mas teus pais procuram incutir-te bons sentimentos...

A 3.^a CRIANÇA — Sentimentos os mais torpes, os mais falsos! O da caridade que manda restituir aos desgraçados uma migalha do que eles nos dão no trabalho diário. Só para que eles não se revoltam e exijam o que é deles. O amor sentimental, complicado, masoquista e absurdo. Todos os recalques catalogados pelo professor Freud. A falsa virtude, a hipocrisia, a libidinagem...

M^{ME} ICAR — Isso são pecados...

A 1.^a CRIANÇA — Pecados que o Deus dos ricos perdoa facilmente. E que só os pobres não podiam ter no vosso mundo... (*M^{me} Icar chora nos braços de São Pedro.*)

ICAR — Meninas, há mais coisas no céu e na terra do que sonha a vossa vã filosofia! Se a natureza vive ainda em vós, respeitai essa pobre mãe!

A 1.^a CRIANÇA — Ela talvez seja um fantasma honesto. Nós é que não poderemos segui-la porque não temos nenhuma vontade de nos divertir com almas doutro mundo!

A 3.^a CRIANÇA — Matamos a inquietação e o mistério e somos felizes!

A 2.^a CRIANÇA (*Ao Médico.*) — Quem são esses velhotes?

O MÉDICO — São o mundo antigo. O mundo que destruímos para dar a vocês livre respiração social.

A 3.^a CRIANÇA — O que é que eles querem?

O MÉDICO — Jogaram na loteria Nobel e andam à procura do prêmio.

A 1.^a CRIANÇA — Ela é casada?

O MÉDICO — É viúva de guerra. Como espera receber dinheiro, apresentaram-se esses dois malandros dizendo ambos que eram o marido morto. Alegam ter perdido a memória nos embates da guerra. São desmemoriados para fins de herança.

A 3.^a CRIANÇA — Ela ficou com quem?

O MÉDICO — Arranjou uma bigamiazinha tipo capitalista. Entendem-se.

SÃO PEDRO (*Intervindo.*) — Senhor Médico! Admiti nossa ignorância. Viemos de um país longínquo e passadista. As vossas organizações nos espantam... Queríamos conhecer o que se passa em vosso mundo...

O MÉDICO — Tenho o maior prazer em informá-los.

SÃO PEDRO — Estas crianças não têm mais famílias?

A 3.^a CRIANÇA — Temos uma família melhor. A família socialista.

O MÉDICO — Vejo que o caro barão desconhece completamente a história humana. Parece um professor de Direito de 1933. A família é uma instituição que mudou a cada fase nova da sociedade. Para os senhores, naturalmente, a família só podia ser a família coroada de tipo germanocristão...

A 2.^a CRIANÇA — Destinada só a defender a herança e a divisão de classes...

A 3.^a CRIANÇA — Regimen de mentira doméstica.

A 1.^a CRIANÇA — E de corrupção social!

SÃO PEDRO — Eu desejava somente saber quais os resultados dessa transformação, desse milagre...

O MÉDICO — Não foi milagre. Nada é misterioso na aplicação prática da ciência social. Não temos mais as desigualdades e as infâncias produzidas pela herança burguesa. Eliminamos com isso 90% das tragédias sociais. Não temos mais adultério. Não temos prostituição. Eliminamos as nevroses, os assassinatos, as depravações, que eram apanágio da burguesia. A sífilis desapareceu, a loucura se extinguiu. Fechamos as cadeias. Possuímos 2 000 maternidades gratuitas. Temos 10 000 creches. Colocadas ao lado das fábricas, dos laboratórios, das universidades. Suprimimos a contradição e as lutas entre o campo e a cidade. Matamos o monstro empolado do urbanismo. Liquidamos o desemprego.

SÃO PEDRO (*Cético.*) — Desejava conhecer algumas estatísticas...

O Médico — Perfeitamente. A linguagem das cifras é a que mais nos interessa. A construção do socialismo apresenta um considerável melhoramento moral, educacional e sobre-tudo material das massas operárias e colcozianas. A mortalidade baixou a 1/3 da cifra antiga. O aumento da população passa já de 5 por 1 000. O número de postos médicos, de creches e de leitos aumenta ano a ano. A melhoria sanitária é notável nas empresas socialistas gigantes e nas regiões nacionais. Onde havia 60 leitos existem agora 2 525. Noutro que tinha 1 318 há atualmente 16 403. Este ano houve 400 milhões de visitas aos dispensários do Estado. Todas as requisições de medicamentos foram satisfeitas. Estiveram nos balneários, nos sanatórios e nas estações de cura 700 000 trabalhadores. Temos 85 000 médicos servindo o povo. Antigamente havia só 19 000 a soldo das classes ricas. O número de lugares nas creches industriais e da zona rural vai ser elevado a 830 000. Temos já 230 hospitais rurais e 329 dispensários. O número de leitos nas creches de verão dos colchozes atingiu a dois milhões. Vai ser aumentado de 34% o número de médicos para crianças e adolescentes. As cozinhas láteas coletivas aumentaram duas vezes e meia.

Uma campainha retine.

É o dia da inspeção sanitária das crianças... Não são esses os vossos filhos?

Silêncio.

M^{ME} ICAR — Talvez sejam... Estão irreconhecíveis!

A 1.^a CRIANÇA — Somos os filhos conscientes de um mundo novo.

A 3.^a CRIANÇA — Não podemos gostar de fantasmas.

Icar e São Pedro reconduzem M^{me} Icar soluçante.

8º QUADRO

O tribunal

A cena representa a sala do ex-prêmio Nobel, erigida em Tribunal Revolucionário. Ao fundo, grande porta abrindo sobre a paisagem clássica do Gólgata, com duas cruzes somente.

CENA I

Mme Icar, São Pedro, Icar e a Verônica.

*Ao fundo, soldados romanos, mulheres, apóstolos, escravos —
a multidão que esteve na casa de Pilatos.*

A Verônica está secando algumas fotografias de grande formato.

SÃO PEDRO — Eu acho que conheço a senhora...

A VERÔNICA — Conhece sim...

SÃO PEDRO — Não me lembro donde. Sou um desmemoriado.

A VERÔNICA — Eu me lembro. Foi naquele frege do Calvário
há vinte séculos. (*Volta para frente a fotografia que tem
nas mãos e onde aparece Adolf Hitler crucificado na
Suástica.*) O senhor era dos nossos...

SÃO PEDRO (*Reconhecendo a fotografia.*) — Mas esse é Cristo
Cristo rei!

A VERÔNICA — Perfeitamente! O chanceler Cristo, a última
encarnação do anti-semitismo.

CENA II

Os mesmos e Madalena.

MADALENA — É aqui que vai ser feito o julgamento do filho
de Davi!

A VERÔNICA — Qual deles?

MADALENA — Esse que está aí nesse retrato.

A VERÔNICA — Ah! O último Deus ariano!

MADALENA — Eu sou testemunha.

SÃO PEDRO (*Levantando-se.*) — Madalena! Minha querida
filha!

MADALENA — Quem é o senhor?

SÃO PEDRO — Eu sou o velho Pedro.

MADALENA — O pescador de Genesaré?

A VERÔNICA — Estamos todos juntos de novo. Eu, com as
fotografias, você com os perfumes...

MADALENA — Você continua a me fazer concorrência, Verônica!

A VERÔNICA — Absolutamente! Estou aqui em funções admi-
nistrativas. Estou preparando a carteira de identidade dos
acusados que devem comparecer hoje perante o Tribunal
Vermelho.

MADALENA — Você matou a arte na Judéia.

A VERÔNICA — Fui apenas a precursora da indústria do retrato.

MADALENA — Continua estragando a verdadeira arte. Nem a
Renascença pôde com você. Aliou-se aos padres para inun-
dar o mundo de santinhos sofredores!

A VERÔNICA — Hoje, dedico-me ao cinema...

MADALENA — Assisti *O rei dos reis*. Boa droga!

A VERÔNICA — Engano. Estou a serviço do cinema de Estado.
Evoluí. Sou o progresso em pessoa.

MADALENA — Pois eu continuo a ser a arte pela arte.

A VERÔNICA — Ainda é modelo de *atelier*?

MADALENA — Como na Judéia. Se você não aparecesse, teríamos uma arte nativa semita que fortificaria a unidade sentimental da Diáspora. Isso talvez produzisse as maiores consequências políticas. Um povo disperso e sem arte dá nisso...

SÃO PEDRO — Madalena, te desconheço. Você parece uma deputada de classe!

MADALENA — Claro! Eu surgi para vocês como uma prostituta analfabeta do século I. Aquilo tudo era fita. Como fita foi a Paixão, a Cruz, a Ressurreição e o resto... Nós mantímos a luta tenaz contra o Imperialismo Romano...
A luta idealista!

SÃO PEDRO — As cantigas sobre a sua rua! Gostávamos tanto!

A VERÔNICA — Você recitava uma poesia futurista que o Rabi adorava...

SÃO PEDRO — Recite para recordarmos. Recordar é viver!

MADALENA (*Recitando.*) —

Minha rua
Minha rua em Magdala
Cheia de meretrizes
Roídas de doença
Inundadas de perfume
Mortas de fome
Ninguém vive na minha rua
Por querer
Nem eu
Nem as outras infelizes
Os fariseus freqüentam
A minha rua
Estreita
Cheirando incenso e esperma
Os homens da lei passam por ela
Eles sabem que o trabalho honrado

Não rende
A mulher e a filha do pobre
Só arranjam alguma nota
Na minha rua
Por isso a minha rua está cheia
Por isso choro de noite
Na minha rua
Quando me lembro de mim.

ICAR — Pobres desgraçadas! Dá penal Devia regularmentar isso!

A VERÔNICA — É a monogamia que as produz. No Estado Socialista elas pertencem ao Museu Histórico.

ICAR — Mas a vida sem elas perde a poesia...

A VERÔNICA — A poesia da tuberculose e das ruelas atrás das catedrais!

MADALENA — A poesia que eu explorava ao lado do Rabi como arma nacionalista!

A VERÔNICA — Acho inútil você querer dar um cheirinho político ao seu caso com o Cristo.

MADALENA — Infelizmente foi verdade. Quando esse homem apareceu sujo nas estradas me virou a cabeça. Acreditei nele. Fui perfumar-lhe os pés chagados. Era médico recém-vindo do Egito. Formara-se no curso de magia. Pensei com o Barão em ganhá-lo para a nossa causa.

SÃO PEDRO — Que barão?

MADALENA — Bar-a-bás.

A VERÔNICA — O protetor da tal Academia! O filantropo yankee!

MADALENA — Sim! O nosso complô nacional funcionava na Academia Secreta de pintura que tinha o espantoso nome de *O pecado pelo pecado*. Queríamos encobrir num movimento de arte a nossa revolução contra Roma.

A VERÔNICA — Você pelo menos teve uma coragem. Era modelo nu!

MADALENA — Para tapear e seduzir. Trazia para a nossa causa os rudes homens do interior, curiosos da minha nudez.

ICAR — A senhora continua modelo?

MADALENA — Hoje sou patrona da arte ilegal. Entre os Judeus, quando só se permitia o cubismo e a arte sem assunto, eu posava toda nua. É verdade que os artistas pintavam tudo menos o meu corpo. Rafaéis, Murillos, Rubens.

ICAR — Compreende-se.

MADALENA — Hoje sou cubista.

CENA III

Os mesmos e o Soldado Vermelho de John Reed.

O SOLDADO VERMELHO — O que é que a senhora quer aqui?

MADALENA — Vim depor na revisão do processo de Cristo.

A VERÔNICA — Vai bancar a Frinéia para ver se salva o amante secular.

MADALENA — Não. Sou nudista por higiene.

O SOLDADO VERMELHO — Aqui todos vestem como querem. O importante não é este negócio de roupa. É eliminar as duas classes. Atenção! Os acusados! Os juízes! A camarada Verdadel Vão entrar Jesus Cristo e sua senhora.

Som de órgão lá fora. Cântico de igreja.

VOZES DE EUNUCOS E VELHAS —

Vestido de branco
Chegou afinal!
Trazendo na cinta
Pistola e punhal!

Pra dar na cabeça
Do pobre e do mau
Gentil Bernadete
Pegando no pau!

Gritos, Urros histéricos.

Vozes — Viva o Chanceler! Viva! Péu! Péu! Tira o chapéu!
Tira, Flávio! Lincha! Mata!

A Voz de um Engenheiro — Evidentemente, coagido pela força
bruta, vencido pelo número, vejo-me forçado a continuar
o meu caminho sem chapéu. Mas esse puto me pagal

Som de castanholas. Tumulto.

Vozes — *Viva la gracial! Otro toro! Mi cago en Dios!* Viva o
senhor do sábado! Tira o chapéu, Flávio! Péu! Péu! Foral!
Não tiral Deus da burguesia! Foral Põe o chapéu! Desacata
esse veado! Foral Foral!

CENA IV

*Os mesmos, M^{ME} Jesus, Cristo, povo e os
personagens da platéia.*

M^{ME} JESUS (*Empurrando Cristo que vem armado com as
armas de todas as idades. Camisa evangélico-fascista e
mochila. Capacete de espinhos. Túnica alvissima. Guarda-
chuva preto.*) — Anda hombre! Yo te quiero mostrar como
tiengo cohones delantes de las guardias rojas!

CENA V

*Os mesmos, M^{ME} Jesus, Cristo, povo e os
e a Camarada Verdade.*

O TIGRE (*Tomando lugar na mesa ao lado da Camarada Ver-
dade que se conserva de pé. A Verônica coloca-se do lado
oposto. Madalena toma posição de modelo, no primeiro
plano, atrás de Cristo.*) — Não temos tempo a perder...
Vamos!

- O SOLDADO VERMELHO — Silêncio!
- O TIGRE — A construção socialista exige todas as atenções.
Mas como este tipo popular ainda preocupa as massas em
atraso, vamos liquidá-lo. Faça os interrogatórios.
- O SOLDADO VERMELHO — A senhora primeiro. Seu nome?
- M^{ME} JESUS — Teressa!
- O SOLDADO VERMELHO — De quê?
- M^{ME} JESUS — De Jesus, todavia!
- O SOLDADO VERMELHO — Teresa ou Teresinha?
- M^{ME} JESUS — Teresinha es mi hija con el Espírito-Santo.
- O SOLDADO VERMELHO — Deixa de mágicas! Sua profissão?
- M^{ME} JESUS — Capanga de mi esposo! (*Chegando-se para a platéia e a ela se dirigindo.*) Para defenderlo contra los comunistas. Se hay alguno en la sala que se presente! Hombre!
- O SOLDADO VERMELHO — Atenção, Madame. Isto aqui não é campeonato de boxe!
- UM ESPECTADOR (*Da platéia.*) — Viva usted e viva su amante!
- M^{ME} JESUS — Viva la gracia... de Dios! Se yo non bancasse su interventor, já lo habriam destrozado pobrecito! Mire usted Veronica. Su corona de espinos se transformó em capacete de aço! Haga um grupo!
- O TIGRE (*A Cristo.*) — O senhor é Deus?
- CRISTO — Dizem...
- O TIGRE — O senhor é acusado de ser um elemento insuflador em toda as guerras. Em todos os hinos e besteiiras nacionais, o senhor aparece. Os alemães quando querem matar gente dizem **GOT MIT UNS!** Os franceses dizem **DIEU GARDE LA FRANCE!** Os ingleses **COD SAVE THE KING!**
- M^{ME} JESUS — Pero la guerra nos molestó tambien. Como no?
Los aeroplanos e los canones destruiram dos casitas-bengalós que teniamos!
- O SOLDADO VERMELHO — Proprietários, hein?
- M^{ME} JESUS — Por cierto! El fué el primer ministro socialista que hubo en el mundo!
- O TIGRE — O senhor não nega ser agente da II Internacional.

CRISTO — Pedro! Pedro, vem em meu auxílio!
O SOLDADO VERMELHO (A São Pedro.) — O senhor conhece
esse homem?
SÃO PEDRO — Não!

Um galo canta lá fora.

CRISTO — Havias de me negar outra vez! Safado.

Diversos galos cantam.

SÃO PEDRO — Faça o obséquio de mandar esses galos ficarem
quietos.

O SOLDADO VERMELHO — Impossível. Tem um galinheiro aí
atrás!

SÃO PEDRO — Pois então eu quebro a minha mudez milenária!
Eu falo. Quando neguei este homem, fiz-lo conscientemente!
Ele é que era um traidor!

CRISTO — No entanto, trabalhamos juntos na Internacional das
Catacumbas!

SÃO PEDRO — De fato. Mas foi você quem entregou esse movi-
mento à reação no século III...

CRISTO — Ei!

SÃO PEDRO — Quem foi Constantino? Era você proclamado
imperador! E que fez Constantino? Inventou o célebre
derivativo dos fascismos históricos — Façamos a revolução
antes que o povo a faça!

CRISTO — Fui eu que criei com João Batista a grande senha
do Reino dos Céus!

SÃO PEDRO — No nosso comitê apostólico o Reino dos Céus tinha
de fato uma significação revolucionária. Concreta e ter-
rena. Era o poder que queríamos tomar com as massas
oprimidas. Quando Roma perdeu a Dácia e foi batida em
Teuteburg, a mão-de-obra em carência ameaçou o lati-
fúndio. Mas a revolução agrária se processou em torno da
pequena propriedade. As massas encaminhadas para a ser-
vidão viram o latifúndio se reconstituir com o feudalismo.
E ficaram esperando até hoje pelo Reino dos Céus.

CRISTO — Estás imbuído de materialismo histórico, Pedro! Nem parece que vieste das celestes paragens de meu pai!

SÃO PEDRO — Sim. Vim do céu! Dum país de borboletas, abelhas, colibris! Um país sem saúvas. Para crianças ricas. O céu, meus senhores, é uma tapeação de classe. Eu sou um rude homem terreno. Fui pescador, fui barqueiro...

VOZES — Abaixo a demagogia!

O SOLDADO VERMELHO — Barqueiro você vai ser agora. Barqueiro do Volgal!

CRISTO — Pedro, eu te tirei do cárcere em Jerusalém, no dia em que Tiago foi morto à espada.

SÃO PEDRO — Tirou o que?

CRISTO — Um anjo te libertou!

SÃO PEDRO — Tapeação! Anjo nenhum! Foi o capitalista Arimateia que mandou embebedar os guardas e abriu o xadrez. Vivíamos de magia. Teretetê, anjo!

CRISTO — Eu sempre falei por parábolas!

O TIGRE — Por quê?

CRISTO — Para não ir preso.

O SOLDADO VERMELHO — Qual! Na Judéia você sempre foi protegido pela gente grossa!

CRISTO — Não nego. Enverguei diversas vezes a minha túnica de soirée. Era convidado.

SÃO PEDRO — E deixava os apóstolos lá fora!

O TIGRE — A comissão de textos evangélicos, examinando o seu caso, chegou às seguintes conclusões: as suas parábolas foram todas reacionárias. A consagração da injustiça e do arbítrio. Do salário ínquo. A incitação à usura e aos juros altos. Por exemplo: o servo que ganhou cem por cento, premiado... Lições contra o divórcio e a favor do adultério. O plano quinquenal da sabujice e da mentira. O senhor foi um espermatozóide feroz da burguesia e mais nada. Ela tinha razões de sobra para endeusá-lo. As suas declarações foram aliás positivas. Não veio revogar a lei, mas cumpri-la. O Sermão da Montanha era uma provocação clara. Preparava o Imperialismo Romano. Não pode negar as suas ligações secretas com Pilatos. O provocador

Judas e o famoso centurião convertido eram as pontes.
Estavam todos interessados no monopólio do azeite.

CRISTO — Eu queria o bem!

O TIGRE — E por isso ressuscitava herdeiras ricas!

UM ROMANCISTA INGLÊS (*Falando da platéia.*) — E doentes.
A ressurreição anticientífica. O contrário da eutanásia!

CENA V

Os mesmos e Fu-man-chu.

O chinês brota do solo num espaço da platéia.

FU-MAN-CHU — Eu sou a graciosa Mortel Sou Fu-Man-Chu!
A luta individual contra o Imperialismo Inglês. O Terror
de Scotland Yard. Sou o último mosqueteiro. Mas não
faço, como os outros, a epopeia do servilismo! Sujeitos que
viviam pulando muros para facilitar as trepadas da Rainha
com Lord Buckingam! Eu era Taoísta! Queria regenerar
o mundo sem estrépito de vozes, sem depredação e sem
efusão de sangue! Mas o Imperialismo me transformou
numa fera cautelosa. Sou a luta contra a melhor polícia
do Ocidente. Sou Fu-Man-Chu!

CENA VI

Os mesmos e D'Artagnan.

*O mosqueteiro ataca o oriental de florete e fá-lo correr
para o palco, por onde o segue.*

D'ARTAGNAN — Em guarda, chinês dum figura! Monstro da
demagogia e maus costumes! Em guarda!

FU-MAN-CHU — Quem é esse furação de florete?

D'ARTAGNAN — Sou D'Artagnan! A capacidade de servir!

FU-MAN-CHU — Lacaio! Produto da domesticação das massas!

D'ARTAGNAN — Vilão! Infiel! Amarelol!

FU-MAN-CHU — Mosqueteiro pau-d'água e corrupto...

D'ARTAGNAN — Mas leal e vistoso!

FU-MAN-CHU — Inconsciente! Lacaio! Defendes os gemidos de amor das putanheiras do Ocidente!

D'ARTAGNAN — Dou o meu sangue por uma sociedade de Buckingans e cornudos! Sou hoje um fenômeno de massa! Hitler! Mussolini! Gustavo Garapa!

FU-MAN-CHU — Então sou teu parente! Sou Chang Kai-Chek!

D'ARTAGNAN (*Avançando para espetá-lo*). — Nada! És de outra raça! Escravo! Em guarda! Defende-te! (*Sai pelo fundo, atrás de Fu-Man-Chu.*)

O SOLDADO VERMELHO — Para fora, canalha do passado! Para o Museu Histórico! Se vocês continuam, eu mando jogar gás lacrimogênio!

A VOZ DE FU-MAN-CHU — Te hipnotizo, lacaio! Te enveneno!

A VOZ DE D'ARTAGNAN — Te esgano! Te furo, saco de merda!

O ROMANCISTA INGLÊS — Oh! Eles acabam se reconciliando lá dentro!

CENA VII

Os mesmos, menos D'Artagnan e Fu-Man-Chu.

O SOLDADO VERMELHO — Quem é o senhor para estar dando palpites assim?

O ROMANCISTA INGLÊS — Sou um romancista inglês!

O SOLDADO VERMELHO — Então pode!

O ROMANCISTA INGLÊS — Eu queria elucidar perante este tribunal as origens humanas do Rabi. Esse homem introdu-

ziu o sobrenatural na procriação! Mas eu descobri o negócio todo!

CRISTO — Sou filho de rei! Filho de Davi!

O ROMANCISTA INGLÊS — Filho de rei. Filho de Herodes e Salomé! A virgem Maria era Salomé regenerada. Deixou o palco para se casar com o marceneiro José e evitar os continuados escândalos da corte!

VOZES — Cristo era filho de rei! Filho natural de Herodes!

O ROMANCISTA INGLÊS — Perfeitamente! Por isso é que os pastores e os magos vieram adorá-lo. Se ele fosse filho de outro, Herodes não mandaria proceder à matança dos inocentes, para exterminá-lo.

O SOLDADO VERMELHO — Temia uma revolução que pusesse o herdeiro ilegítimo no trono. É isso mesmo.

UM PEQUENO-BURGUÊS (*Da Platéia.*) — Senhor! Perdoa os que te insultam! Eu sou um pequeno-burguês sincero. Diante do teu renovado martírio, me converto. E sigo o duro caminho do teu novo Calvário!

M^{ME} JESUS — *Que c'est gentil!*

SÃO PEDRO (A Cristo.) — Messias, terás sempre idiotas a teu serviço! Eu também fui assim! Mas aprendi à minha própria custa. Quando presidi o grupo de autodefesa no comício de Getsemani e cortei a orelha do tira que te prendeu, tu a repuseste no lugar! Traidor!

CRISTO — Eu sempre fui pela colaboração de classes!

SÃO PEDRO — Não é bem isso. A tua política colaboracionista era uma farsa. Estava tudo mais que combinado e ensaiado por Judas com o lugar-tenente de Roma, Pôncio Pilatos. Ele fez tudo para te por na rua e sacrificar o chefe nacionalista Bar-a-Bás. Mas o povo não foi na onda!

CRISTO — Pedro, estavas comigo na Ceia!

SÃO PEDRO — Na ceia, Judas foi admirável quando, de combinação contigo, se inculecou como o teu futuro denunciante. Foi de um enorme efeito diante dos apóstolos! Os apóstolos representavam a massa que queria a revolução. Tu despistaste, porque estavas a serviço de Pilatos, que depois não te pôde dar mais a liberdade. Supondo fracassado

o plano de entregar o país à Roma, Judas suicidou-se. Foi mais digno do que tu, como disse o nobre poeta português Guerra Junqueiro!

O ROMANCISTA INGLÊS — Cristo não morreu na cruz. Foi salvo de fato pelo seu poderoso amigo Pôncio Pilatos. Este permitiu, contra toda a ética processual, que o *businessman* Arimatéia o retirasse da cruz sem a prova das pernas quebradas. Ele não estava morto!

SÃO PEDRO — Puta merdal! É verdade!

O ROMANCISTA INGLÊS — Os dois ladrões tiveram as pernas quebradas...

CRISTO — Mas o centurião varou o meu lado com a lança! Eu estava morto. Ressuscitei, depois.

O ROMANCISTA INGLÊS — Isso é boato de padre! O centurião era camarada. Fez um arranhão no lugar da terceira costela! Sem isso, o senhor não apareceria dias depois comendo peixe frito no lago de Genesaré!

SÃO PEDRO — É isso mesmo. O romano tinha embebido na esponja um saporífero para te aliviar as dores. Um complô!

O ROMANCISTA INGLÊS — Era natural que o Messias não fosse encontrado pelas mulheres no sepulcro...

SÃO PEDRO — Estava no médico!

O TIGRE — Queremos que elucide este texto de Mateus 5 — versículo 25: “Harmoniza-te depressa com o adversário para que ele não te recolha à prisão”.

CRISTO — Ensinei: Quando alguém te esbofetejar numa face, oferece a outra!

SÃO PEDRO — Em linguagem política isso quer dizer: Se o Romano te tomar a Judéia, entrega-lhe a Galiléia!

O TIGRE — Está provado que Cristo preparava o advento do Imperialismo Romano de conquista, em Israel convulsinada pelos distúrbios nacionais posteriores a Quirinius. Pôs o contribuinte entre a Igreja e o Império. Entre César e Deus! Foi um agente dissimulado de Roma!

VOZES LÁ FORA — Viva o P.R.P.! Vivó! Viva a Comissão Diretora! Vivóóó!

O SOLDADO VERMELHO — Que barulho é esse?

CENA VIII

Os mesmos e Barrabás.

BARRABÁS (*Entrando alinhadíssimo, de casaca. É o tipo do capitalista internacional.*) — Peço a palavra!

O SOLDADO VERMELHO — Quem é esse figurão?

BARRABÁS — Sou o Barão Barrabás de Rotschild. Represento as aspirações sionista de meu povo!

M^{ME} JESUS — Es la banca internacional!

SÃO PEDRO — É o chefe nacionalista que o povo preferiu a Jesus! Viva a minha terra! Viva a Palestina! Viva o muncípio de Betsaida!

O SOLDADO VERMELHO — Fecha o escapamento, perrepista!

BARRABÁS — Esse entusiasmo do meu povo por quem soube, através da dispersão e da luta, manter alto o espírito semita, é justo. Nunca estive envolvido no caso do azeite!

SÃO PEDRO — O azeite das virgens!

BARRABÁS — Não. O da Standard Salad!

M^{ME} JESUS — Tilburón! Te doy con la guardachuvia en la cara!

O SOLDADO VERMELHO — Calma, jararaca!

M^{ME} JESUS — Nosotros somos pequenos burgueses. El hace emprestimos! Tilburón!

BARRABÁS — Nunca servi o meu próprio imperialismo!

CRISTO — Clemêncial! Paz na terra aos homens de boa vontade!

O TIGRE — Só há um remédio para vocês idealistas da usura e guias da reação. Vão se matar na Palestina, organizando minorias nacionais. A massa e os sovietes saberão rebé-los!

CRISTO — De novo, o Calvário!

UM POETA CATÓLICO (*Declamando da platéia.*) — “Motorneiro do meu bonde errado. Conduze-me até ao fim da linhal”

BARRABÁS — De novo as grades! (*Para Madalena.*) Vamos Mag!

O SOLDADO VERMELHO — No Gólgota ficaram as cruzes dos dois ladrões. Servem sob medida para vocês.

M^{ME} JESUS — Falta la cruz principal. La de my esposso!

O TIGRE — O Papa a vendeu aos pedacinhos. Não temos culpa disso.

SÃO PEDRO — Eu peço para que ambos desta vez sejam crucificados como eu fui, de cabeça para baixo!

CRISTO — Pedro, quem diria? Tu, pedra da minha Igreja!

O TIGRE — A humanidade viveu vinte séculos desse trocadilho. Chega!

M^{ME} JESUS — Pero, es una violencia. La verdad está con nosotros!

VOZES — Que se abra a boca da verdade. Que se manifeste a verdade!

O SOLDADO VERMELHO — A verdade!

BARRABÁS — A que Cristo calou no interrogatório de Pilatos!

VOZES — Queremos saber o que é a verdade! A verdade!

O TIGRE — Que fale a Camarada Verdade!

A CAMARADA VERDADE — Eu sou a Verdade! Sou a defesa da espécie. Da humanidade pobre que habita um planeta milionário. Fui a geografia de Ptolomeu e a geometria de Euclides. No meu caminho tortuoso, ensombulado e dialético, fui sempre a certeza dos que trabalham. Fui a voz dos profetas bíblicos que mandaram arrasar a Babilônia capitalista. Morei nas Catacumbas. Fui o platonismo e a patrística, enquanto se conservaram fiéis às reivindicações sociais de seu tempo. Compareci ao tribunal de Galileu. Humanista no século XVI, eu vinha das batalhas populares da Idade Média, onde fui a força rude dos camponeses e a consciência de Albi. Estive na caravela de Vasco da Gama. Acompanhei a travessia de Colombo.

VOZES — É a hipótese progressista!

A CAMARADA VERDADE (*Continuando.*) — Subi à fogueira de Bruno e à de Servet. Morei com os alquimistas. Fui com-

panheira de Cromwell e assisti a agonia de Marat. Preparei o advento da Máquina. Flama do socialismo utópico, fui a base do socialismo científico. Morei na cabeça genial de Hegel e na de Fuerbach. Hoje sou a física de Einstein e a ciência social de **KARL MARX!**

PANO

9º QUADRO

O estratoponto

*A cena representa uma sala de espera da Gare Interplanetária na Terra Socialista. Passageiros chegam e saem.
Num banco, Icar, São Pedro e M^{rs} Icar.*

CENA I

Icar, M^{rs} Icar e São Pedro.

SÃO PEDRO — É inútil. Os bolchevistas não são trouxas. Vocês viram a demagogia que eu desenvolvi na revisão do processo. Estava certo de que acabava comissário do povo para a Marinha. Vocês viram o resultado. Não me mandaram para a Judéia nem para o Volga, atendendo à minha decrepitude. Nisso eles são corretos. Mas sou como vocês dois um viandante perdido nas estradas do novo planeta. (*Apontando o cachorrinho Swendemborg.*) Para nos guiar, restituíram-me este traste do céu.

ICAR — Somos o proletariado de lama de Marx...

SÃO PEDRO — No Planeta Vermelho!

ICAR — A burguesia está liquidada na terra. O rádio anunciou o suicídio de Hitler e o empalamento de Chang Kai-Chek...

SÃO PEDRO — Mussolini fugiu para a lua com o rei!

ICAR — Não creio. Não vê que ele ia ficar num subúrbio da terra...

SÃO PEDRO — Talvez esteja escondido em Marte...

ICAR — O Partido Comunista de lá já é forte... E há muito antifascista! Qualquer dia liquidam ele!

SÃO PEDRO — Se ele chegou a Marte está salvo. Lá não admitem campanha antiguerreira...

ICAR — É o tipo do planeta reacionário!

M^{ME} ICAR — Melhor é nós cavarmos um passe para onde ainda exista cortesia e gente que tomou chá em criança. Quem sabe se nas vizinhanças de Marte eu encontro a ossada de meu finado esposo...

SÃO PEDRO — Pendurada numa nuvem!

M^{ME} ICAR — Na Via-Láctea!

ICAR — Continuas não me reconhecendo, Mariquinhas!

M^{ME} ICAR — Depois da análise do fêmur, fiquei mais confusa ainda.

SÃO PEDRO — Entregaram o resultado?

M^{ME} ICAR (*Batendo no fêmur que traz argolado ao pescoço.*)
— Descobriram que esta relíquia é de um fóssil...

ICAR — Então, meu não é!

M^{ME} ICAR — De um fóssil bíblico...

ICAR — É você Simão Pedro!

M^{ME} ICAR — Ou de um fóssil medieval!

SÃO PEDRO — É você, professor!

M^{ME} ICAR — Continuo perplexa e bígama!

CENA II

Os mesmos e a Baronesa de Monte-de-Vénus.

SÃO PEDRO (*A turista.*) — Uma esmola! Pelo amor do Deus das esferas... (*Tira uns sons de sanfona.*)

A BARONESA (*Aproxima-se comovida.*) — Pobres! São muito infelizes, sim?

OS TRÊS — Muito infelizes.

A BARONESA — Tiveram um lar, criados, rendimentos, salas de banho?

SÃO PEDRO — Tive uma fazenda, senhora!

M^{ME} ICAR — Agora é o proletariado que se lava. Nós andamos sujos.

SÃO PEDRO — Não tomo banho há 20 séculos! Desde que fui batizado no Jordão!

ICAR — Estamos cheirando mal.

A BARONESA — A revolução deixou-nos assim!

SÃO PEDRO — Prontos!

ICAR — Lisos!

M^{ME} ICAR — Sem teto!

A BARONESA — Barbaridade!

ICAR — Se quiser, podemos lhe contar a nossa terrível história ao som da sanfona.

A BARONESA — Não convém. Sabem? A GPU enxerga. Mas eu sei de tudo o que se passa... Já li o Paraíso Terrestre. Depois, a Imprensa de Marte está informada...

M^{ME} ICAR — A fidalga é de Marte?

A BARONESA — Não sou. Sou a baronesa do Monte-de-Vênus. Mas morei muito tempo em Marte. Depois na Lua. Sou até lunática naturalizada. Para estar mais à vontade aqui. Felizmente, conservo-me fiel aos princípios marcianos. Fui educada no Convento das Irmas Venéreas! Vou deixá-los. Podem desconfiar. (*Joga-lhes uma moeda.*) Deus os proteja e salve a Santa Mãe Terra!

A VOZ DO EMPREGADO DA GARE — Vai partil Marte, o Sol! Não pára na Lua! Recebe passageiros em correspondência para Júpiter, Vênus, Urano!

CENA III

Os mesmos, menos a Baronesa.

ICAR — Os meus balões!

SÃO PEDRO — Bonito! Nos deu um dólar de Marte! Agora é que são elas. Como é que vamos trocar dinheiro? Precisamos arranjar o visto da Fiscalização Bancária!

ICAR — Não vê que eles nos dão!

M^{ME} ICAR — Há uns vendedores de câmbio por aí...

SÃO PEDRO (*Com o dedo nos lábios.*) — Psiul! Câmbio negro.

ICAR — Eu conheço um. Tomei batida com ele outro dia.

M^{ME} ICAR — Por que é que chamam de câmbio negro?

ICAR — Foi um preto que inventou...

SÃO PEDRO — Olha! Lá vem um dos tais...

M^{ME} ICAR — Vamos chamá-lo.

CENA IV

Os mesmos e o Vendedor de Câmbio Negro.

ICAR (*Chamando.*) — Faz favor, cavalheiro!

O VENDEDOR — Chamou?

ICAR — Pode nos dispensar um minuto de atenção?

O VENDEDOR — Às suas ordens...

ICAR — Esse meu amigo recebeu uma herança...

O VENDEDOR — Herança?

ICAR — Sim, uma herança telegráfica. De Marte...

O VENDEDOR — Cheque?

ICAR — Não. Dólar!

O VENDEDOR — Já sei. Querem trocar. Não. Não faço desses negócios. Impossível. Não me dão cobertura.

ICAR — Mas tenha paciência. Escute. Não somos delatores.

O VENDEDOR — Impossível. Fuzilam-me, se descobrirem. Eu não vou me arriscar a isso... É na certa. Pro muro!

SÃO PEDRO — Damos 15%

O VENDEDOR — Inútil.

ICAR — Vinte e cinco!

O VENDEDOR — O senhor sabe que para nós que não nos conformamos com o novo régimen, os tempos estão duros. Não fazemos parte das cooperativas e temos que pagar caro o nosso protesto.

ICAR — Somos do mesmo setor social. Compreendemos que precisa ganhar. Sentimos muito não lhe poder dar maior lucro.

O VENDEDOR — Onde está a moeda? Vou ver se posso fazer alguma coisa.

ICAR (*Mostrando-a.*) — É um dólar de Marte...

O VENDEDOR — Dou dois mil-reis...

ICAR — Mas vale vinte!

O VENDEDOR — Então, troque noutro lugar...

ICAR — Mas isso é absurdo. O seu lucro é fantástico! Não pode ser.

O VENDEDOR — Meu caro senhor, somos os últimos burgueses da terra. Entre nós tem que ser assim. A liberdade de comércio e de lucro! Eu arrisco o meu capital...

Ouve-se lá fora uma descarga.

CENA V

Os mesmos e o Agente da GPU.

O AGENTE — E a tua cabeçal! Continuas a iludir, queres ainda negociar clandestinamente? Espião da propriedade privada! Ouviste a descarga. Foi o teu companheiro de balcão.

O VENDEDOR — Eu tenho família! Eu tenho filhos. Pelo amor de Deus!

O AGENTE — Inútil. És um reincidente! Devias saber que o que não convém ao enxame não convém à abelha. Vem daí.

O VENDEDOR — Eu pago! Eu entrego todo o meu lucro! Eu tenho dinheiro.

O AGENTE — No nosso régimen, quem se vende tem a tua sorte! Olha! Os pés dos que te fuzilarão já estão naquela porta. Marchal!

CENA VI

Menos o Vendedor e o Agente.

Pedro toca no acordeão uma marchinha militar.

ICAR — Vejam a que estamos reduzidos!

M^{ME} ICAR — Eu já estou conformada. O que me preocupa é só uma coisa, uma coisa só...

ICAR — O quê?

M^{NE} ICAR — Não ter visto a careta que ele fez quando morreu.

ICAR — Quem?

M^{ME} ICAR — Meu defunto!

Tumulto na plataforma. Sereias de alarme.

CENA VII

Os mesmos, o Carregador.

O CARREGADOR — Fugiu! Eh! Condessa! Padre Eterno! Vocês não viram passar por aí um burrinho?

SÃO PEDRO — Não.

O CARREGADOR — Mas por onde sumiu, esta béstia! Sacramento!
Isto é algum complô! Contra a segurança do Estado! Burro
capitalista!

ICAR — Que cor era?

SÃO PEDRO — Cor de burro quando foge!

O CARREGADOR — Estava endereçado à *Christian Science*...

ICAR — Onde?

O CARREGADOR — Em Marte. Segurem ele se passar por aqui.
Desgranhudo! Estava tão bem engradado! Béstia!

CENA VII

Menos o Carregador.

SÃO PEDRO — Vocês sabem que burro é esse? O burro que ia
ser deportado para Marte?

ICAR — Destinado à *Christian Science*?

SÃO PEDRO — Perfeitamente. É o burrinho de Cristo.

M^{ME} ICAR — O que entrou com ele em Jerusalém?

SÃO PEDRO — Esse burro apareceu três vezes: No nascimento
da criança, fazendo de aquecedor. Depois na fuga para
o Egito. Burro ensinado. Conhecedor de todos os caminhos
da terra! Em Jerusalém, era ele que conduzia o Messias...

ICAR — Por que será que ele fugiu agora?

SÃO PEDRO — Porque não é burro, é cavalo!

ICAR — Não entendo.

SÃO PEDRO — Você se lembra de quando o Poeta-Soldado levantou a multidão para a guerra por ocasião do nosso desembarque?

ICAR — Se me lembro!

SÃO PEDRO — Quando todos os cavalos da História e da Fábula acorreram ao chamado do seu alalá!

ICAR — Todos! Eu vil!

SÃO PEDRO — Nessa grande festa dos cavalos reacionários faltava um — o principal...

ICAR — Qual era?

SÃO PEDRO — O cavalo de Átila.

ICAR — De fato.

SÃO PEDRO — É o burro de Cristo. O que fugiu agora. O mesmo.

ICAR — E que ele pretende?

SÃO PEDRO — Dissimulado no mais pacífico dos animais, secar os corações por onde passa. Promover, na terra socialista, a reação e a desordem.

ICAR — Estás ficando bolchevista, Pedro!

SÃO PEDRO — Não. É o contágio da verdade. Sou um inutilizado para os esforços da socialização, mas conheço a história do mundo! Fui Moisés no Egito, Pedro em Roma... . Fui a lei antigal

Silêncio.

Hoje sou Moisés e Pedro no século de Lênin!

ICAR — A nossa desgraça devia te impedir qualquer simpatia para com os nossos inimigos...

M^{ME} ICAR — Eles se apropriaram de tudo que era nosso! Até dos filhos.

SÃO PEDRO — Para salvá-los talvez. Eles são a lei nova. Cumpriram o Apocalipse. Fizeram o juízo final na terra!

ICAR — Você é um caso perdido. Continua Judeu e profeta.

M^{ME} ICAR — Defende os homens maus.

ICAR — Roubararam a minha invenção. Fui o primeiro homem que passou o oceano atmosférico. Sou Icar. O inventor da estratosfera! A primeira ave que pousou viva no céu!

CENA IX

Mais o Empregado da Gare.

O EMPREGADO DA GARE — Que discurso é esse aí, garnisé?

ICAR — Fui eu o inventor dos Icaros interplanetários. Sem mim os homens atuais não teriam esta gare central que liga os astros pela navegação. Nem você teria o seu emprego.

O EMPREGADO DA GARE — De que te queixas? De teres produzido um benefício para a humanidade? Restituíste apenas o que ela te deu. Velho idealista, acreditas ainda que as invenções são obras de um só homem. Não vês como delas a humanidade se apropria serenamente. Quem inventou o fogo?

ICAR — Foi Prometeu!

O EMPREGADO DA GARE — Vives nos mitos. Não sabes que o inventor é apenas quem acrescenta a última pedra ao edifício, experimentando antes por inúmeros trabalhadores, anônimos e sacrificados?

ICAR — Não quero saber! Fui eu o primeiro!

O EMPREGADO DA GARE — O Icaro 3007 vai chegar. Vem nele uma caravana de turistas de Marte para visitar a terra socialista, o Planeta Vermelho, como dizem eles. Vais ver que fauna magnífica nos aranjou a tua invenção.

CENA X

Menos o Empregado da Gare.

Tumulto de chegada do navio aéreo.

SÃO PEDRO — São eles.

ICAR — Os marcianos.

M^{ME} ICAR — Talvez eles troquem a nossa moeda!

SÃO PEDRO — Você só pensa em dinheiro, mulher!

M^{ME} ICAR — Não vivo de brisas...

CENA XI

Os mesmos, os Marcianos.

É um pelotão de boy scouts idosos. Bigodeiras. Cuecas de couro. Cabos de vassoura. Aparelhamento completo de campanha. São guiados por um apito que o chefe faz soar incessantemente. Não deixam nem por um instante o passo de marcha.

O CHEFE — Entra na fila!

M^{ME} ICAR — São escoteiros!

SÃO PEDRO — De bigode!

ICAR — Não tem mulheres.

SÃO PEDRO — Não trazem de medo que sejam socializadas.

O CHEFE — Disciplina! O senhor está fora da fila! Precisamos dar exemplo!

ICAR — Mas eu li que ia chegar um balão só de mulheres!

M^{ME} ICAR — Estás louquinho para vê-las, cínico!

O CHEFE — Fila! Vamos! Mais uma vez peço que não concedam entrevistas! Um dois! Um dois!

Sai apitando na frente. Os Marcianos seguem-no procurando manterem-se em boa ordem.

CENA XII

Os mesmos, menos os Marcianos.

SÃO PEDRO — São todos capitalistas...

M^{ME} ICAR — Vê-se que é gente distinta.

ICAR — Mijam como nós!

M^{ME} ICAR — A derrota transformou vocês! Só eu que me conservo fiel aos meus princípios! Homens fracos!

SÃO PEDRO — Somos o passado.

ICAR — A decadência!

M^{ME} ICAR — Toque alguma coisa, Pedro!

SÃO PEDRO — Tocarei os nossos funerais. Os funerais de um mundo. (*Executa na sanfona a Marcha fúnebre de Siegfried.*)

ICAR (*Levantando-se.*) — Herói de Wagner e Júlio Verne, o meu ideal é um passe para Marte!

Tumulto na plataforma.

A VOZ DO EMPREGADO — Icaro 3007! Vai partir! Marte, Júpiter, Saturno, o Sol! Larga!

ICAR — O meu balão. Ah! Só há um túmulo digno de mim — a estratosferal (*Atira-se pela porta e desaparece esperneando numa corda que pende do Icaro em ascensão.*)

M^{ME} ICAR (*Soluçando alto.*) — Viúva de novo. Que irei fazer!

SÃO PEDRO — Abriremos uma venda. O pequeno comércio é permitido.

O CACHORRINHO — Aul! Aul! Aul! Aul! Aul!

SÃO PEDRO (*Levantando-se e tomando nas mãos o lulu.*) — Swendemborg! Fomos julgados!





COMPOSTO E IMPRESSO POR
SEDEGRA SOCIEDADE EDITORA E GRÁFICA LTDA.
RUA MATIPÓ, 101/115 — TEL.: 261-8160 — RIO-GB



fregas. A peça embora datada e apesar de suas ostensivas intenções polêmicas, está repleta de joiais trouvailles e de certeira crítica a muitos vícios e até superstições do sistema social em que se vivia.

Em 1937, edita num só volume as peças *A morta*, escrita nesse ano, e *O rei da vela*, redigida em 1933. A primeira é uma farsa solene de tons herméticos, de linguagem muitas vezes abstrata e trabalhada, de trágica poesia. É uma espécie de catarse de alguém que pertence a uma humanidade soterrada, ou seja, do poeta que se despoja dos seus privilégios e se liberta dos seus preconceitos para poder, de novo, exprimir os anseios humanos. É um livro de purgação. Nele Oswald se autoflagela. Na outra, o comediógrafo focaliza a decadência da economia cafeeira, os dramas da incipiente indústria nacional sem mercado interno, a luta de classes e dentro das classes no poder: a burguesia industrial, vinda da agiotagem, deixando-se envolver e se absorver pelo imperialismo norte-americano para assim conservar as suas regalias. Analisa a usura e as traficâncias do mundo dos negócios, a decadência do amor burguês e da própria sociedade capitalista. Mas esse tema grave é tratado por ele com esfusante verve e explosivo humor. A risonha e contundente crítica social e de costumes, exercida por Oswald em suas peças de teatro, levou Graciliano Ramos, sempre tão comedido, a escrever que o teatrólogo paulista era uma espécie de Beaumarchais brasileiro.

MÁRIO DA SILVA BRITO

Polêmico em

O HOMEM E O CAVALO,

tragicamente poético em

A MORTA,

explosivamente humorístico em

O REI DA VELA

— o teatro de

Oswald de Andrade

representa a contribuição que o Modernismo deu para a renovação da literatura cênica entre nós.

A risonha, mordaz e contundente crítica social e de costumes, exercida por

Oswald de Andrade

em suas peças teatrais, levou o sempre comedido Graciliano Ramos

a escrever que o teatrólogo paulista era uma espécie de Beaumarchais brasileiro.

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA